FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 17 DE JANEIRO DE 1963 ANO 42.º — NÚMERO 14 401

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O presidente Kubitschek recebeu na Cidade Universitária de Lisboa a medalha de catedrático português

No seu ultimo dia de permanência no nosso País, o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira visitou hoje a Cidade Universitária. Saiu da embaixada do Brasil, ás 13 horas e chegou ali, pouco depois, acompanhado pelo sr. dr. Donatelo Grieco, ministro conselheiro da chancelaria brasileira.

Foi recebido, á entrada da Reitoria, pelo prof. Paulo Cunha, reitor da Universidade Clássica de Lisboa e, depois de passar por entre duas filas de estudantes, que o aclamaram, o ex-presidente do Brasil assistiu a uma cerimónia de boas-vindas no salão nobre.

Encontravam-se também presentes o reitor da Universidade Técnica, prof. Leite Pinto; o director do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, prof. Gonçalves Pereira; o director da Academia Militar, general Buceta Martins; o comandante da Escola Naval, comodoro Laurindo dos Santos; membros do Senado Universitário, directores das Faculdades e algumas senhoras, entre as quais a esposa do prof. Paulo Cunha.

O prof. Paulo Cunha saudou o ilustre visitante, em nome dos universitários de Lisboa, lembrando a seguir, a ultima viagem de Kubitschek de Oliveira a Portugal, na qualidade de presidente do Brasil. Referiu que, nessa altura, havia tido ensejo de o pôr em contacto com o escol intelectual português; desta vez, fazia-o com os professores e alunos universitários.

Depois de aludir ao significado da actual visita, o reitor disse:

«Portugal tem-se sentido magoado, nos ultimos tempos, pelo facto do Brasil votar contra nós ou abster-se nas ignominiosas votações da O. N. U. Mas estamos certos de que tais atitudes não representam o sentir do nobre povo brasileiro e, muito menos, o de V. Ex.ª Vindo de terras distantes — e tão próximas pelo sangue e coração — Juscelino

(Continua na 13.ª página)

O dr. Kubitschek de Oliveira, seguido pelo prof. dr. Paulo Cunha e dr. Donatello Grieco, entra no edifício da Reitoria

O marechal Craveiro Lopes visitou Kubitschek

Às 10 e 30 apeava-se do seu automóvel á porta da embaixada do Brasil o sr. marechal Craveiro Lopes, que foi imediatamente recebido pelo sr. dr. Kubitschek de Oliveira. O antigo Presidente da Republica portuguesa, cuja viagem triunfal ao Brasil em 1957, se verificou durante a alta magistratura do dr. Juscelino Kubitschek, demorou-se a conversar cerca de meia hora com o antigo Presidente da Republica do Brasil.

Logo após a saída do sr. marechal Craveiro Lopes, entrou na embaixada do Brasil o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, cardeal-patriarca de Lisboa, que foi apresentar cumprimentos ao dr. Juscelino Kubitschek.

HUGH GAITSKELL

AGRAVOU-SE O ESTADO DE GAITSKELL

LONDRES, 17. — Agravou-se consideràvelmente o estado de Hugh Gaitskell, chefe do Partido Trabalhista britanico, que está a ser assistido por uma equipa de seis médicos.

Gaitskell, que conta 56 anos, encontra-se internado no Hospital Middlesex.

O estado de saude do dirigente trabalhista é considerado «gravíssimo» num boletim distribuído esta manhã pelo hospital. — (A. N. I. e F. P.).

Os E. U. A. vão assegurar a defesa saudita?

CAIRO, 17 — Os Estados Unidos aceitaram o pedido da Arábia Saudita para estabelecer uma rede de defesa aérea ao longo da fronteira com o Yemen—afirma num telegrama datado de Washington o jornal «A Ahram», do Cairo, invocando fontes de informações oficiais.

Segundo o jornal, os Estados Unidos estariam em vias de mandar para a Arábia Saudita «baterias antiaéreas, radar e equipamento de «controle», assim como uma missão de técnicos para instalar a rede, mas «sem se deixar envolver em operações militares».

As defesas seriam instaladas perto de Najkan que, conforme alega a Arábia Saudita, foi ultimamente alvo de bombardeamentos por aviões egípcios. — (A. N. I.).

Nota do dia

MAL-ESTAR

A Assembleia Nacional continua a ocupar-se da crise gravíssima que a lavoura atravessa e para cuja solução se têm mostrado insuficientes as providências tomadas com o propósito honesto de a debelar. Manda a verdade dizer que o tem feito com uma objectividade e uma isenção que só depõem a favor daquele órgão legislativo, entre cujas atribuições figura a de «fazer leis, interpretá-las, suspendê-las e revogá-las». À primeira vista, parece portanto que tem na sua mão a faca e o queijo para proceder a seu bel-prazer, segundo os ditames da sua consciência e de acordo com os superiores interesses da Nação. Na sessão de ontem, o assunto foi novamente debatido por dois deputados que se ocuparam dele com a maior elevação e perfeito conhecimento de causa. Chamando a atenção da Câmara e do Governo para a situação aflitiva em que se encontram os agricultores do Vale do Lis, e depois de expor as causas que estão na sua origem, o dr. Moura Ramos afirmou: «Lavra, por isso, justificada desorientação e desânimo nos proprietários ribeirinhos do Lis. Desorientação que se traduz...; desânimo que leva ao abandono do cultivo, ao despovoamento dos campos... ao crescente êxodo das populações rurais...». Na mesma ordem de ideias, o dr. Marques Fernandes declarou: «O desânimo vai-se apoderando deles (dos lavradores) e as esperanças vão-se desvanecendo, surgindo, sem alternativas, como única medida de sobrevivência, o abandono dos campos e, em tantos casos, o próprio abandono do País, através de uma emigração cuja clandestinidade supera a legal em alguns concelhos». Este é o panorama pouco animador que a economia agrícola do País oferece. Podem obtemperar-nos que, em face da irregularidade do clima, da pobreza do solo e das técnicas antiquadas que a nossa lavoura teima em seguir, não se podem fazer milagres. O prodígio depende, também, da maior ou menor competência do santo...

As negociações sobre a entrada da Inglaterra no Mercado Comum parecem estar à beira da rotura

BRUXELAS, 17. — Uma crise rebentou, inesperadamente, entre os ministros dos seis países membros do Euromercado, fazendo pensar numa possível ruptura das negociações com a Inglaterra para o seu ingresso na comunidade, que decorrem em Bruxelas.

O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Couve de Murville, pediu a convocação de uma sessão secreta para o estudo do procedimento a adoptar, á luz das declarações do presidente de Gaulle, na segunda-feira — revelam pessoas bem informadas.

Simultaneamente, foi interrompido o debate acerca dos regulamentos financeiros agrícolas.

Talvez o futuro das negociações sobre a adesão britanica ao Mercado Comum esteja em jogo nas actuais conversações entre os chefes das delegações dos «Seis», no sétimo piso do Ministério dos Negócios Estrangeiros belga — é a impressão dos observadores e dos jornalistas reunidos no salão de entrada, á espera de notícias.

Pessoas muito ligadas á comissão executiva do Euromercado disseram que a atmosfera «era muito má».

Os ingleses haviam manifestado a sua disposição de continuar as conversações, apesar das afirmações do presidente da França, e o chefe da delegação britanica, Edward Heath, lorde do Selo Privado, ha-

(Continua na 16.ª página)

Diario de Lisbôa
HOJE 24 PÁGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA»

Rebeldes venezuelanos roubaram em Caracas cinco valiosos quadros

CARACAS, 17.—Quinze assaltantes, armados de pistolas-metralhadoras e revólveres e que declararam fazer parte da Frente de Libertação Nacional (organização clandestina), penetraram ontem á noite no Museu de Belas-Artes de Caracas e conseguiram levar cinco dos quadros incluídos na exposição «Cem anos de Pintura Francesa», avaliados num total de 350 mil dólares (cerca de 1015 contos).

Depois de desarmarem os guar-

(Continua na 16.ª página)

VISADO PELA CENSURA

Presidência do Conselho

Com o prof. dr. Oliveira Salazar trabalhou, esta manhã, o subsecretário de Estado da Presidência do Conselho.

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

De ontem para hoje

A INDUSTRIALIZAÇÃO DO PESCADO

Recomeçou ontem o ciclo de conferências sobre a pesca, iniciativa destinada ao pessoal dos organismos da actividade piscatória. O Lar do Pescador estava inteiramente repleto para a conferência do dr. Luís Torres, a que presidiu o almirante Henrique Tenreiro, delegado do Governo junto dos organismos de pesca. O conferente versou com proficiência o tema «Industrialização do Pescado». Começou por expor a necessidade do aumento de consumo do peixe a fim de serem supridas as carências alimentares em proteína animal, carências generalizadas por todo o Mundo. Referiu-se, depois ao imperativo da existência de laboratórios de apoio á industria transformadora do pescado, para que seja atingido maior nível de produção e qualidade. Falou sobre a evolução dos equipamentos com o fim de que estas mesmas industrias alcancem um máximo de aproveitamento de matérias-primas em condições técnicas ideais, exemplificando com o que se está a passar nas modernas instalações de farinha de peixe e óleos vitaminados. Em seguida, traçou o quadro de uma possível expansão de novas industrias, tais como liofilização e enchidos de peixe. Considerando a congelação do peixe como uma industria de utilidade pública, por permitir em todo o País um consumo de peixe de boa qualidade, o que, por outro processo, não seria possível, terminou por evidenciar a vantagem dos métodos da congelação rápida sobre os contraproducentes métodos da congelação lenta, processo este incapaz de nos dar produtos de boa qualidade.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, em audiência, os srs. vice-almirante Armando Julio de Roboredo e Silva, chefe do Estado-Maior da Armada; eng. Basílio Freire Caeiro da Mata, eng. Hermenegildo de Faria Blanc, comandante José Simões Vaz e eng. Luís Albuquerque Couto dos Santos, da Empresa Insulana de Navegação. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado os srs. contra-almirante Joaquim dos Santos Oliveira Junior e Ernesto Tavares Pimenta.

DA JANELA À MORTE

O Nuno Miguel Colaço Dias tinha 2 anos e morava na Avenida Ressano Garcia. Ontem estava a brincar a uma das janelas do segundo andar de sua casa. Debruçou-se tanto da janela que caiu á rua. Ainda foi levado imediatamente ao Hospital de Santa Maria, mas ali os médicos limitaram-se a verificar o óbito.

TRUCIDADO PELO COMBOIO

A pouca distancia da estação de Lamarosa, o comboio colheu e matou o motorista de praça sr. Alfredo Pires Lourenço, de 29 anos, de Tomar. A vítima, casado, deixa uma filhinha de dois anos...

NA AVENIDA DA REPÚBLICA

A enfermeira D. Mercedes Viegas Pereira Caneco, de 27 anos, ia a atravessar ontem, á noite, a Avenida da Republica. Veio um carro, guiado pelo sr. Eduardo Igrejas, industrial, que a colheu e derrubou. Muito contusa, o mesmo carro a conduziu ao Hospital de Santa Maria, onde ficou internada.

A biblioteca de um jornalista vendida em leilão

Geraldo Soares, jornalista de mérito, redactor do nosso prezado colega «O Século», é daqueles colheiteiros mais assíduos nos alfarrabistas e leilões de livros. Folhetos e livros raros foi juntando como todo aquele que tem uma paixão. De Coimbra trouxe a paixão da cidade universitária e foi coleccionando tudo o que á vida académica diz respeito; e o amor ás ilhas em que nasceu tornou-o coleccionador de tudo o que se refere aos Açores.

Foi juntando livros e folhetos, mas chegou a dada altura em que tinha muitas outras espécies que a essas duas paixões se vieram juntar. E a falta de espaço dava quebra-cabeças ao bibliófilo que resolveu conservar apenas aquelas duas secções da sua biblioteca e desfazer-se de tudo o mais. E aí está a história do próximo leilão de livros de Arnaldo de Oliveira, que principia na próxima segunda-feira á noite.

Desde o «Real Teatro de S. Carlos», de Benavides, á primeira edição do «Crime do Padre Amaro» são muitas as espécies raras ali reunidas e que se irão dispersar a quem mais der.

É o 242.º leilão de livros de Arnaldo de Oliveira e o catálogo abre com uma carta de Geraldo Soares em que dá conta dos seus sonhos desfeitos. Um deles era legar os milhares de volumes á cidade da Horta onde nasceu, mas não o pode concretizar. Por isso os livros se dispersam agora.

O Governo autorizou diversas Câmaras Municipais a contrair empréstimos num montante superior a 24 000 contos

O ministro das Finanças despachou favorávelmente no sentido das Camaras Municipais abaixo mencionadas poderem contrair na Caixa Geral dos Depósitos empréstimos para os seguintes fins:

Camara Municipal de Chaves (9 mil contos), para ampliação do Bairro da Bela Vista, remodelação do matadouro e serviços de abastecimento de água e luz; Camara Municipal da Guarda (5400 contos), para ampliação do Hotel de Turismo; Camara Municipal de Manteigas (1300 contos), para a construção do edifício dos Paços do Concelho; Camara Municipal do Montijo (1000 contos), para a construção do edifício da Escola Industrial e Comercial; Camara Municipal de Abrantes (700 contos), para serviços relacionados com o abastecimento de água; Camara Municipal de Sines (1040 contos), para serviços idênticos da rubrica anterior; Camara Municipal de Torres Vedras (2750 contos) para electrificação de freguesias; Camara Municipal de Ribeira Brava (1223 contos), para a construção de um bairro destinado a famílias desalojadas; Camara Municipal de Montemor-o-Novo (1000 contos), para trabalhos de electrificação; Camara Municipal de Vila Viçosa (680 contos) para remodelação de rede de distribuição de energia eléctrica; Camara Municipal de Carrazêda de Ansiães (550 contos), para abastecimento domiciliário de água.

AS ACTIVIDADES do Skal Clube

Com um almoço de convívio, no Hotel Embaixador, no qual participaram 40 pessoas, o Skal Clube de Lisboa iniciou, hoje, a sua actividade do corrente ano. Após a refeição o sr. dr. Rui Leitão fez um relato do que observou no recente Congresso Internacional dos Skals Clubes, que decorreu no México.

CONTENTE

CALÇADOS DE GRANDE LUXO COM A COLABORAÇÃO DE

JEAN *Bottier Parisien*

DESTRO EMILIO *Modelista — Milão*

AGORA AOS PREÇOS DO «PRET-A-PORTER»

R. S. JUSTA, 98-100

35 MIL CONTOS apurou no ano de 1962 o Banco Português do Atlântico

Estão publicados o relatório e as contas do Banco Português do Atlantico relativos ao exercício de 1962 e que a assembleia geral ordinária deverá apreciar na sua reunião de 2 de Fevereiro próximo. A assembleia geral reunirá na sede social no edifício do Palácio Atlantico, no Porto.

No relatório refere-se que o Banco foi autorizado a instalar uma agência na vila de Alhos Vedros e mais uma dependência no Ameal, na cidade do Porto. Quanto á actividade do estabelecimento de crédito em pleno desenvolvimento regista o relatório a seguinte e significativa evolução:

«Verifica-se o reconhecimento dos seus objectivos de bem servir ao considerarmos o volume cada vez maior dos capitais que lhe são confiados, por um lado, e por outro, a progressiva solicitação de crédito que as actividades económicas nacionais lhe vêm dirigindo.

«Assim o volume de depósitos subiu, no decurso de 1962, de cerca de 3 milhões e meio de contos, para mais de 4 milhões e duzentos mil contos — precisamente 4 212 541 096$18 — o que representa um aumento apreciável.

«Idêntica evolução pode observar-se no crédito distribuído pelo Banco, sendo de salientar, o seu montante, cerca de treze milhões de contos, e o saldo que a carteira comercial apresenta no fim do exercício, 2 553 637 233$50».

O relatório vem assinado pelo presidente do Conselho de Administração, sr. Artur Cupertino de Miranda e pelos administradores srs. Braz Cabrita de Almeida Conde e drs. Acácio Barreiros e Alberto Pires de Lima.

O activo registado no balanço de 31 de Dezembro findo foi de 12 666 646 616$03 e o passivo de igual montante. Entre os numeros salientam-se os depósitos á ordem, em moeda nacional, no total de 2 858 980 443$51 e os depósitos a prazo, também em moeda nacional, 1 352 109 179$57. O capital e reservas que se elevam a 242 500 000$00 os lucros líquidos do exercício que sobem a 35 139 contos.

Desta ultima verba propõe-se que 10 mil contos sejam atribuídos como dividendo ao capital, 16 486 contos sejam para fundo de reserva variável e 3 514 contos para fundo de reserva legal; 3 mil contos seriam para a flutuação de valores e 2 139 contos para conta nova.

A actividade do Banco da Agricultura no ano de 1962

Assinado pelos administradores, drs. Alfredo Praça Cunhal, António de Sampaio Castelo Branco, Cruz Filipe, Cavaleiro de Ferreira e Mário de Miranda Monteiro, está publicado o relatório de Banco da Agricultura sobre a gerência do ano de 1962.

O relatório assinala um acréscimo de depósitos que representam mais de 50 % sobre o ano anterior e a sequente melhoria de todas as rubricas produtivas, «estas e aquelas reveladoras afinal da verificada confiança publica que muito nos apraz registar.

O activo elevou-se a 1 125 249 413$25 e o passivo a igual verba. em 31 de Dezembro, os depósitos á ordem, em moeda nacional eram de 252 304 083$33 e os depósitos a prazo, também em moeda nacional eram de 116 681 587$50.

O capital e reservas elevam-se a 55 725 contos e os lucros líquidos do exercício foram de 6 171 contos.

A assembleia geral está convocada para as 15 e 30 do dia 24 de Janeiro corrente.

meias ULTRASON

DIVERSÕES TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

Atrás do reposteiro

- Na peça «Ratos e Homens», o próximo espectáculo do Teatro Moderno de Lisboa, participam os actores Fernando Gusmão e Tomás de Macedo (as figuras centrais, respectivamente «George» e «Lenie»), Costa Ferreira (responsável também pela encenação), Jaime Santos, Morais e Castro, Carlos Cabral, Armando Caldas, António Sarmento e a estreante Sandra Maria. A estreia da peça está prevista para a próxima semana.
- Os actores Francisco Ribeiro (Ribeirinho) e Henrique Santana estão a escrever uma comédia que se destina ao Teatro Monumental. Com esse espectáculo projecta Ribeirinho regressar ao palco.
- Os actores Gina Santos, José de Castro, Fernando Gusmão, Rui de Carvalho, Pedro Lemos, Tomás de Macedo, Varela Silva e os pequenos Carlos Fernando e Paulo Lucena participam nas filmagens de «O Rapto», película que, segundo a peça de Figueiredo de Barros, a R. T. P. apresentará brevemente. A realização do filme é de Fernando Frazão.
- Os elementos masculinos da peça infantil original de Francisco Nicholson serão os actores Luís Horta, Francisco Nicholson, Vítor Mendes e Mariano Franco.

NO D. MARIA II

Mantém-se a carreira triunfal de «Os Maias»

Na noite de estreia de Henriette Morineau, em 23, a peça de grande êxito, «Os Maias», representar-se-á á tarde, para que não se interrompa a carreira sensacional do mais belo espectáculo dos ultimos anos. Depois, no dia 25, volta á sua hora habitual, 21 e 30, enquanto «Sorriso de pedra» passa para as 18 e 30.

Continua, portanto, no D. Maria II a carreira triunfal de «Os Maias», que todos admiram, exaltam e aclamam. Trata-se, de facto, de um espectáculo maravilhoso — verdadeiro festival de teatro português.

Último espectáculo com «Peraltas e Sécias»

Para satisfazer inumeros pedidos, haverá hoje, ás 17 e 30, a preços populares, mais um espectáculo com o famoso e luxuoso espectáculo «Peraltas e Sécias», de Marcelino Mesquita. Esta será a ultima tarde em que se apresenta um cartaz que tão grande êxito alcançou.

Henriette Morineau apresenta em Lisboa o grande êxito da sua carreira — «Sorriso de pedra»

Um dos grandes nomes do teatro brasileiro é, hoje, Henriette Morineau, de origem francesa, nascida em Niort e que fez a sua estreia teatral aos 14 anos. Frequentou o Conservatório de Paris, foi discípula laureada dos maiores mestres da Comédie Française, conquistou um primeiro prémio de Tragédia, representou em Paris, andou em «tornées» por toda a França, a Bélgica, e a Africa do Norte, até que o casamento a levou para o Rio de Janeiro. Quando, em 1941, Louis Jouvet apareceu no Brasil, exilado, com os restos da sua companhia, foi a Henriette Morineau que se dirigiu para lhe dar, no palco, o grande apoio de que necessitava. E Henriette representou com o inesquecível mestre por toda a América do Sul.

Em 1945, já senhora da língua do seu país de adopção, começou a representar em português. E, de então para cá, a sua carreira artística no Brasil tem sido uma sucessão de enormes êxitos, como intérprete e realizadora de espectáculos. Por isso, o Brasil se orgulha desta excepcional comediante, que vamos ver na noite de quarta-feira, no D. Maria II, em «Sorriso de pedra», de Pedro Bloch. É um dos seus êxitos mais retumbantes.

NO TRINDADE

Estreia-se hoje a famosa comédia inglesa «Escola de má-língua»

No Trindade estreia-se esta noite a peça em três actos, de Sheridan, «Escola de má-língua», a melhor comédia inglesa, obra-prima de humor, graça e fantasia. A interpretação foi entregue ao excelente elenco da Companhia Nacional de Teatro (subsidiada pelo Fundo de Teatro), constituída pelos apreciados artistas Brunilde Judice, Alves da Costa, Álvaro Benamor, Virgilio Macieira, António Anjos, Fernanda Montemor, Joaquim Rosa, Maria Albergaria, Maria José, Mário Pereira, Nicolau Breyner, Rui Furtado, Manuel de Oliveira e Octávio Borges. O director artístico, António Manuel Couto Viana (Prémio da Crítica de 1961; Prémio do S. N. I. de 1962), reuniu para a sua excelente encenação um escol de artistas e técnicos composto por Hernani Lopes (cenários), Mário Alberto (figurinos), Maria Alice Nicholson (a direcção do guarda-roupa), Mário Alberto e José Manuel (cenografia), Joubert de Carvalho (contra-regra), Joaquim Esteves (maquinista), António Ferreira (electricista), Castela Esteves (sonoplastia), Álvaro Teixeira (ponto). A direcção de cena foi entregue ao actor Virgilio Macieira.

Com a tradução de Moura Roiz, perfeitamente de acordo com o espírito da época, deu a Couto Viana mais uma oportunidade de se realizar um espectáculo de magnífico acerto e expressividade. Tudo leva a crer que «Escola de má-língua» será o espectáculo do ano, assinalando-se o invulgar interesse á volta da apresentação deste espectáculo de invulgar categoria.

NO AVENIDA

Últimos espectáculos com a irresistível comédia «Operação Bossa Nova»

Após a transmissão directa pela TV do espectáculo do Teatro Avenida, ficou o grande público a par da categoria excepcional da notável comédia de Miguel Mihura, «Operação Bossa Nova», interpretada por excelente companhia da qual fazem parte a notável comediante Madalena Sotto, ao lado de Augusto Figueiredo, prémio do Teatro de 1961; Beatriz de Almeida, Alberto Ghira, Luís de Campos, Vasco de Lima Couto e a estreante Maria da Nazaré. O público tem apenas quatro dias para ver e aplaudir esta comédia que tanto interesse despertou nos telespectadores, em virtude de compromissos há muito firmados pela empresa para a estreia de «O milagre de Ana Sullivan», de William Gibson, espectáculo de alto nível artístico, que será apresentado no mesmo teatro dentro de breves dias. «Operação Bossa Nova», de hoje até domingo, todas as noites, ás 21 e 45; e no domingo, ás 16 horas, ultimo espectáculo.

NO ABC

«O gesto é tudo!», uma revista popular de grande êxito

No ABC mantém-se em pleno êxito a alegre revista popular «O gesto é tudo!», por uma grande companhia na qual Salvador reaparece triunfalmente.

Espectáculo pleno de comicidade e alegria, dinâmico, colorido, ao gosto popular, tem como seus principais e irresistíveis intérpretes, além de Salvador, Berta Loran, Camilo de Oliveira, Irene Cruz, a grande revelação do momento; Valentina Félix, Luís Horta, Francisco Nicholson, Vítor Mendes, Mariano Franco, Manuela Maria, Helena Amoretty, Janine Cardoso, Gina

(Continua na 6.ª página)

A festa de despedida de Carlos Alves com meia centena de artistas

O popular actor-cómico Carlos Alves despede-se hoje do publico e do Teatro, após mais de quarenta anos de actividade, com uma festa que lhe dedicam colegas e amigos e se realiza no Capitólio.

O programa é verdadeiramente sensacional e nele tomam parte mais de cinquenta artistas do Teatro, do Fado, da Rádio e da Televisão e de variedades, tudo nomes bem conhecidos e admirados pelo publico. É um programa verdadeiramente excepcional, com excelentes cómicos, belíssimos cantores e cançonetistas, um lindo friso de «girls», categorizados fadistas, etc., numa parada invulgar de «vedetas». Só a excelente camaradagem de todos os artistas convidados por Carlos Alves possibilitou a organização do programa.

Por tudo isto a festa desta noite no Capitólio ficará assinalada como um dos mais belos espectáculos até hoje organizados e não admira, portanto, que haja pouquíssimos bilhetes, que estão á venda nas bilheteiras do Teatro.

Ao entrar triunfalmente no seu 4.º MÊS DE REPRESENTAÇÕES E ENCHENTES NO

TEATRO MARIA VITÓRIA

Telef. 31740 — AD. M/ DE 17 ANOS — EM 2 SESSÕES, ÀS 20.45 E 23 H.

A REVISTA QUE O PÚBLICO E A CRÍTICA CONSIDERAM A MELHOR DOS ÚLTIMOS ANOS!

PÕE-TE A PAU!

ORIGINAL DE **JOSÉ GALHARDO** E **JOÃO NOBRE**, COM MUSICA DE **JOÃO NOBRE** E **JOÃO DE VASCONCELOS**

QUE SE CONTINUA A REPRESENTAR INTEGRAL, COM TODOS OS SEUS NUMEROS DE SUCESSO

HERMES PORTELA VALORIZA-A AINDA MAIS, TENDO A HONRA DE APRESENTAR

AMANHÃ EM ESTREIA

ENRIQUECENDO O SEU JÁ COLOSSAL ELENCO DE QUE FAZEM PARTE:

AIDA BAPTISTA — COSTINHA — JOSÉ VIANA — LUÍSA DURÃO — EMÍLIO CORREIA — MARIA DO ESPÍRITO SANTO — LUCINDA AMARAL — MARIA VITÓRIA — OCTÁVIO DE MATOS, FILHO — BARROSO LOPES NO «COMPÈRE» E AS GRANDES ATRACÇÕES:

MAY AVRIL — MARIA HELENA — ALBERTO GRAZIANO E MANUEL SEIA

THE DAL RAYS

MARIA ALICE FERREIRA

QUE VOLTA AO TEATRO ONDE SE ESTREOU BRILHANTEMENTE

MARIA ALICE FERREIRA

E AS FAMOSAS **ATRACÇÕES INTERNACIONAIS**

THE DAL RAYS DO LIDO DE PARIS

BAL CARON TRIO DO LIDO DE PARIS

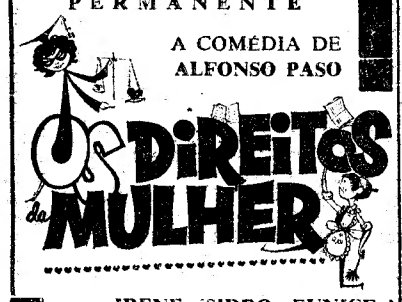
BAL CARON TRIO

TORNANDO ESTA POPULAR REVISTA DE GRANDE MONTAGEM NO MAIOR E MELHOR ESPECTÁCULO ATÉ HOJE APRESENTADO EM PORTUGAL

ATENÇÃO: DEVIDO À ENORME PROCURA, BILHETES À VENDA ATÉ AO FIM DA PRÓXIMA SEMANA!

MONUMENTAL

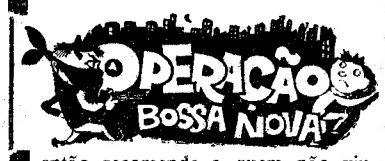
VASCO MORGADO apresenta
EM PLENO ÊXITO!
Às 21.45 h. — (ADULTOS)
A SUA NOVA COMPANHIA
«TEATRO ALEGRE»
NUM DIVERTIMENTO
DE GARGALHADA
PERMANENTE
A COMÉDIA DE
ALFONSO PASO



com IRENE ISIDRO, EUNICE MUÑOZ, ASSIS PACHECO, HENRIQUE SANTANA, MARIA HELENA, CÁRMEN MENDES, HENRIQUE SANTOS, LUCIA MARIANI e HENRIQUE VIANA

SÁBADO: 2 SESSÕES

GOSTOU
DE VER TV NA
A COMÉDIA DE
MIHURA
EM CENA NO
AVENIDA?



então recomende a quem não viu, este bom espectáculo de teatro com desempenho de
MADALENA SOTTO
AUGUSTO FIGUEIREDO
BEATRIZ DE ALMEIDA
ALBERTO GHIRA
LUÍS DE CAMPOS
VASCO DE LIMA COUTO
MARIA DA NAZARÉ
ENCENAÇÃO DE JOSÉ VIANA
(MAIORES DE 12 ANOS)
4 ÚNICOS DIAS
Em virtude de compromissos tomados para estreia dentro de dias da famosa peça
O MILAGRE DE ANA SULLIVAN
— 6 ANOS —

NACIONAL
HOJE E TODAS AS NOITES
21 e 30
17 ANOS
O ÊXITO GRANDE
OS MAIAS
DIA 23, ÀS 22
HENRIETTE MORNEAU
em «SORRISO DE PEDRA»

«RATOS E HOMENS»

um espectáculo de sensação que o Teatro Moderno de Lisboa apresenta no Império

É aguardada com invulgar interesse a estreia, que se anuncia para breve, do segundo espectáculo apresentado no Império pela Companhia do Teatro Moderno de Lisboa nesta temporada.

É a famosa peça de John Steinbeck (Prémio Nobel — 1962), «Ratos e Homens» interpretada por Fernando Gusmão (na figura de Jorge), Tomás de Macedo (no Lennie), Costa Ferreira, Raul de Carvalho, Jaime Santos, Morais e Castro, António Sarmento, Armando Caldas, Carlos Cabral e a estreante Sandra Maria.

O genial autor de «As Vinhas da Ira» e de «A Leste do Paraíso» não faz apenas a história de uma evolução social, não desenha unicamente um panorama local; é um psicólogo profundo que não esquece os problemas sociais.

Em «Ratos e Homens», desenvolve, precisamente, um conflito encarado nestes dois angulos. Profundo, humano, refinado como um extraordinário escritor de penetração psicológica que não deixa na alma das suas personagens uma sombra ou uma reacção injustificada, Steinbeck ergue uma epopeia social que faz comungar os burgueses de qualquer cidade da Europa com os trabalhadores rurais da Califórnia do Sul.

A encenação a cargo de Costa Ferreira, foi conduzida com o maior respeito pelas intenções da obra. A caríssima montagem (os cenários são de Octávio Clérigo, executados por Mário Garcia e Teodoro), com aproveitamento total das dimensões excepcionais do palco do Império, vai surpreender o publico e valorizar extraordináriamente o interesse surgido com a apresentação desta moderna peça.

Não há duvida, a Companhia do T. M. L., não subsidiada, propõe-se continuar a alvoroçar o meio teatral português, pelo nível das suas realizações, e pela indiscutível qualidade dos originais seleccionados.

HOJE Às 21.45 h. no
CAPITÓLIO
Telef. 327493

Festa de Despedida
do querido e popular actor
CARLOS ALVES
Uma grande parada dos maiores nomes do Teatro, Rádio, Televisão, Fado e Variedades

DE TEATRO: António Silva, Elvira Velez, Salvador, Camilo de Oliveira, Guilherme Kjolner, Domingos Marques, Tomé de Barros Queiroz, António Spina e, ainda, Hermínia Silva

DA RÁDIO e TELEVISÃO: Alice Amaro, António Calvário, João Maria Tudela, Madalena Iglezias, Mara Abrantes e o Trio Harmonia

DO FADO: Berta Cardoso, Maria Albertina, Mariana Silva, Filipe Pinto, Sérgio, Joaquim Cordeiro e ainda Carlos Ramos e Fernando Farinha

VARIEDADES: Max, Artur Ribeiro e o ilusionista Conde de Aguilar

No final do espectáculo a Companhia do Teatro Maria Vitória num momento da revista de grande êxito «Põe-te a pau!», com Aida Baptista, Costinha, José Viana, Luísa Durão, Octávio de Matos Filho, Barroso Lopes no «compère», as grandes atracções May Avril, Maria Helena e Manuel Seia, bailarinas e bailarinos e «girls»

4 ORQUESTRAS DIRIGIDAS POR 4 MAESTROS: António Melo, Fernando Carvalho, Carlos Dias e João de Vasconcelos

LOCUÇÃO de Igrejas Caeiro e Artur Agostinho

BILHETES À VENDA!

17 anos

Na Maria Vitória

Maria Alice Ferreira e as famosas atracções do «Lido», de Paris, na revista «Põe-te a pau!», a partir da amanhã

Novas atracções enriquecem a fulgurante revista do Maria Vitória, «Põe-te a pau!» ao entrar triunfalmente, no seu quarto mês de representações e enchentes. Considerada pela crítica e pelo publico como a melhor revista dos ultimos anos, vai surgir agora ampliada e enriquecida com novos valores e motivos de indiscutível interesse que tornarão mais estrondoso este êxito excepcional. Do seu notável elenco fazem parte, Aida Baptista, Costinha, José Viana, Luísa Durão, Emílio Correia, Maria do Espírito Santo, Lucinda Amaral, Maria Vitória, Octávio de Matos (filho), Barroso Lopes, no «compere», e as grandes atracções May Avril, a estonteante vedeta do «Folies Bergere», Maria Helena, a rainha da canção do Brasil, Alberto Graziano e o seu «acordeon» mágico e o cantor português Manuel Seia. Agora, a partir de amanhã, a colaboração preciosa de Maria Alice Ferreira, que volta ao teatro onde brilhantemente, se estreou, e das grandes atracções do «Lido de Paris» «The Dalrajs», autênticos reis da comicidade em acro-mania e o «Trio Balcaron», os melhores artistas do género, nas mais belas atitudes ritmo-acrobáticas. Nos seus bailados, pleno de graça e fantasia as discípulas e discípulos de Charles, o nosso primeiro coreógrafo, bailarinos bailarinas e «girls» continuam a obter o maior êxito e o publico continua a admirar com o maior encanto, a deslumbrante montagem de Hernani e Rui Martins, os maravilhosos figurinos de Pinto de Campos e o guarda-roupa dos afamados «Atelieres Paiva», confeccionado sob a direcção de mestra Josefina Soares.

Devido á enorme procura, os bilhetes estão á venda até o fim da próxima semana. Espectáculo para maiores de 17 anos, em duas sessões, ás 20 e 30 e 23 horas.

NOVO ASSISTENTE de vendas da Century-Fox

Foi nomeado assistente da divisão continental da 20 th Century-Fox o sr. George Pilzer, que tomou posse do seu novo cargo no princípio do mês, na sede europeia, em Paris, daquela companhia cinematográfica.

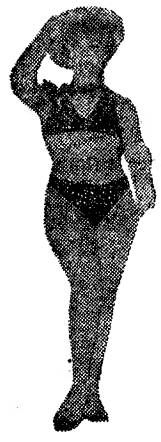
Berta Loran e Camilo de Oliveira

NO TEATRO
ABC
P.ª Ad. M/ de 17 anos
Telef. 366745
Em 2 sessões às 20.45 e 23 h.

A REVISTA DOS ASES!
com
SALVADOR
BERTA LORAN
CAMILO DE OLIVEIRA
LUIZ HORTA, FRANCISCO NICHOLSON, VICTOR MENDES, MARIANA FRANCO, MANUELA MARIA e HELENA AMOLETTY

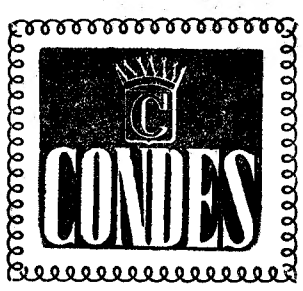
JOSÉ MIGUEL APRESENTA
EM PLENÍSSIMO SUCESSO
O GESTO É TUDO!
O ÊXITO POPULAR DE QUE LISBOA INTEIRA FALA PORQUE É UM ESPECTÁCULO ADMIRÁVEL DE RITMO, GRAÇA, ALEGRIA E COR!!!

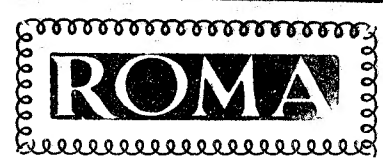
A REVISTA das REVELAÇÕES!
com
IRENE CRUZ
a actriz que chegou e venceu!
VALENTINA FELIX
e a insinuante vedeta sul-americana
NANCY MONTES

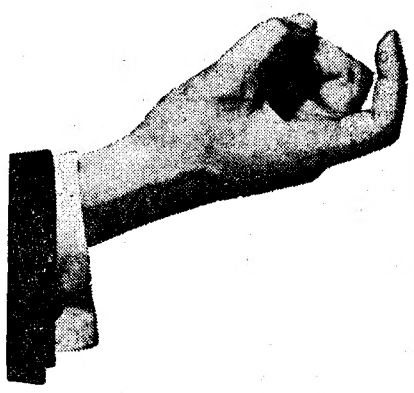

Nancy Montes

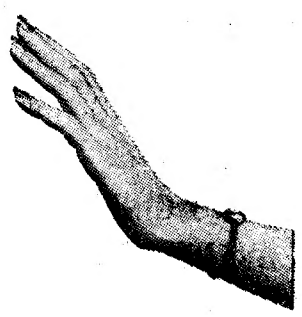
TRINDADE (F. N. A. T.)
ESCOLA DE MÁ-LÍNGUA
HOJE ESTREIA às 21.30 h.
de SHERIDAN
com BRUNILDE JÚDICE, ALVES DA COSTA, ALVARO BENAMOR, VIRGÍLIO MACIEIRA, ANTÓNIO ANJOS, FERNANDA MONTEMOR, JOAQUIM ROSA, MARIA ALBERGARIA, MARIA JOSÉ, MÁRIO PEREIRA, NICOLAU BREYNER, RUY FURTADO, MANUEL DE OLIVEIRA e OCTÁVIO BORGES
Encenação, marcação e direcção de ensaios de
ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA
Cenários de **Hernani Lopes.** Figurinos de **Mário Alberto.** Cenografia de **Mário Alberto** e **José Manuel.** Contra-regra **Jubert de Carvalho.** Maquinista **Joaquim Esteves.** Electricista **António Ferreira.** Sonoplastia de **Castela Esteves.** Direcção do guarda-roupa **Maria Alice Nicholson.** Ponto **Álvaro Teixeira**
PLATEIA 40$00, 25$00 e 10$00 CAMAROTES 80$00, 60$00 e 35$00
BALCÃO 20$00, 10$00, 7$50 e 5$00 GALERIA 2$50
«MATINÉE» AOS SÁBADOS Às 17 h. ESTUDANTES preço ÚNICO 10$00
PREÇOS PARA BENEFICIÁRIOS DA F. N. A. T.
Plateia 5$00 — Balcões, 5$00, 4$00 e 2$50 — Galerias, 1$50 — Frisas e camarotes, 25$00 — BILHETES À VENDA
ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE DOZE ANOS

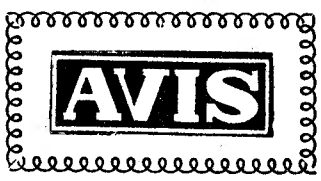
Tágide
RESTAURANTE DOS BONS «GOURMETS»
Apresenta
no salão de Dança
ZELINDA ISABEL
e
MANUELA SILVA
Conjunto de: HELIO GREVI, animado por TITO
(MAIORES DE 17 ANOS)











CONDES

Às 15,30 21,45
21,30

5 SEMANAS

SIMULTÂNEAMENTE EM DOIS CINEMAS

ROMA

Às 15,15 - 21,45
(ADULTOS)

CORRESPONDEM A

10 SEMANAS DE EXIBIÇÃO

UM ÊXITO SEM PRECEDENTES!

CARY GRANT **DORIS DAY**

EASTMANCOLOR

PANAVISION

"That Touch of Mink"

GIG YOUNG

AUDREY MEADOWS

CARÍCIAS DE LUXO

«O ARGUMENTO MALICIOSO É PARA ADULTOS — ESPECIALMENTE PARA ADULTAS E O ESPECTÁCULO É DO MAIS ALTO NÍVEL!»
(DIÁRIO DE LISBOA)

UNIVERSAL-INTERNATIONAL

ARG.: STANLEY SHAPIRO e NATE MONASTER ● REAL.: DELBERT MANN ● PROD.: STANLEY SHAPIRD e MARTIN MELCHER ● PROD. EX.: ROBERT ARTHUR

DOPERFILME

5.ª SEMANA

AVIS

Às 15,15 - 18,15 - 21,45
À TARDE: 6 ANOS
À NOITE: 12 ANOS
TALMA FILMES

CARREIRA TRIUNFAL DE UM ESPECTÁCULO MARAVILHOSO ENTERNECEDOR E DIVERTIDO!

MARISOL

NA SUA MAIOR CRIAÇÃO ARTÍSTICA

TÔMBOLA

A CANÇÃO QUE TODOS CANTAM!
— EASTMANCOLOR —

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — O LEÃO — POLITEAMA

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)
AVENTURAS DE UM JOVEM
Um filme extraído de histórias de **Hemingway.**
Com **Richard Beyner, Dianne Baker** e **Paul Newman**

CAPITÓLIO — Tel. 327493
A's 15 horas (M. 17 anos)
Um filme de acção dramática
Jamais o cinema apresentou cenas tão impressionantes e realistas como em...
ZONGA
A's 21.45 — **Festa de despedida a CARLOS ALVES** (M. 12 anos).

MONUMENTAL — Telefone 555131
A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
5.ª e ultima semana de um grande êxito
Marlon Brando — Trevor Howard Richard Harris
REVOLTA NA BOUNTY

CINEMA IDEAL — Telefone 324194
A's 21 horas (M. 12 anos)
VIOLÊNCIA EM TÓQUIO
QUADRILHA DE AMOR

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15 (M. 17 anos)
OS DEGRAUS DO TERROR
com **Colleen Miller**

CASINO ESTORIL
Às 17 (M. 12 anos) e 21.30 (M. 17 anos)
O SR. HOBBS VAI DE FÉRIAS
com James Stewart

TERRASSE — Telefone 320917
A's 21 horas (M. 12 anos)
UM REI EM NOVA YORK
O ÍDOLO DO PÚBLICO

ROYAL — Telefone 865037
A's 21 horas (M. 12 anos)
ADA
O RESGATE

POLITEAMA — Telefone 326305
A's 21.30 (M. 12)
EM ESTREIA
UM GRANDIOSO FILME DE PAIXÕES BRAVIAS
O LEÃO
com **Capucine — William Holden** e **Trevor Howard**
Maravilhosa história de um amor violento entre perigos terríveis.
Cinemascopio — Col. De Luxe

EDEN — Telefone 320768
A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 12 anos)
O filme de alto nível em Tecnicolor
DIPLOMACIA DE SAIAS
com **Rosalind Russell** e **Alec Guiness**
Em complemento: **MANUEL DE OLIVEIRA, NA CORRIDA DE S. SILVESTRE, EM S. PAULO.**

ALVALADE — Telefone 763088
Às 15 (p. red.) e 21.30
4.ª SEMANA (M. 12 anos)
HATARI
Um maravilhoso novo mundo de divertimento
com John Wayne — Elsa Martinelli

SÃO LUIZ — Telefone 327172
A's 15 e 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos)
Rigoroso exclusivo
4.ª semana
HATARI
com John Wayne, Elsa Martinelli e Michele Girardon

ODEON — Telefone 326283
15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
EM 5.ª SEMANA DE LOTAÇÕES ESGOTADAS!
Uma obra-prima de puro romantismo
A RAINHA DO CHANTECLER
com a famosa SARA MONTIEL
A história de uma artista célebre apaixonada por um rapaz humilde, que desprezou o seu amor.
EASTMANCOLOR (M. 17 anos)

ELIZ — Telefone 48560
A's 21 horas (M. 17 anos)
2 SEMANAS NOUTRA CIDADE
FAMINTAS DE AMOR

ROMA — Plateia 727778 Balcão 729192
A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
4.ª SEMANA
A mais sofisticada comédia do ano!
CARÍCIAS DE LUXO
com **Cary Grant** e **Doris Day**

IMPÉRIO — Telefone 555134
15 e 21.15 (M. 17 anos)
Espectacular êxito do vibrante filme **Gérard Oury**
4 CRIMES POR CIÚME...
com Pierre Brasseur, Richard Todd, Gabrielle Ferzetti, Louis de Funes e Gino Cervi

CONDES — Telefone 322523
A's 15.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)
4.ª SEMANA
Exito clamoroso da mais atrevida comédia do ano...
CARÍCIAS DE LUXO
com Cary Grant — Doris Day
Eastmancolor e Panavision
A's 18.15 (M. 17 anos)
O QUE ELAS QUEREM... É CASAR

SÃO JORGE — Telefs. 54151/3/4
A's 15, 18.15 e 21.30 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
A obra-prima de **Frank Capra**
MILAGRE POR UM DIA
com Glenn Ford e Bett Davis
Panavision — Colorido

AVIS — Telefone 47163
A's 15.15, 18.15 (M. 6 anos) e 21.45 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Um filme cheio de ternura e alegria
TOMBOLA
com a endiabrada MARISOL que canta e encanta com a sua voz maravilhosa

A VOZ DO OPERÁRIO — Tel. 862155
A's 21 h. (M. 12 anos)
BALA SEM DESTINO
AMANTES DO DESERTO
Sábado, 19 — PECADO DE AMAR (M. 12 anos)

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 3.ª página)

Loureiro, Odete Antunes, Dora Maria e, ainda, como grandes atracções, a insinuante «vedeta» sul-americana Nancy Montes e o famoso «ballet» inglês de Peggy O'Farell.

O público aplaude calorosamente esta grande revista, todas as noites, ás 20 e 45 e 23 horas. Para maiores de 17 anos.

NO MONUMENTAL

Espectáculo de permanente gargalhada com «Os direitos da mulher»

Um autêntico festival de gargalhada no Teatro Monumental com um espectáculo de boa disposição, a famosa comédia de Alfonso Paso, «Os direitos da mulher». Esgotando as lotações, esta peça está a bater todos os «records», para o que concorre a magnífica e excepcional criação de Eunice Muñoz e Henrique Santana, secundados pelos consagrados artistas Irene Isidro e Assis Pacheco, com Maria Helena, Carmen Mendes, Henrique Santos, Lúcia Mariani e Henrique Viana, que constituem a nova Companhia de Teatro Alegre, de Vasco Morgado. Todas as noites, ás 21 e 45; no sábado, duas sessões, ás 20 e 45 e 23 horas, e no domingo, ás 16 e ás 21 e 45. Para adultos.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«4 crimes por ciúme», no Império

É extraordinária a popularidade conquistada em todo o Mundo pelas chamadas «histórias em quadradinhos» com as quais os jornais e revistas especializados e a Imprensa diária saciam o desejo de amena distracção, pela síntese, criada em todos quantos hoje nem sempre podem ou querem voltar-se para a literatura de ficção ou ensaística, preenchendo com ela as suas horas de ócio. É um novo estilo, muito especial, que ás vezes, como no caso da série desenhada por Paul Gordeaux, publicada num jornal francês, atinge uma dignidade que o torna propício ao transporte para a tela.

Foi o que fez Gérard Dury, actor da «Comédie» e intérprete e adaptador de vários filmes, com uma série daqueles desenhos divididos em quatro episódios, respectivamente, «A máscara», «O negócio Hugues», «O negócio Fenayrou» e «O homem da Avenida», agora reunidos em filme sob o título «Le crime ne paie pas», que em português tomou o título de «4 crimes por ciume».

Apresentado em antestreia na recente semana do cinema francês, a película teve ontem a sua «primeira» no Império, com a habitual assistência, além da presença do embaixador e da embaixatriz da França e do próprio realizador, apresentado ao publico pelo locutor Pedro Moutinho.

Obra construída com apurado sentido espectacular e ritmico, «4 crimes por ciume» vale sobretudo, quanto a nós, pela diversidade de climas que a caracterizam, situando em épocas diferentes três das quatro histórias de mulheres que souberam resolver violentamente, por suas próprias mãos, os conflitos passionais criados á sua volta. Quanto a nós, se tivermos de encontrar uma linha de unidade temática a dar uniformidade ao filme, como o título português sugere, a ultima história está deslocada, embora seja interessante a sua construção, que põe á prova a capacidade de Oury como realizador de «suspense», numa afirmação de versatilidade que só joga a seu favor.

E o final, burlescamente encontrado, não deixa de ser uma afirmação de humor, que não fica mal como ponto final numa obra que se tinha iniciado sob o signo do hieratismo académico de «A máscara», numa evocação com cambiantes de tragédia shakespeariana, na Veneza do século XV. Saudemos, pois, a diversidade ritmica, conseguida para cada história, e saudemos igualmente, na interpretação das protagonistas de cada uma das histórias, Edwige Feuillère, Michèle Morgan, Annie Giraldot e Danièlle Darrieux, com particular relevo para as duas primeiras. No desempenho, atribuido a 21 figuras, será justo destacar ainda a interpretação de Pierre Brasseur, na terceira das quatro histórias contadas.—*Visor 13.*

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — «O Leão».
Título original — «The lion».
Produção — Americana.
Realização — Jack Cardiff.
Intérpretes — William Holden, Trevor Howard, Capucine e Pamela Franklin.
Argumento — Aventura na floresta do Kenya em que uma rapariga se vê requestada por dois homens que se batem furiosamente.
Distribuição — Century Fox.
Processo — Cinemascope e cor de luxe.
Classificação — 12 anos.

No Coliseu

Título em português — «Ordem de execução».
Produção — Grega.
Intérpretes — Carl Wery, Annie Rosar e Marisa Mell.
Argumento — A acção dos guerrilheiros gregos contra as hostes hitlerianas.
Processo — Normal e a preto e branco.
Classificação — 17 anos.

Recintos de diversões

Para festejar o 22.º aniversário da inauguração do Salão Luso, o empresário Romeu Gomes organizou para amanhã, dia 18, um espectáculo extraordinário, no qual participam entre outros, Carlos Ramos, Manuel de Almeida, Fernando Maurício, Sérgio, Raul Proença, Joaquim Cordeiro, Isabel de Oliveira, Maria Amélia Proença, Helder António, Manuel Bogalho, Maria Augusta, Joaquim Silveirinha, Manuel Carlos, Amélia Maria, Armando Dias e Natalino Duarte, sendo a direcção artística de Filipe Pinto.

— O vocalista Raul Serrano, e o aficionado do fado Diamantino Mesquita, são homenageados no próximo sábado, no Lisboa Clube Rio de Janeiro, com uma festa de fados e variedades, que será apadrinhada pelo artista Manuel Fernandes.

— Maria Fernanda Soares, Manuel Fernandes, Joaquim Cordeiro e Miguel Simões participam na festa do grupo desportivo «Republica», a efectuar em 9 de Fevereiro, no salão de festas de A Voz do Operário.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de Jacqueline Muller

Continua patente nos salões do S. N. I., a exposição de pintura da artista francesa Jacqueline Muller.

A distinta artista ofereceu ontem á noite uma recepção aos críticos de arte e outras pessoas das suas relações, recepção que decorreu de forma muito agradável, tendo-se conversado animadamente.

NO OLYMPIA
A PARTIR DE
2.ª FEIRA 21 DE JANEIRO
CINEMA DE MANHÃ!
UM PROGRAMA DIFERENTE TODAS AS MANHÃS!
PREÇOS POPULARES
BALCÃO, 6$00 — PLATEIA, 4$00

SAPATARIA ORION
LIQUIDA TODOS OS MODELOS RESTANTES DAS SUAS COLECÇÕES
AO PREÇO UNICO DE
150$00
RUA GARRETT, 42 — LISBOA

LUSO — R. Queimada 8-A — Telef. 362889
Adultos Maiores de 21 anos
Fados e Canções das 21 á 1.30 por: **Maria Augusta, Miguel Silva, Maria Amélia Proença, Manuel Carlos e Natalino Duarte.**
Guitarristas: **Ildefonso Frade e Miguel Silva.**
Amanhã: 22.º Aniversário desta casa, com a apresentação de um esplêndido programa.

DESPORTOS

A selecção nacional treina-se

Excelente vitória do Feirense (7-2) sobre o United de Gibraltar

Aproveitando um convite de Gibraltar jogou ontem naquela cidade o grupo de honra do Feirense que defrontou a equipa United de Gibraltar. A partida, que despertou muito interesse entre os espectadores foi resolvida com grande facilidade pela equipa de Vila da Feira, que conseguiu averbar um excelente triunfo de 7-2. Refira-se que os ingleses do United, muito embora saibam o que é futebol, constituem uma equipa amadora, sem poder físico nem velocidade comparável á dos jogadores portugueses.

Arbitro: D. Ramons Felice (Gibraltar).

UNITED DE GIBRALTAR — Martinez; Adolfo e Negron; Ramirez; Falbariche e Gabiles; Vassalo, Sabre, Pizzabello, Felice e Gonzalez.

FEIRENSE — Garupa; Jambane e Aurélio; Brandão, Gonzalez e Campanhã; Medeiros, Carlos, Eduardo, Marciano e Ramalho.

Foram ainda utilizados: o guarda-redes Zeferino, Silva, Ramiro e Dinis.

Ao intervalo: 1-2.

Marcaram os tentos Eduardo (4), Carlos, Pizzabelo (2) e Brandão (2).

O Belenenses e a C. U. F. empataram (3-3)

Integrado nas festas do 26.º aniversário do Grupo Desportivo da C. U. F. disputou-se ontem, á noite, no campo de Santa Bárbara um encontro de futebol entre a C. U. F. e o Belenenses.

O encontro valeu essencialmente pelo primeiro tempo em que qualquer dos «onzes» teve excelentes momentos de futebol. No segundo período as substituições quebraram o ritmo e só voltou a despertar interesse pelas constantes alterações no marcador.

O resultado final de 3-3 está certo.

Marcaram os tentos Ferreira Pinto, Carvalho, Quaresma, Abdul, F. Pinto e Nato.

Arbitrou o setubalense Sebastião Pássaro e os grupos formaram:

1.º tempo:

C. U. F. — Guimarães; Durand e Abalroado; Carlos Alberto, Palma e Mário João; Alvaro, Ferreira Pinto, Medeiros, Vieira Dias e Uria.

BELENENSES — Nascimento; Pires e Quaresma; Medeiros, Paz e Cardoso; Rafael, Abdul, Carvalho, Esteves (Nato) e Estêvão.

2.ª parte:

C. U. F. — Vítor (Guimarães); Carlos Silva e Abalroado; José Luís, Durand e Mário João; Correia, Vieira Dias, Ferreira Pinto, Faia (Costa) e Uria.

BELENENSES — Gomes; Bernardino e Assis; Medeiros, Quaresma e Cardoso; Julio, Abdul, Carvalho, Sá Pinto (Nato) e Feijão.

O Covilhã venceu o Sporting de Espinho (1-0) para o «nacional» da II Divisão»

No Estádio «Santos Pinto», na Covilhã, defrontaram-se ontem as equipas do Sporting local e do Espinho em jogo a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão e que fora adiado devido ao mau tempo.

Os visitantes bateram-se excelentemente tornando dificílima a vitória dos serranos que, no entanto, souberam aproveitar muito bem a unica aberta deixada pela defesa espinhense.

Arbitrou o lisboeta Ilídio Coelho e os grupos formaram:

SPORTING DA COVILHÃ — Almenara; Nogueira e Coureles; Lãzinha, Couceiro e Espírito Santo; Nartanga, Pedro Silva, Adriano, Manteigueiro e Palmeiro Antunes.

SPORTING DE ESPINHO — Arnaldo; Padrão e Magalhães; Massas, Alcobia e Adriano; Pinhal, Joaquim, Barbosa, Alvarez e Marciano.

Ao intervalo: 0-0.

A ordem de classificação ficou a ser a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BEIRA-MAR ...	11	7	4	—	18- 6	18
Varzim	11	7	3	1	28-12	17
Sp. Covilhã	11	7	3	1	22- 5	17
Oliveirense	11	7	2	2	24- 9	16
Sp. Braga	11	7	1	3	30-23	15
Leça	11	5	1	5	17-18	11
Sp. Espinho ...	11	3	4	4	14-20	10
Marinhense	11	3	4	4	14-16	10
Vianense	11	3	3	5	18-22	9
Castelo Branco	11	3	2	6	12-14	8
Ac. Viseu	11	2	4	5	14-18	8
Boavista	11	3	1	7	8-20	7
Sanjoanense ...	11	2	2	7	12-31	6
Salgueiros	11	1	—	10	12-29	2

A selecção nacional prepara o jogo com a Bulgária

Começaram ontem, á tarde, os treinos da selecção nacional com vista ao encontro de quarta-feira com a Bulgária, em Roma.

O treino de ontem teve lugar no Estádio do Restelo e decorreu em excelente nível.

O dr. José Maria Antunes procedeu a várias experiências que possívelmente serviram para esclarecimento de algumas duvidas que possívelmente ainda tivesse.

A sessão teve a colaboração de uma equipa do Belenenses, reforçada com alguns seleccionados.

No primeiro período, os seleccionados marcaram três tentos por Torres contra um do misto «azul» por Wilson. Na segunda parte não se registaram golos.

De entre todos os seleccionados sobressaíram, pelo nível de exibições, Torres e Paula.

Os grupos formaram:

SELECÇÃO — Costa Pereira; Festa (J. Carlos) e Cruz; Santana, Raul e Paula; J. Augusto (Simões), Eusébio, Torres (Rocha), Hernani e Simões (Serafim).

MISTO DO BELENENSES — J. Pereira; J. Carlos (Festa) e Alberto; Vicente, Wilson e Pelesinho; Feijão, Adelino (S. Pinto), Palico, Rocha (Nato) e Peres.

Hoje á tarde realizou-se nova sessão. Costa Pereira e Hernani não tomaram parte nos trabalhos em virtude de se terem ressentido de ligeiras lesões.

Justiça federativa

A comissão executiva da direcção da Federação Portuguesa de Futebol puniu os seguintes jogadores e clubes:

Advertência — António da Silva Mendes, do Vitória S. C., por faltas leves.

Um jogo de suspensão — José Manuel Pereira Crispim, da Académica, por gestos de ameaça a um adversário; e Fernando Aires Pinto, do Marinhense, por desacordo com as decisões do árbitro, no que é reincidente.

Três jogos — António Joaquim Garroa Soares, do C. D. Montijo e António Francisco Caeiro, do Torriense, por agressão a um adversário; e Vítor Manuel Martins, do Oriental, por prática de jogo violento.

A Associação Académica de Coimbra foi multada em 250$00, por comportamento incorrecto de uma parte do publico, sem molestar a equipa de arbitragem.

A Federação e a selecção de juniores

A direcção da F. P. F. já elaborou o seu programa de preparação da equipa nacional de juniores que é o seguinte:

Dia 23 e 25 de Janeiro — Treinos para um máximo de 25 jogadores, com testes médicos no dia 24. Os jogadores da província ficarão instalados no Hotel Suíço-Atlantico.

Dia 6 ou 7 de Fevereiro — Treino dos 16 jogadores indicados á U. E. F. A.

De 11 a 17 de Fevereiro — Estágio dos 16 jogadores indicados á U. E. F. A., no Hotel Miramar, no Estoril.

Dias 26 ou 27 de Fevereiro—Treino dos mesmos 16 jogadores.

De 4 a 10 de Março — Estágio dos mesmos 16 jogadores, no Hotel Miramar, no Estoril.

De 11 a 15 de Março — Estada em França, com o jogo no dia 14.

No caso de eliminarmos a França:

De 1 a 10 de Abril — Estágio dos 16 jogadores indicados á U. E. F. A. no Hotel Miramar, no Estoril.

Dia 11 de Abril — Partida para Inglaterra.

Dia 24 de Abril—Regresso a Portugal.

Para a vaga deixada em aberto pela demissão de Gustavo Teixeira foi convidado o dirigente benfiquista Gastão Silva que parece ter condicionado a aceitação do cargo á resolução de alguns problemas de ordem profissional.

O tailandês Kingpetch reconquistou o título de campeão mundial de pugilismo

Em combate desforra, defrontaram-se, no passado dia 14, em Bangkok, na presença do rei Phumibol Adulyadej e de outras personalidades, além de uma multidão de 20 mil espectadores, o japonês Fighting Harada, actual campeão mundial, e o tailandês Pone Kingpetch que, há três meses, perdera, num combate disputado em Tóquio, o título a favor do seu adversário de agora.

Desta vez, a vitória sorriu ao ex-pescador tailandês que ao longo dos 45 minutos de luta se impôs pelo seu boxe eficiente á agressividade do seu adversário.

O combate foi de luta aberta desde o início, pois tanto o candidato como o campeão impuseram uma velocidade extraordinária a todos os seus movimentos.

Fighting Harada procurou impor a luta de perto, com um eficaz trabalho de sapa aos flancos por meio de «ganchos» curtos. Pone Kingpetch, porém, graças á sua envergadura invulgar para a categoria (tem 1,72 metros e 50 quilos de peso!) manteve-o á distancia com «directos» da esquerda e «ganchos» da direita. Logo no segundo assalto, Harada ficou com o olho esquerdo ferido, na pálpebra, e tumefacto. As trocas de golpes não abrandaram de ritmo e no assalto seguinte Kingpetch foi atirado de encontro ás cordas. Reagiu e acabou a atacar atingindo o japonês com dois poderosos «ganchos». Este, no entanto, justificando a sua alcunha de «Batalhador» (Fighting), retomou a ofensiva no quarto assalto para, com um potente «hook» da esquerda abrir a arcada a Pone Kingpetch.

A ferida, porém, não atrapalhou o tailandês que continuou a impor o seu jogo a distancia, «centrando» todas as tentativas do japonês para lhe entrar na guarda. No entanto, até ao quinto assalto o campeão manteve uma certa vantagem pontual. A partir do período seguinte, porém, Fighting Harada começou a acusar o ritmo e a força de Kingpetch e embora no sétimo uma dura e viva troca de golpes tenha deixado ambos os contendores a sangrar ainda mais, o tailandês voltou a impor o jogo á distancia e conseguiu, até abalar fortemente o adversário atirando-o contra as cordas. Os ultimos sete «rounds» foram todos favoráveis a Kingpetch, que durante eles foi impondo a sua melhor técnica, sem todavia, conseguir dominar por completo o corajoso e combativo adversário.

O juri composto pelo árbitro japonês Isiwatarido, pelo tailandês Hiranyanika e pelo editor da revista «The Ring» foi unanime em atribuir a Pone Kingpetch a vitória que lhe permitiu, aos 27 anos, reconquistar o título que o seu jovem antagonista, de 19 anos, lhe tirara em Outubro de 1962.

A DIRECÇÃO DO ATLÉTICO retirou o pedido de demissão

Realizou-se ontem á noite a assembleia geral extraordinária do Atlético, e convocada para apreciar o pedido de demissão apresentado pela direcção.

Usaram da palavra vários oradores, sendo todos unanimes na necessidade da direcção retirar o pedido de demissão.

E realmente após mais esta prova de confiança dada pelos seus associados a direcção resolveu prosseguir no desempenho da sua missão até final do mandato.

A assembleia resolveu ainda oferecer ao jogador Alvaro Inácio uma medalha de ouro, como desafronta á injustiça de que fora vítima.

Dois internacionais famosos afastados da selecção búlgara para o jogo com Portugal

SOFIA, 17 — A Federação Bulgara de Futebol acaba de tomar uma severa decisão contra Ivan Kolev — «capitão» da equipa nacional — e contra o guarda-redes internacional Gueorgui Naydenov. Esses dois jogadores foram irradiados da equipa bulgara e não poderão voltar a jogar antes do próximo mês de Maio.

Esta medida seguiu-se aos incidentes que assinalaram o encontro entre o Z. D. N. A. de Sofia e a equipa de Levski. Levski ganhou o desafio por 3-2 e o Z. D. N. A. perdeu assim o título de campeão nacional que detinha há vários anos. Descontentes com o resultado final, os jogadores de Sofia lançaram-se contra o árbitro e contra os juízes. Kolev e Naydenov não foram os unicos punidos pela Federação Bulgara. O internacional Dimitre Yakomov foi repreendido e toda a equipa do Z. D. N. A. sofreu uma admoestação por «falta de disciplina no campo». Também o próprio clube sofreu uma admoestação por «trabalho educativo insuficiente com os jogadores».

As decisões da Federação bulgara não surpreenderam os círculos desportivos que já tinham notado a ausência de Kolev e de Naydenov na equipa da Bulgária, que deve disputar com Portugal um desafio de desempate a contar para a Taça da Europa das Nações. — (F. P.).

O Campeonato Regional de Handebol de Sete principia no dia 30

Por determinação da Direcção-Geral dos Desportos principia no próximo dia 30 o Campeonato Regional de Handebol de Sete da I Divisão.

A ordem dos jogos é a seguinte.

1.ª jornada — Belenenses-Oriental, Campo de Ourique ou Técnico-Monte Pedral, Almada-Benfica e Sporting-Madre de Deus.

2.ª jornada — Oriental-Campo de Ourique ou Técnico, Madre de Deus-Belenenses, Monte Pedral-Almada e Benfica-Sporting.

3.ª jornada — Almada-Oriental. Campo de Ourique ou Técnico-Belenenses, Sporting-Monte Pedral e Madre de Deus-Benfica.

4.ª jornada — Oriental-Sporting, Belenenses-Almada, Campo de Ourique ou Técnico-Madre de Deus e Monte Pedral-Benfica.

5.ª jornada — Benfica-Oriental, Sporting-Belenenses, Almada-Campo de Ourique ou Técnico e Madre de Deus-Monte Pedral.

6.ª jornada — Oriental-Monte Pedral, Belenenses-Benfica, Campo de Ourique ou Técnico-Sporting e Almada-Madre de Deus.

7.ª jornada — Madre de Deus-Oriental, Monte Pedral-Belenenses. Benfica-Campo de Ourique ou Técnico e Sporting-Almada.

A selecção bulgara já está em Roma

ROMA, 17. — Chegou ontem aqui a equipa de futebol da Bulgária, que na quarta-feira defrontará a de Portugal, no Estádio Ilimpico, em jogo de desempate para a Taça da Europa.

A equipa bulgara é constituída por dezassete jogadores, além do seleccionador, treinador, massagista, médico e dois dirigentes da Federação Bulgara de Futebol. Todos os futebolistas chegaram em excelentes condições físicas e hoje realizam uma sessão de treino no Estádio Flaminio.

No jogo contra Portugal a selecção da Bulgária tenciona apresentar a seguinte constituição:

Joifov; Metodief, Dimitrov e Voutzov; Verlithkiv e Kovacev; Diev, Jarnikov, Asparnikov, Iljiev e Dbarski.

Sete dos componentes da linha jogaram no Campeonato Mundial do Chile. — (A. N. I.).

O atleta argentino Oswaldo Suarez vai participar numa corrida em S. Sebastian

MADRID, 17 — Procedente de Buenos Aires chegou aqui de madrugada o fundista argentino Oswaldo Suarez, recordista dos 10 000 e dos 5000 metros nos segundos jogos atléticos Iberoamericanos.

Suarez vai participar no próximo «Cross» Internacional de Lusarte, que se disputa no dia 31, em San Sebastian.

Após a sua chegada a Madrid o atleta argentino tomou o comboio para San Sebastian, a fim de prosseguir ali os seus treinos para o grande competição internacional. — (A. N. I.).

Um cauteleiro
aleijado e quase cego
foi violentamente agredido e roubado por três meliantes

REGUENGOS DE MONSARAZ, 17. — Durante a feira anual, nesta vila, como sempre largamente concorrida, três meliantes praticaram uma proeza, da qual foi vítima um pobre homem, que vive de vender cautelas e por isso causou geral indignação.

No recinto da feira, andava, cerca das 20 horas, a vender jogo da lotaria para a extracção desta semana o cauteleiro sr. Joaquim Aleixo Paixão, solteiro, de 41 anos, natural de Reguengos. Como vê muito pouco e é deficiente físico, lançou mão desde há uns 15 dias a essa actividade para angariar os meios de subsistência.

A certa altura abeirou-se dele um indivíduo que lhe disse para o acompanhar até junto de um amigo que lhe compraria umas cautelas. Lá foram ambos e, chegados a um local escuso, onde se encontravam outros dois comparsas da vil e traiçoeira manobra, aí foi o pobre homem agredido, com tal furia que teve de ser tratado no hospital de vários ferimentos no rosto.

Ao mesmo tempo, os facínoras roubaram-lhe todo o dinheiro e o jogo de que era portador, no valor total de 1090$00, incluindo 770$00 em notas do banco.

Aos gritos do pobre homem, um rapazinho que passava próximo correu para a feira a avisar os guardas republicanos ali em serviço.

Os srs. tenente Pedro Lopes, o comandante do posto, e sargento António Pereira, e os soldados dirigiram-se ao local, socorrendo o cauteleiro, enquanto os três assaltantes se punham em fuga, pelos campos fora.

Perseguindo-os, embora no meio da escuridão, a G. N. R. conseguiu prender um deles, por volta das 21 e 30, junto ao Monte da Ribeira, a dois quilómetros desta vila.

Avistados os outros dois, junto da ponte de Dejebe, a umas cinco léguas no caminho de Evora, foi um deles capturado, conseguindo o terceiro escapar.

Em sua perseguição, continuam, sem ter comido nem dormido, forças da G. N. R. desta vila, de Evora e de São Manços.

Os dois presos — aos quais foram apreendidos o dinheiro e o jogo roubados — são: Francisco Rosa Alves, solteiro, de 38 anos, natural de Viana do Alentejo, e Florido Moleiro, de 28, natural de Grandola, ambos sem profissão.

Hoje, cerca das 13 horas, a G. N. R. conseguiu deitar a mão ao outro fugitivo, José Francisco da Assunção, de 29 anos, casado, do lugar de Aldeia das Neves, da freguesia de Baleizão (Beja), também sem profissão.

Este só se rendeu depois de alvejado a tiro pela patrulha da G. N. R. Ferido na perna direita, recolheu ao Hospital da Misericórdia, sob prisão.

A tragédia de MARILYN MONROE

por FERNANDO PINTO COELHO

HOLLYWOOD, *Janeiro.* — Em 1926 faleceu Rudolfo Valentino, ídolo das mulheres, e nasceu Marilyn Monroe, ídolo dos homens. Ambos morreram sem descendentes directos, ambos em Agosto.

Em Hollywood, antes de se tornarem famosos, ambos passaram por grandes dificuldades; ambos sofreram longos períodos de desemprego; ambos viveram de empréstimos; ambos deveram o êxito na tela a uma qualidade — a personalidade. E tanto num caso como no outro, a publicidade dos estudios se concentrou sobre o «sex-appeal».

Durante visitas a Nova York, ambos atraíram centenas de jornalistas e multidões de curiosos. Mesmo quando já famosos, ambos sofreram momentos de intensa solidão.

Ambos faleceram no auge da carreira e em condições trágicas. A morte em ambos os casos causou comoção mundial.

— A morte de Rudolfo Valentino — declarou Charlie Chaplin, em 1926 — é uma das maiores tragédias na história da industria do cinema.

«Quando cheguei á ilha de Brioni, retiro de recreio da «élite» aristocrática do comunismo jugoslavo» escreveu o famoso jornalista americano Drew Jearson, em 1962, «os homens á volta de Tito discutiram principalmente a morte de Marilyn Monroe».

Valentino tinha 31 anos quando, após ter sido operado á apendicite, sucumbiu a um ataque de peritonite.

Nascera em 6 de Maio de 1895, em Castellaneta, no Sul da Itália, onde cresceu numa modesta casa. O seu sonho era ser, um dia, dono de uma imponente residência.

O sonho realizou-se, mas Valentino não podia adivinhar que se materializaria em Hollywood; ou que para lá se dirigiria depois de se distinguir em Nova York como dançarino; ou que, antes disso, se tornaria dançarino em Nova York para escapar á fome.

O «Covil do Falcão»

Valentino adquiriu a sua residência de sonho em 1925 — um ano antes de morrer. Era tão imponente que imediatamente conquistou fama mundial. Chamava-se «Covil do Falcão» («Falcon's Lair»).

O «Covil do Falcão» dispunha de garagem para 4 automóveis — entre eles o seu famoso «Isotta Fraschini», de peças de prata — e possuia uma espaçosa cavalariça. Era guardado por 6 enormes cães, que garantiam o isolamento da propriedade, enquanto Valentino andava a cavalo ou se fechava com uma das beldades de Hollywood.

O «covil» dispunha de um quarto de dormir dominado por um leito de proporções gigantes, envernizado a azul escuro e assente sobre umas fulgurantes esferas de ouro. Ao lado do leito estava colocada uma lampada de perfume, á moda da época.

Situado no Bella Drive, 2, na parte de Hollywood denominada Benedict Canyon, o «Covil do Falcão» era certamente a mais grandiosa residência de um solteirão na capital do cinema.

Era indiferente que Valentino se tivesse casado e divorciado duas vezes antes de se instalar no «covil» como solteirão-mor; o que con-

(Continua na 14.ª página)

A execução d
do espa
foi hoje pedida
pelo deputado an

Prosseguiram esta tarde, sob a presidência do sr. prof. dr. Mário de Figueiredo, secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e Folhadela de Oliveira, os trabalhos da presente sessão legislativa da Assembleia Nacional, que está a proceder á discussão, na generalidade, para votação da proposta de lei do futuro Estatuto de Saude e Assistência.

No período de antes da ordem do dia, usou da palavra o sr. eng. Cardoso de Matos, deputado por Angola, que, uma vez mais, se ocupou dos problemas daquela provincia ultramarina, especialmente os que se relacionam com o espaço económico português.

O orador começou por recordar que são decorridos quase dois anos após o anuncio do firme propósito de levar a bom termo a integração do espaço económico português, oficialmente iniciada com a promulgação do Decreto n.º 44 016, de 8 de Novembro de 1961, cuja entrada em vigor se previa para 1 de Julho de 1962. Este prazo — esclareceu — foi, porém, dilatado pelo Decreto n.º 44 440, que então estabeleceu a data de 15 de Agosto do ano findo, mas só em 17 de Novembro foram promulgados os seis decretos que regulamentam e dão mais forma ao anterior, n.º 44 016. Houve, todavia, acentuou, nova alteração de prazos, pois as medidas promulgadas passam a vgorar a partir de Março próximo.

Prosseguindo, o sr. eng. Cardoso de Matos afirmou:

Os adidos navais
às embaixadas em Lisboa apresentaram cumprimentos ao almirante Roboredo

O novo chefe do Estado-Maior da Armada, sr. vice-almirante Armando de Roboredo, recebeu hoje a visita colectiva de cumprimentos dos adidos navais estrangeiros acreditados em Lisboa, que foram saudá-lo pela sua nomeação.

Compareceram os representantes das Armadas norte-americana, espanhola, italiana, francesa, brasileira, britanica, alemã, belga e sul-africana.

O vice-almirante Roboredo encontrava-se acompanhado pelos oficiais do Estado-Maior srs. comandantes David de Carvalho e Melo Breyner; e ainda pelos srs. comandante Almeida Graça, seu chefe de gabinete; 1.º tenente Albuquerque Brandão, ajudante; e 1.º tenente dr. Angelo Bismark, oficial encarregado das relações com a Imprensa.

O adido naval italiano sr. almirante Mario Signorini, falando em português, e em nome de todos os seus colegas, disse que os representantes das Marinhas ali presentes iam manifestar ao sr. almirante Roboredo a sincera satisfação com que o tinham visto ascender ao mais alto cargo da hierarquia militar da Armada Portuguesa e desejar-lhe as maiores felicidades.

Em resposta, o chefe do Estado-Maior, depois de agradecer os cumprimentos, salientou o papel da nossa Marinha em conjunção com o das outras Armadas aliadas ou amigas e lembrou que Portugal, ao bater-se em Africa, não se bate apenas por ele próprio, mas também pela sobrevivência de todo o Ocidente.

O almirante Roboredo pôs depois em destaque a tarefa primordial que «há-de caber sempre ao poder naval e aeronaval», sejam quais forem as novas armas que surjam ou as novas concepções que venham a influir na condução da guerra.

Serviu-se depois um «Porto de honra» e conversou-se animadamente.

Demasiado à letra...

MUNICH, 17 — O Tribunal da Relação de Munich absolveu ontem três habitantes da cidade, anteriormente condenados á multa de 50 marcos cada um, por terem cavado abrigos individuais num parque publico. Os réus tinham aplicado demasiado á letra a doutrina de uma brochura publicada pelo Ministério da Defesa sobre defesa passiva no caso de um eventual ataque nuclear.

A relação anulou a sentença da primeira instancia — que considerara os três homens culpados de violação da ordem publica — com o fundamento de que os réus tinham simplesmente pretendido criticar o conteudo da citada brochura. — (F. P.).

Prof. Dias Ferreira

Completam-se hoje dez anos sobre a data em que faleceu o dr. José Eugénio Dias Ferreira.

Economista eminente, professor e escritor, o dr. Dias Ferreira deixou um nome e uma obra. Nas páginas do «Diário de Lisboa» — do qual foi colaborador ilustre — ficaram registados muitos dos seus abalizados conceitos em matéria de economia.

Os seus colegas e os que foram seus discípulos recordam-no sempre com saudade. A essa evocação, hoje ainda mais viva, associamo-nos com os sentimentos de uma estima e de uma admiração que o tempo não deixa fenecer.

JÓIAS

ANTIGAS E MODERNAS
Compra, cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 324564

Dia de S. Vicente

Mandada rezar pela Camara Municipal de Lisboa, haverá, no próximo dia 22, ás 18 horas, na Sé, solene missa pontifical, celebrada pelo sr. cardeal-patriarca, em comemoração do dia de S. Vicente, padroeiro da cidade.

LEITÃO & IRMÃO

JOALHEIROS

Comunicam que, para efeitos de inventário, encerram o seu estabelecimento nos próximos dias 21 e 22.

Prof. Francisco Gentil

MADRID, 17. — Referindo-se, hoje, á eleição do prof. Francisco Gentil para membro honorário da Real Academia de Medicina de Madrid, o «Arriba» salienta que o cientista português foi eleito por unanimidade, depois da apresentação da proposta correspondente pelo prof. Julio Palacios.

«Esta distinção» — comenta aquele jornal — «foi concedida ao prof. Gentil em atenção aos seus altos méritos e á grande projecção do labor científico que tem realizado ao longo destes anos, obra que é, hoje, muito conhecida e admirada na Espanha.» — (A. N. I.).

Interesses regionais

Com o ministro do Interior conferenciaram, hoje, sobre assuntos de interesse para os seus distritos, os governadores civis de Braga, Castelo Branco e Porto.

O presidente do Município de Torres Vedras avistou-se com o governador civil de Lisboa, com o qual tratou de problemas de interesse para o seu concelho.

Um «Caravela»
fez hoje o primeiro voo Lisboa-Francfort

Do aeroporto de Lisboa partiu esta manhã, cerca das 10 e 45, o «Caravela» da TAP que se dirigiu a Francfort marcando o início das ligações aéreas daquela companhia entre o nosso País e a Alemanha.

No «Caravela» seguiram, além do presidente do conselho de administração da TAP, sr. eng.º Vaz Pinto, e alguns funcionários superiores, um grupo de jornalistas que vão assistir á inauguração do escritório da TAP no aeroporto daquela cidade.

A chegada a Frankfort está prevista para as 15 e 35, permanecendo ali as entidades portuguesas durante duas horas.

Além da cerimónia de hasteamento da bandeira da TAP, haverá um «cocktail» oferecido a entidades ligadas aos meios aeronáuticos alemães, e uma conferência de Imprensa. No final, o presidente do Município de Francfort receberá das mãos do eng.º Vaz Pinto uma caravela em filigrana, oferecida pela TAP para assinalar esta inauguração, após o que se exibirá um rancho folclórico português, que também seguiu no avião.

O retorno do «Caravela» a Lisboa está previsto para as 20 e 15.

No dia 24 efectuar-se-á o segundo voo do «Caravela», a bordo do qual seguirá o ministro das Comunicações, directores de jornais diários e outras individualidades, que permanecerão na Alemanha até ao dia 27.

DINHEIRO

EMPRESTA-SE

Qualquer quantia ao juro da lei. Sobre propriedades em Lisboa, arredores e província. Prazo ilimitado. Facilitam-se amortizações.

A CONFIDENTE

ROSSIO, N.º 3, 2.º — TELEF. 369384/5/6

CASINO P

apresenta no Wonder-B

TRIO GUAYAN

BEATRIZ F

INTERPRETE IDEAL
QUE JÁ CONQUISTO

BALLET MARIE I

UM FRISO DE ESCU
CESAS EM DANÇAS

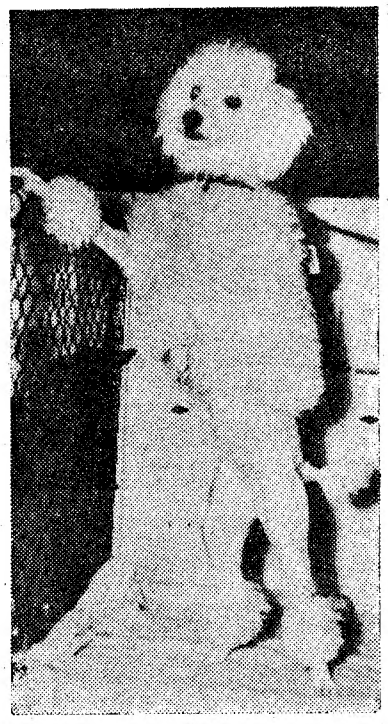
MUSICA PARA DANÇAR, PELO
SOB A DIRECÇÃO DO MAEST

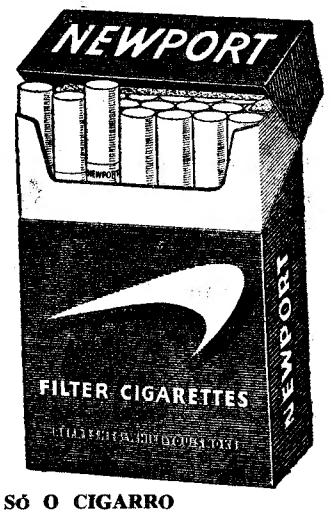
No **CINEMA**, às 21.30: **«O SR.**

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo sumo mínimo, 40$00. Todos os dia tarde, chá completo, 25$00. (Estes p nem impo

OS MESMOS ARTISTAS QUE
ESTORIL, EXIBEM-SE, TAMB

TERRAÇO DAS ESTRELAS





da política de integração
spaço económico português
la na Assembleia Nacional
angolano eng. Cardoso de Matos

«A envergadura da obra que se pretende executar é compreendida francamente nos meios cultos, que inclusivamente a têm estudado e comentado, num louvável propósito de contribuirem para soluções melhores, com a consciência do dever que em todos impende, pois não há duvida de que se intenta uma renovação na vida portuguesa, que poderá ser a maior revolução da sua história. Mas, neste e noutros sectores da Nação, haverá mal contidas impaciências que, justificadas ou não, geram descrença, falta de fé, promotoras por sua vez de climas propícios á formação de desconfianças que chegam á duvida sobre o valor dos decretos, atingindo o próprio Governo, não obstante as explicações dadas no sentido de justificar tantos adiamentos, as naturais hesitações, as dificuldades de execução, que têm impedido uma mais rápida estruturação da referida obra.

«Parcela importante a contribuir para este estado de espírito, terá alguns precedentes, como o do Decreto-lei n.º 40 483, sobre transferências, que em vez de ser cumprido é alterado por simples despachos, não explicados, se é que são facultados ao publico interessado, que, para mais, não encontra nos organismos encarregados de dar cumprimento áquele Decreto-lei a compreensão dos seus legítimos desejos de ser devidamente esclarecido, para que possa compreender a razão de estar a ser ignorado por quem o devia ter sempre presente.

«E' evidente que me estou reportando, em especial, ás populações de Angola, pois é nessa província que irá verificar-se a maior incidência das previstas medidas e é ela que mais problemas tem tido a aguardar a solução que se pretende — se não a óptima, ao menos a boa».

A guerra que se enfrenta

No prosseguimento da sua intervenção, o sr. eng.º Cardoso de Matos disse:

«O momento é grave para a Nação pois a ninguém pode restar duvidas de que enfrentamos uma verdadeira guerra, onde combatemos usando as armas tradicionais, mas onde teremos de fazer recurso também a toda a nossa inteligência, a todo o nosso poder e energia mo-

(Continua na 13.ª página)

ESTORIL

r-Bar um «show» com

AKI

EM BELAS MELODIAS DO FOLCLORE GUARANI E ARRANJOS VOCAIS DE RITMO INCONFUNDÍVEL

FERREIRA

EAL DA CANÇÃO PORTUGUESA
ISTOU EXITOS ALÉM-FRONTEIRAS

E LOUISE DIDION

ESCULTURAIS BAILARINAS FRAN-
NÇAS DE BELEZA INEXCEDIVEL

ELO CONJUNTO E ORQUESTRA
AESTRO VÍTOR CAMPOS

SR. HOBBS VAI DE FÉRIAS»

nimo, 60$00. Nos outros dias, con-
s dias, jantar, 65$00. Domingos, á
tes preços não compreendem taxas
impostos)

QUE ACTUAM NO CASINO
B ᴹ, TODAS AS NOITES, NO
AS do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

Este lindo «caniche» parece envergar uma curiosa vestimenta... mas trata-se, no entanto, de um «talentoso» corte do magnífico pêlo do animal

A Exposição Canina Internacional de Lisboa

— um acontecimento aguardado com expectativa

Nos dias 26 e 27 do corrente, mais uma vez o pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, á Junqueira, se animará com a realização do já tradicional certame canino, que todos os anos ali atrai centenas de pessoas.

Efectivamente, a Exposição Canina Internacional de Lisboa, aguardada com interesse por todos quantos dispensam ao cão uma atenção amiga e especial, é sempre um acontecimento que se impõe no Inverno lisboeta como algo de civilizado e propício a um convívio elegante. Não admira, por conseguinte, que o certame seja favorecido por aquele êxito já anteriormente registado e que bem diz do interesse da sua realização: duas tardes e uma noite de agradável entretenimento e de apaixonante confronto de raças caninas.

O publico não expositor logrará também um espectáculo com uma beleza própria dos grandes certames deste género, que se transformam também nas mais elegantes reuniões mundanas.

O ministro das Obras Públicas visitou Mafra

O sr. ministro das Obras Publicas deslocou-se hoje a Mafra, a fim de visitar o Museu de Arte Comparada, que em breve abrirá ao publico, e tomar contacto com diversas obras de conservação que estão a decorrer no palácio nacional daquela vila, por intermédio dos Serviços Técnicos Especializados da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

O sr. eng.º Arantes e Oliveira, acompanhado do seu secretário, sr. eng.º José Avilez, e dos técnicos do seu departamento srs. eng.º Pena da Silva, director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e arquitecto Vaz Martins, director dos Monumentos Nacionais, **chegou** pouco depois das 10 e 30 a Mafra, onde foi recebido pelo presidente da Camara Municipal, sr. Adriano da Silva Figueiredo, vereadores, conservador do palácio, pintor Ayres de Carvalho, e outras entidades oficiais locais.

O titular da pasta das Obras Publicas visitou, demoradamente, o palácio e o museu, e depois de se inteirar do andamento de outras obras em curso na vila abandonou Mafra, regressando á capital, onde chegou pelas 14 horas.

A Sacor distribuiu os prémios do concurso da Medalha Comemorativa dos 25 anos

A Sacor distribuiu hoje os prémios do Concurso da Medalha Comemorativa dos 25 anos, durante uma cerimónia na sede da empresa, na presença do conselho de administração.

O sr. eng.º Duarte do Amaral proferiu algumas palavras alusivas ao acto na presença do 1.º classificado, escultor Joaquim Correia, e dos outros artista distinguidos, escultores Helder Baptista, Jorge Vieira e António Reis da Silva.

«Natal do Soldado»

O ministro do Exército recebeu, esta tarde, os dirigentes da Frente dos Estudantes Nacionalistas, que lhe entregaram um donativo para o «Natal do Soldado».

LEIA HOJE A REVISTA flama

por 2$50

«HISTÓRIA DO MIUDO DA BICA»:
FERNANDO FARINHA EM ANTE-ESTREIA

(com documentos gráficos do maior interesse)

- ● AMÉRICA LATINA: O CONTINENTE DA HORA
- ● PRINCESA GRACE e BEGUM: DUELO DE ELEGÂNCIA
- ● JEANNE MOREAU: UMA ESTRELA DE CRISTAL

Um homem e uma mulher inanimados no quarto onde se hospedavam

Há quatro meses, um homem de meia idade e uma mulher ainda jovem alugaram um quarto numa casa situada na Calçada de Arroios. A senhoria, sr.ª Carmina Ferreira dos Santos, fez entrega da chave á rapariga, e todos os meses, ao dia 30, passou a receber do homem determinada importancia em dinheiro. O casal tornou-se habitual, embora o homem, por vezes, ali não comparecesse.

A rapariga, a princípio sómente conhecida por Altina, dava a impressão de querer abandonar uma vida um tanto duvidosa, para o que parecia contar com o apoio do homem com quem ali se apresentara. Este, que se fazia tratar por Gomes, era de aparência taciturna, reservado e discreto.

Um frango num saco de plástico

Na realidade, porém, o homem, de seu nome todo Arnaldo de Oliveira Gomes, era casado — e, conquanto aludisse a um provável e imediato divórcio, isso não obstava a que a Altina discutisse e fizesse cenas, não raro demoradas e tempestuosas.

Ele, no entanto, não perdia a serenidade — e a rapariga jamais se recusou a acompanhá-lo quando a vinha buscar na sua furgoneta de comerciante.

— De vez em quando — disse-nos a sr.ª Carmina — traziam um frango e comiam-no no quarto. Mas nunca aconteceu nada de anormal!...

Esta madrugada...

Hoje de madrugada, todavia, algo se passou no quarto de verdadeiramente dramático. Ás seis horas, ainda escuro, a sr.ª Carmina, já levantada, notou que havia luz no compartimento e que lá dentro, alguém parecia estar aflito. Não hesitou — até porque ninguém lhe respondia e a porta se encontrava fechada — e espreitou pelo buraco da fechadura.

— Estavam os dois deitados na cama — disse-nos a sr.ª Carmina — não mudavam de posição e não davam acordo de si. Pensei o pior e chamei a Polícia.

Agentes da esquadra de Arroios penetraram no quarto por uma janela que deita para a rua, ao rés do passeio, e verificaram que a Altina e o Arnaldo se encontravam em estado de coma, pelo que imediatamente foram internados no Hospital de S. José.

— O que teria sido? — perguntámos á sr.ª Carmina.

— Gás não, que o não temos. Uma congestão, uma intoxicação?... E' possível.

A chave — escondida...

Muito embora a Polícia Judiciária, a quem o caso foi entregue, ainda não se tenha pronunciado, há um pormenor que talvez faça alguma luz sobre o estranho caso.

Queremos aludir ao facto de a chave não se encontrar na fechadura da porta do quarto — o que facilitou a observação da sr.ª Carmina — e estar sim escondida algures no aposento. Teria a Altina desejado obstar a que o amigo saísse durante o seu sono — o que ás vezes acontecia — para, em momento oportuno, o obrigar a tomar qualquer poção (que ela depois também ingeriu) e que originasse a morte de ambos?

No Hospital de S. José, os médicos parecem confirmar que a intoxicação se deve a droga medicamentosa e não a qualquer espécie de alimento determinado.

Entretanto, compareceram ali um amigo e a mulher do comerciante, sr. Leopoldino Marques, da Rua de Arroios, e a sr.ª D. Anunciação Marques Ribeiro, residente na Rua Direita do Paço do Lumiar, que nada adiantaram.

A Altina, de 24 anos, não teve ainda, porém, quem a visitasse.

UM LOUCO NA CADEIA
de Albergaria-a-Velha

ALBERGARIA-A-VELHA, 17. — Na cadeia desta comarca encontra-se, há muito tempo, um pobre louco — Samuel Rodrigues — declarado inimputável e, consequentemente, sujeito a medida de segurança apropriada, ou seja, internamento em manicómio criminal.

Portador da obsessão de lançar fogo a tudo, constitui realmente um perigo para a sociedade, mas o seu internamento devia verificar-se em estabelecimento adequado, com vista, também, á sua recuperação, tanto mais que não é velho.

Acresce, ainda, a circunstancia de proferir dia e noite, em altos berros, as maiores obscenidades, ouvidas por toda a gente, inclusive — e isto é gravíssimo — pelas crianças que frequentam a escola primária, vizinha da cadeia.

De um abaixo assinado entregue no tribunal, nada se sabe... Porque se mantém este lamentável erro, de continuar um louco na cadeia, a população apela para o sr. ministro da Justiça, por intermédio do «Diário de Lisboa», de molde a pôr termo a esta triste situação.

ESTÁ ESCLARECIDO
o caso do roubo do cofre a bordo do «Timor»

Está, finalmente, esclarecido o caso do cofre que foi roubado numa das viagens do paquete «Timor» e que se encontrava no camarote de um dos despenseiros. Como noticiámos, foi acusado do roubo o tripulante Manuel Cristo Guadalupe, de 32 anos, natural de S. Tomé, que logo afirmou não ter sido, declinando a responsabilidade do acto para o seu colega José Luís Carvalho da Silva Araujo, de Lisboa, residente na Rua do Funchal, 6, 1.º

O agente Nabais, da Polícia Marítima, não acreditou na afirmação do Guadalupe, que é useiro e vezeiro em casos suspeitos, como o da posse de grande quantidade de dólares, sem ter dinheiro português para os adquirir.

Apertando-o em sucessivos interrogatórios, o agente Cabaço obteve do Guadalupe a confissão do crime. Deste modo, inteiramente ilibado de culpas e de qualquer suspeita, saiu em liberdade o Carvalho da Silva Araujo. O Guadalupe vai ser enviado ao Tribunal Marítimo, para julgamento.

REFRESQUE-SE
ENQUANTO FUMA
NEWPORT

NEWPORT
FILTER CIGARETTES
NEWPORT

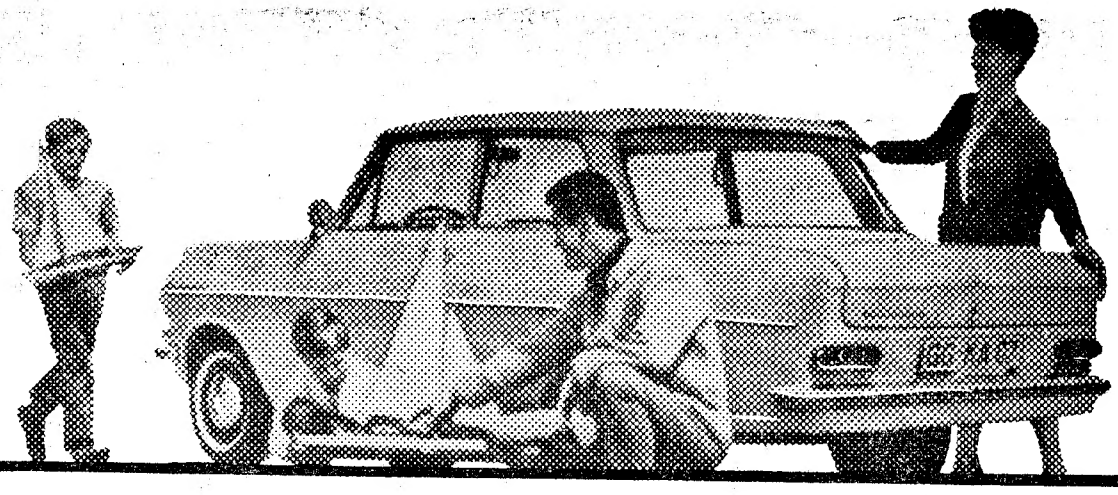
SÓ O CIGARRO
NEWPORT
alia o refrescante sabor de hortelã-pimenta á real frescura do mentol... numa mistura de tabacos das melhores qualidades do Mundo

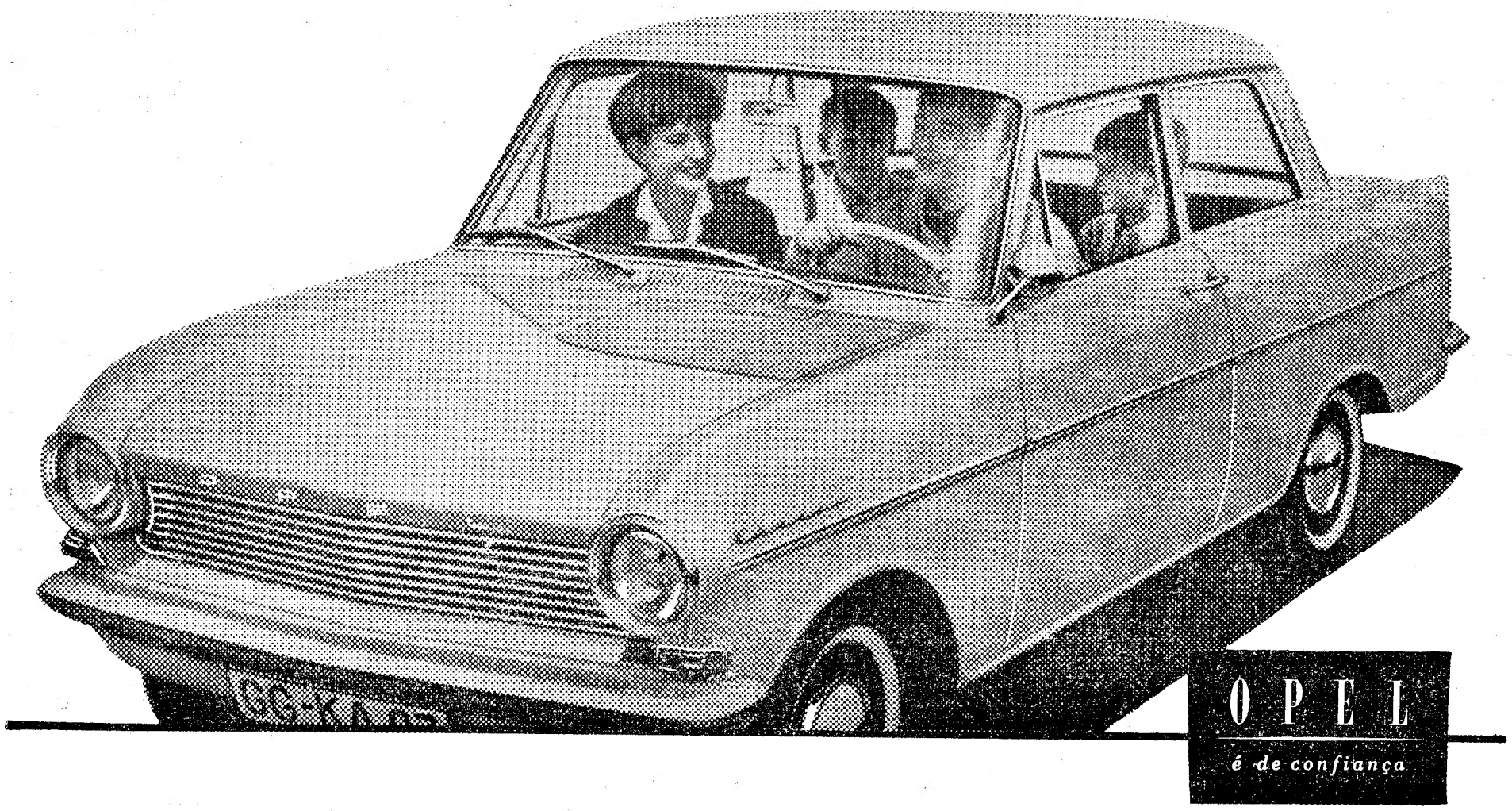
Defenda a sua garganta
fumando
NEWPORT

Rep.: R. S. Contreras, Ld.ª
Rua do Telhal, 4-B — LISBOA
Telef. 369584

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Brio e Juventude





Agilidade e Conforto

O novo OPEL KADETT acaba de fazer a sua entrada sensacional no mundo do automobilismo.
Potente motor de 46 HP — Espaço para 5 passageiros — Extrema economia — 6,5/7 litros aos 100 kms — Compartimento porta-bagagens gigante.
Um carro jovem que mantém com galhardia as tradições e o prestígio duma família centenária.

PROVADO E APROVADO EM PORTUGAL

Portugal foi escolhido, com a Suécia, como campo de provas para o novo OPEL KADETT, o qual foi submetido às mais árduas experiências na Serra da Estrela antes do seu lançamento no mercado europeu.

Visite um concessionário OPEL

e veja por si próprio as vantagens do novo OPEL KADETT

Um produto General Motors distribuido e assistido pela GENERAL MOTORS DE PORTUGAL, LDA. e sua rede de concessionários.

OPEL KADETT

Dizem os leitores...

Os problemas do Turismo no Estoril

A propósito da «Nota do dia» em que nos ocupávamos de aspectos do problema do turismo, principalmente quanto a hóteis, no panorama das atracções indispensáveis como aliciante dos visitantes, escreve-nos um assíduo leitor, «patriota dos velhos tempos», para nos afirmar a sua inteira concordancia com a lógica e a razão dos conceitos expendidos, acrescentando judiciosos comentários na sua carta, da qual reproduzimos alguns passos essenciais:

«Nem só de hotéis vive o Turismo!» — repete o nosso correspondente e acrescenta: «Tem V. razão, porquanto o Turismo vive essencialmente de atracções, e sem estas podem existir muitos hotéis que o seu falhanço é rotundo, como o que está já a acontecer em Lisboa, e mormente no sEtoril, onde os hotéis estão completamente vazios, pois, sem atracções, e sem pretextos não pode existir Turismo. A urbanização da Costa do Sol está totalmente errada, porque não é uma urbanização humana; é antes uma pseudo-urbanização, cheia de erros tremendos, como a entrada de Cascais, a qual, com a sua arquitectura desambientada, faz lembrar qualquer entrada de vila, numa região dos países nórdicos, perdendo Cascais todo o seu tipismo, que deveria ser respeitado, muito embora, como aliás é lógico, tivesse o seu desenvolvimento urbanístico. Mas este deveria ser perfeitamente integrado no aglomerado antigo».

«Para existirem arquitectura e urbanismo, é, antes de tudo, absolutamente necessário respeitar o ambiente e valorizá-lo na sua expressão paisagística. Ora, o que se tem feito no Estoril é, precisamente o contrário. Agora, em vez de valorizarem a carreira de tiro do Goulão, querem ali fazer mais um hotel — e para quê?

«Em Coimbra não se deitou abaixo, por mero capricho, toda a parte antiga da cidade — que, se deveria, é certo, ser convenientemente saneada, também deveria ser respeitada na sua traça, para que os vindouros pudessem respirar o bálsamo do espírito brilhante de muitos ilustres académicos que por ali passaram e foram glórias das nossas letras e da nossa política —, para se construir uma Cidade Universitária, sem espaços verdes, sem campos de jogos, sem nada. Mas construiu-se só para ficar integrada no velho edifício fundado por D. Dinis. Hoje todos reconhecem que a Cidade Universitária deveria ser feita para os lados do Calhabé, ou noutro lugar onde se pudessem construir piscinas, campos de jogos, etc. — Será possível que se continuem a repetir erros, como os de Coimbra?

«Esperamos que, no plano dos interesses nacionais, seja dedicada a merecida atenção ao complexo problema do Estoril e do seu turismo, para bem de todos nós — os portugueses— e não para bem daqueles patriotas, que, aos primeiros sinais de perigo contra o País, viajam, apressadamente, para a Suíça, ou a América do Norte, para colocarem os seus bens. O Estoril pertence á Nação, e não a «grupinhos» organizados, que podem e mandam, sem respeito pelas leis imutáveis da Natureza».

A situação dos regentes agrícolas

Sobre a situação criada aos regentes agrícolas, em posição de inferioridade resultante de lhes terem sido suprimidas regalias que correspondiam ao seu curso e da orientação nesse ramo do ensino técnico, escreve-nos o sr. António Maria da Rocha uma carta, da qual reproduzimos os seguintes passos:

«Não obstante estar mais do que comprovada a acção eficiente destes técnicos junto da lavoura e dos diversos departamentos do Estado onde têm assento, nem por isso deixa de haver quem, em vez de aplicar a secatória na supressão de acumulativas funções — das quais resulta insuficiente permanência nos serviços — procure atropelar os demais nas suas legítimas aspirações, inclusivamente menos consideração por um curso, o qual, pela natureza da sua técnica, não envergonha as respectivas escolas e os seus diplomados.

«Por várias vezes temos clamado contra algumas reformas do ensino médio agrícola, em virtude de lhe suprirem regalias anteriormente usufruídas, entre elas, deixar de ter a correspondente equivalência ao 2.° ciclo dos liceus, outrora reconhecida e depois disso, durante alguns anos, ao 3.° ciclo, logo que se completassem umas cadeiras preparatórias, impedindo-se assim o ingresso dos interessados na Escola dos Oficiais Milicianos.

«Será — parece-nos — caso para investigar do esporo causador (que tanto tem proliferado) de tão manifesto chincalhe a uma classe que não procura escapar-se á ardência dos raios solares nem aos efeitos incomodativos da acção das chuvas e de outros meteoros, quando seja necessário estar em contacto com o operário rural, a ministrar-lhe ensino «in loco» por meio de exemplificações, sem a preocupação de calosidades e burilados nas mãos — a despeito da indumentária de zuarte ou ganga poder substituir-se por acasacada, quando as circunstancias sociais impõem.

«Em abono da verdade, digo que, quando cursei na Escola de Santarém algumas das disciplinas técnicas eram extraídas das sebentas do Instituto Superior de Agronomia, entre outras, Tecnologia — 1.ª parte e Fitopatologia, respeitante á matéria que se pudesse aplicar ao curso de regente agrícola, procurando, por esta forma, os próprios professores não só habilitarem devidamente os alunos, mas prestigiá-los depois da formatura».

Assinalando a injustiça que se afigura a equiparação dos regentes agrícolas a outros profissionais especializados para diversos ramos de actividade, com menos preparação e habilitações escolares, acrescenta o nosso correspondente:

«Entretanto, pensa-se noutra reforma deste ensino, a qual consistirá na matrícula do 2.° ciclo dos liceus e quatro anos de disciplinas técnicas para se poderem igualar os abrangidos por esta modalidade aos agentes técnicos de engenharia. E, salvo melhor opinião, seria de aceitar de bom agrado que os diplomados pelas escolas do ensino médio agrícola passassem a denominar-se agentes técnicos de agronomia.

«Está a Assembleia Nacional a ocupar-se da Lei de Meios, da qual faz parte, em primeiro plano, o ensino, de um modo geral, mormente o secundário e o universitário em face da necessidade de habilitar a juventude para poder ingressar nos diversos sectores das produtivas actividades nacionais, sem termos, de futuro, de recorrer aos técnicos de além-fronteiras quando se deparem problemas transcendentes, pois quanto mais forem melhorados os cursos mais lucrará a Nação. Finalmente, como fazem parte da camara legislativa alguns diplomados pela média técnica agrícola, apesar de se terem formado depois em cursos superiores, está naturalmente indicado, pelo menos como reconhecimento á escola-mãe, além de outras imperiosas razões relacionadas á economia geral do País, que sejam esses deputados quem tome a peito a legítima defesa da classe dos regentes agrícolas, contra os atropelos de que tem sido vítima».

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — A's 15 e ás 21 e 15: «A tentação do pantano» e «Os senhores da selva» (12 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — A's 21 e 30: «Casamento escandaloso» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Carmele* — Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 931303); *Helénica* — R. Elias Garcia, J. P. L., loja B (Tel. 930213).

QUELUZ — *Gil* — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); *Simões Lopes* — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950103).

SINTRA — *Simões* — R. Heliodoro Salgado, 26 — Estefania (Tel. 980832).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M. A. D. (Telefone 931690).

MEM MARTINS — *Química* — Estrada de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

O «I Encontro de Escritores» em Sá da Bandeira

A propósito do «I Encontro de Escritores de Angola», em Sá da Bandeira, informa-nos a Sociedade Portuguesa de Escritores que a Camara Municipal daquela cidade apenas lhe solicitou que diligenciasse no sentido de ali se deslocarem, a título individual, quatro escritores da Metrópole, convite a que anuíram Amorim de Carvalho, Fernanda Botelho, prof. Hernani Cidade e Judite Navarro.

O Município de Évora decidiu travar despique com os vândalos que destroem as árvores

ÉVORA, 17 — Com a presença de toda a vereação, e sob a presidência do sr. dr. Vieira da Silva, efectuou-se a habitual reunião semanal da Camara Municipal de Évora.

Entre os problemas citadinos discutidos na reunião, dois sobressaíram pela importancia local de que se revestem: o primeiro, baseado na urbanização de um sector intramuros da cidade, o segundo sobre a arborização das novas zonas citadinas.

A vereação debruçou-se sobre um projecto apresentado pelo sr. Manuel Caldeira Pais, proprietário de um imóvel situado na Rua dos Mercadores, desta cidade, em que se propõe a criação de uma apreciável zona urbanística, que abrange a Rua dos Mercadores, Travessa da Palmeira e Beco dos Açucares, e que tem como principal fulcro a abertura de uma nova artéria na cidade, que ligará o Beco dos Açucares á Travessa da Palmeira.

Por unanimidade, a vereação eborense decidiu, em princípio, aprovar o projecto, recomendando, entretanto, que sejam conservadas as linhas arquitectónicas exteriores de um prédio já ali existente, e que o projecto seja ainda submetido á apreciação da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, visto que, com a abertura de uma nova rua, se altera o plano de urbanização da cidade.

Sobre o problema da urbanização das zonas novas da cidade, o vereador sr. dr. Luís da Costa Marçal informou que, uma vez mais, os vandalos destruíram as pequenas árvores plantadas ao longo da Avenida Duarte Pacheco, situada na zona de urbanização n.° 1. O vereador sr. Mário Campos de Melo disse que o mesmo sobre a arborização dos terrenos municipais do Bairro da Senhora da Glória, onde normalmente se realizam os mercados e feiras de gados.

Depois de vivamente discutido o problema, a Camara decidiu insistir na plantação de novas espécies de arvoredo, mas mais fortes e resistentes, e de forma a dificultar mais a acção dos vandalos, que nutrem completa aversão ao património municipal no que respeita a arborização.

DIÁRIO escolar

Os grandes problemas do ensino nacional

Portugal prossegue a sua expansão demográfica e multirracial num ritmo sem precedentes mesmo com a sangria da exportação do homem bruto português. A Metrópole alcançará os dez milhões de habitantes; Lisboa se não alcançou o milhão pouco faltará. Mais de um sétimo da população está actualmente na escola ou na Universidade — mesmo sem um planeamento integral da educação e do aumento da obrigatoriedade escolar! — e dentro de alguns anos o nosso País poderá dispor de uma juventude generosa e trabalhadora.

A esta juventude cujos efectivos não cessam de crescer e que é o futuro do nosso País, é essencial dar-lhe os meios de se instruir e de aprender um ofício.

A partir de 1964 as nossas escolas primárias acolherão 1 milhão de crianças, contra 900 mil actualmente; os cursos secundários 300 a 400 mil. Dezenas de milhares de jovens comprimir-se-ão ás portas dos liceus, escolas técnicas e colégios. O ensino superior ultrapassará os 20 mil estudantes. Os estabelecimentos de ensino atingirão o numero de 20 mil (actualmente 18 649); os agentes de ensino cerca de 50 mil (actualmente 40 mil).

É nas escolas primárias a consequência do impulso demográfico. Nos outros estabelecimentos de ensino, é também o resultado da proporção de alunos chamados a fazer estudos mais longos e de nível mais elevado, gerais ou profissionais.

Os efectivos dos ensinos secundários são quatro vezes mais e os do ensino superior, desde agora três vezes mais do que em 1936. O ensino primário duplicou desde esta data. É vital para Portugal encorajar e não entravar este acréscimo por três razões independentes da natalidade:

— Porque, cada vez mais, a máquina substitui o homem nos trabalhos de força ou de pura execução, e a economia de uma nação industrial moderna exige *muito* mais quadros constituídos que a de uma sociedade rural tradicional (para cima de 80% da gente portuguesa metropolitana). Em breve já não se poderá ganhar a sua vida se só receber uma instrução elementar.

— Porque com o progresso das comunicações e da informação os homens estão muito mais dependentes uns dos outros que antigamente. O cidadão de uma democracia tem necessidade de saber e de compreender os acontecimentos que se passam bem longe dele e que influenciam contudo a sua vida quotidiana.

— Porque a fim de conservar o seu lugar no Mundo, Portugal não deve unicamente dispor de quadros competentes e de cidadãos esclarecidos; ele deve fornecer ás suas províncias ultramarinas e até nações irmãs ou mesmo a outros países, os professores, os engenheiros, os técnicos necessários ao seu desenvolvimento. É exportando os seus *melhores* homens que Portugal se elevará aos olhos das outras nações.

*

Para obter estes resultados o que é preciso?

É necessário elevar o nível geral da instrução de todo o povo português e mergulhar, sem nenhuma discriminação social, em toda a população para formar uma «élite» simultaneamente mais qualificada e mais numerosa que outrora. É o problema da reforma do ensino; do planeamento integral da educação; de um nível comum obrigatório de educação de base para a resolução das tarefas ou para prosseguimento de novas aquisições culturais.

É preciso dispor de bastantes escolas (primárias e *secundárias*) e em *todos* os concelhos.

É preciso dispor de bastantes professores.

É preciso ajudar a frequência escolar em todos os níveis por meio de medidas sociais.

É preciso enfim ajudar os portugueses do Ultramar no mesmo esforço de desenvolvimento intelectual por medidas de assistência técnica.

Pagamento de propinas do 2.° período nas escolas superiores

Estão a pagamento as propinas do segundo período escolar, nas escolas superiores.

Para as faculdades da Universidade Clássica, as propinas poderão ser pagas: nos dias 18 e 19, Escola Superior de Farmácia; dias 21, 22 e 23 Faculdade de Direito; dias 24, 25 e 26, Faculdade de Medicina; dias 28, 29 e 30, Faculdade de Letras.

As propinas, na Faculdade de Ciências, deverão ser pagas do dia 21 ao dia 26, na secretaria.

Reunião de convívio de estudantes de Direito

Efectuou-se esta tarde, na Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, uma sessão cultural de convívio, seguida de merenda, em que estiveram presentes alguns professores e muitos alunos.

Diário da Outra Banda

Cinemas

BARREIRO — *Ginásio* — A's 21: «Prisioneiros da noite» (17 anos).

AMORA — *Cine-Teatro* — A's 20 e 45: «A pecadora» (17 anos).

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — A's 21 e 15: «Vício de matar» e «O filho que não voltou» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Nunes* — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

ALMADA — *Nuno Alvares* — Av. Nuno Alvares Pereira, 39-C (Tel. 270504).

BARREIRO — *Higiénica* — Rua D. Manuel I, 176 (Tel. 2273217).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).

MONTIJO — *Diogo* — R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032).

SEIXAL — *Soromenho* — Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

SESIMBRA — *Lopes* — R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETUBAL — *Oliveira* — Largo da Misericórdia (Tel. 22488).

ALHOS VEDROS — *Portugal* — Av. da Bela Rosa, 8.

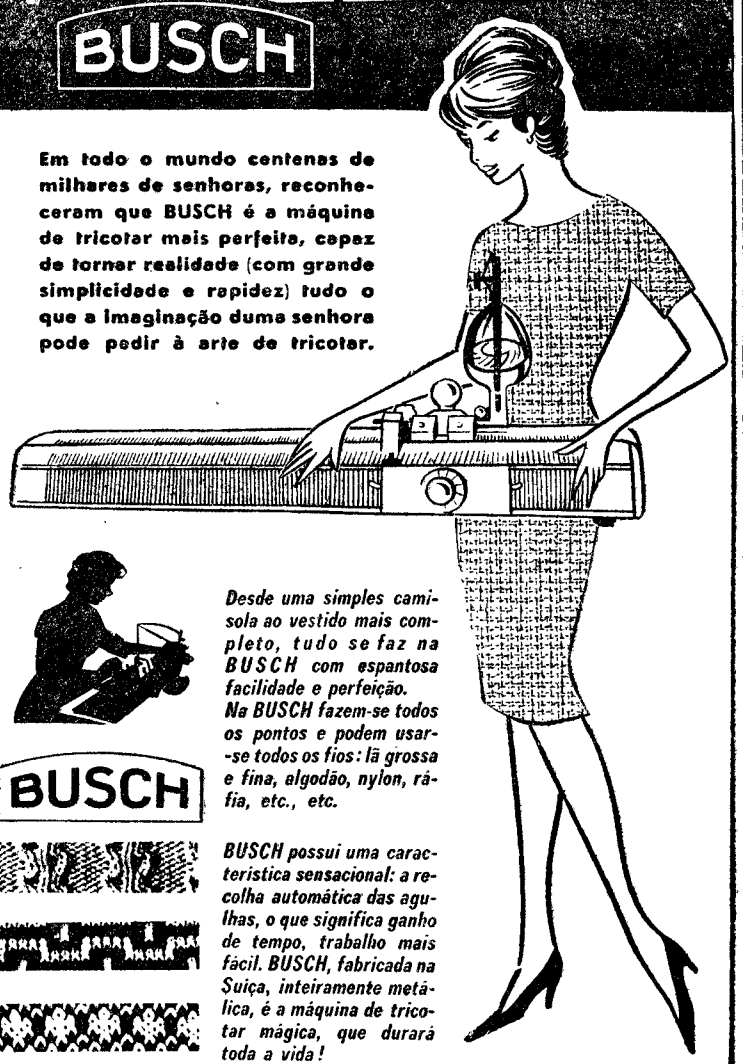
PENHORES
ALMADA
Cruzamento D. Nuno-O. Salazar
PARAGENS: PANCÃO E AQUÁRIO

PARA PROTEGER A VELHICE
HYPERSEX
COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO
Esgotamentos, cansaço cerebral, astenias da idade senil, etc.
Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2 142 — LISBOA

Apresentando...

O MAIS RECENTE MODELO DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR

BUSCH



Em todo o mundo centenas de milhares de senhoras, reconheceram que BUSCH é a máquina de tricotar mais perfeita, capaz de tornar realidade (com grande simplicidade e rapidez) tudo o que a imaginação duma senhora pode pedir à arte de tricotar.

Desde uma simples camisola ao vestido mais completo, tudo se faz na BUSCH com espantosa facilidade e perfeição. Na BUSCH fazem-se todos os pontos e podem usar-se todos os fios: lã grossa e fina, algodão, nylon, ráfia, etc., etc.

BUSCH

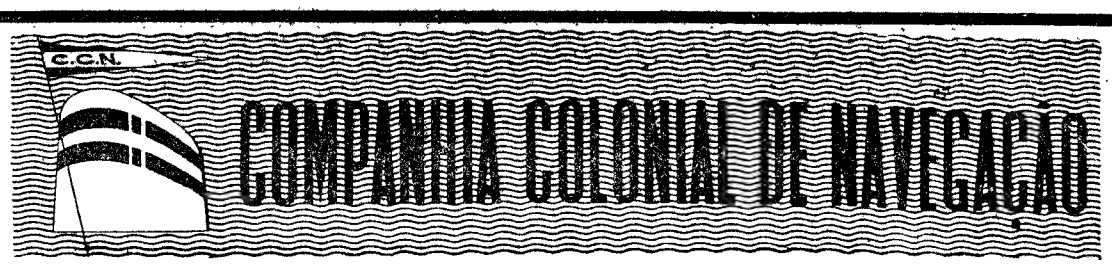
BUSCH possui uma característica sensacional: a recolha automática das agulhas, o que significa ganho de tempo, trabalho mais fácil. BUSCH, fabricada na Suiça, inteiramente metálica, é a máquina de tricotar mágica, que durará toda a vida!

A máquina BUSCH dupla super-automática pode ser adquirida apenas por Esc. 190$00 por mês. Visite as nossas salas de demonstração. Damos instrução gratuita por tempo indeterminado.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 — TEL. 733111 (4 linhas) — LISBOA



PARTIDAS	DESTINO
LINHA DE ÁFRICA	
«UIGE» 19 de Janeiro, á 16 horas	Com escala prévia por **LEIXÕES**, para: **S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA LOBITO** e **MOÇÂMEDES.**
«IMPÉRIO» 26 de Janeiro, ás 12 horas	Com escala por **FUNCHAL**, para: **S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** (se necessário) e **PORTO AMÉLIA.** Carrega até 23 de Janeiro.
«INFANTE DOM HENRIQUE» 2 de Fevereiro, ás 12 horas	Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES** e **BEIRA.** Carrega em Lisboa até 30 de Janeiro.
«VERA CRUZ» 6 de Fevereiro, ás 12 horas	Com escala por **LAS PALMAS**, para: **LUANDA** e **LOBITO.** Carrega em Lisboa de 1 a 3 de Fevereiro.
«LUGELA» 8 de Fevereiro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES** e **PORTO ALEXANDRE** (se necessário).
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 11 de Fevereiro, ás 18 horas	Com escala por **VIGO** e **FUNCHAL**, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAO, PORTO RICO** e **PORTO EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Srs Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 369621/8—PORTO: R. Infante D. Henrique, 9—Tel. 23342

Centro de Actividades Económicas de S. Tomé e Príncipe

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ao abrigo dos artigos 15.º, 18.º e 60.º dos Estatutos do Centro de Actividades Económicas de S. Tomé e Príncipe, convoco a Assembleia Geral Extraordinária, que reunirá, na sua sede, Largo do Barão de Quintela, n.º 3, 2.º, Dt.º, no próximo dia 4 de Fevereiro, pelas 17 horas e 30 minutos, com a seguinte ordem do dia: «resolver sobre o rateio a que se refere o artigo 60.º dos Estatutos».

Não podendo a Assembleia constituir-se áquela hora por falta da maioria dos sócios no pleno uso dos seus direitos, reunirá meia hora depois com qualquer numero, nos termos dos Estatutos.

O Presidente da Assembleia Geral

Ed. Guedes, Ld.ª

Sociedade de Emigração para S. Tomé e Príncipe

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Convoco a Assembleia Geral Extraordinária da Sociedade de Emigração para S. Tomé e Príncipe, para reunir, na sua sede, Largo do Barão de Quintela, 3, 2.º, Dt.º, no próximo dia 4 de Fevereiro, pelas 18 horas, com a seguinte ordem do dia: alteração dos artigos 12.º e 23.º dos Estatutos.

Não podendo a Assembleia constituir-se áquela hora por falta da maioria dos accionistas no pleno uso dos seus direitos reunirá meia hora depois com qualquer numero.

O Presidente da Assembleia Geral

Administração da Roça Pinheira

D. Lopo de Bragança

INFORMAÇÕES, ALOJAMENTOS e BILHETES DE INGRESSO

LASSEN TRANSPORT, LDA.

Rua da Prata, 59 - 2.º Esq. Tel. 32 13 87 — LISBOA

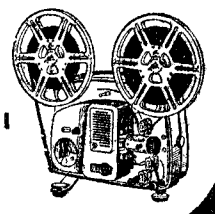
Para o cineasta exigente!

O Projector de 8 mm modelo 18-5

Com ultra-ralenti
Lâmpada baixa tensão
Marcha atrás

A câmara de 8 mm Bolex Zoom Reflex

Visor reflex - Focal variável
Célula incorporada
Marcha atrás



PAILLARD BOLEX

Dirija-se somente às casas especializadas

Distribuidores: **Sociedade de Representações M. Simões Jr. Lda.**

Rua da Conceição, 46 1.º Telef. 31545 - LISBOA

Para: CASABLANCA, GIBRALTAR, PALMA DE MAIORCA, PALERMO, NÁPOLES, PATRAS, VENEZA e TRIESTE

«VULCANIA»

2 DE FEVEREIRO

OS AGENTES:

E. PINTO BASTO & C.ª, LDA.

PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, 20 - 26

TELEFONE 3 15 81 (10 linhas)

ANDAR — ALUGA-SE

8/9 magníficas divisões assoalhadas e marquise, na Rua Sampaio Pina, n.º 12, frente ao Parque Eduardo VII.

Propostas de renda até ao dia 22 do corrente.

DINHEIRO

COMPANHIA IMOBILIÁRIA AZO PORTUGUESA, S.A.R.L.

Tem o gosto de informar o Ex.mo Público interessado de que se incumbe da colocação de capitais, quaisquer que sejam as importancias, em empréstimos com garantia hipotecária e juros anuais de 8 %. Os valores para garantia dos empréstimos realizados por seu intermédio, são prèviamente verificados por peritos idóneos, estando esta Companhia devidamente autorizada a exercer a actividade respectiva ao abrigo do Decreto-Lei N.º 43.767.

COMPANHIA IMOBILIÁRIA AZO PORTUGUESA, S.A.R.L.

PARA MAIS ESCLARECIMENTOS CONSULTAR ESTA COMPANHIA
SEDE EM LISBOA: AVENIDA DA LIBERDADE, 3
SUCURSAL NO PORTO: PRAÇA DA LIBERDADE, 12
DEPENDÊNCIA EM COIMBRA: RUA FERREIRA BORGES, 15

Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema

Nos termos do artigo 17.º do § 1.º dos estatutos e conforme o disposto no despacho do Instituto Nacional do Trabalho de 8 de Janeiro de 1948 sobre eleições sindicais é convocada a Assembleia Geral Ordinária para o dia 17 de Fevereiro de 1963, pelas 9,30 h., com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciação do relatório e contas da gerência de 1962;
2.º — Eleição dos corpos gerentes para o triénio 1963/65.

No caso de não haver numero regulamentar de sócios presentes á hora marcada a assembleia reunirá uma hora depois com qualquer numero de sócios.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1963.

O Presidente da Assembleia Geral

FERNANDO BORGES DA CRUZ

A visita do presidente Kubitschek

(Continuação da 1.ª página)

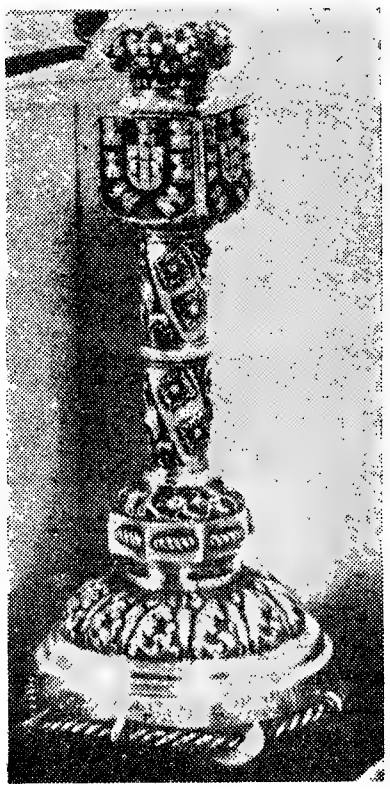
Kubitschek de Oliveira teve, agora, ensejo de acompanhar, numa festa gloriosa, os factos mais salientes da História de Portugal, visitando lugares onde ela se perpectua. A sua vinda ao nosso País é mais um abraço de amizade e de fraternidade, a fazer com que este mar, que separa as nossas nações, seja um traço de união. Neste espírito está o segredo fundamental dos destinos que esperam as duas pátrias».

O prof. Paulo Cunha referiu-se á identidade luso-brasileira, afirmando depois:

«Portugal é bem o representante mais lídimo da civilização ocidental do Ocidente. E, neste momento, é consolador sentir a presença do nosso irmão brasileiro, tão bem representado pelo dr. Kubitschek de Oliveira. Tenho a certeza que grandes destinos esperam as pátrias lusíadas».

Referiu-se, então, á sua visita ao Brasil, quando ministro dos Negócios Estrangeiros, e ás atenções de que foi alvo. Apontou, como significativo, o facto do então presidente Juscelino o ter distinguido com uma condecoração reservada apenas a brasileiros, afirmando:

«Eu não era, por isso, considerado estrangeiro no Brasil».



Miniatura dum padrão dos Descobrimentos, oferecida pelos Transportes Aéreos Portugueses ao dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira durante a viagem do Porto para Lisboa no «Caravela Dio», daquela companhia

A medalha de catedrático português concedida a Kubitschek

E, a terminar, o prof. Paulo Cunha dirigiu-se ao visitante, afirmando:

«Também eu, agora, vou cometer uma ilegalidade: *vou ter a honra de conceder a V. Ex.ª a medalha de professor catedrático português».*

E nesse momento colocou ao peito do dr. Kubitschek a medalha usada pelos nossos catedráticos nos actos grandes, facto que foi sublinhado com aplausos vibrantes.

Em resposta, Kubitschek de Oliveira agradeceu a distinção, afirmando, em seguida:

«Para coroar a minha visita a Portugal, só uma cerimónia como esta teria significado transcendente, pois encontro-me aqui rodeado pela juventude lusitana, que é a semente do Portugal de amanhã, do Mundo do futuro».

Relembrou, então, as suas recentes visitas a várias terras do País, manifestando a sua satisfação por ter estado em locais ligados á História lusíada. E, a propósito, afirmou:

«Fiquei com uma visão perfeita de conjunto do vosso País e da vossa História, assinalada nas coisas e nas gentes. Sou um homem que aprecia muito as tradições e foi-me grato ver nas vossas aldeias a «capristana» da minha terra — lajes a calcetar as ruas. As tradições são os alicerces em que se baseia um país para dar um salto para o futuro. Senti, ainda, por todos esses lados, a energia, a audácia e a coragem dos portugueses».

Falando da juventude, afirmou que aquela que ali se encontrava era «a lídima representante de toda a mocidade portuguesa, garantia de que Portugal pode confiar no futuro».

O dr. Juscelino, referindo-se á amizade luso-brasileira, disse que nada poderá destruir a estrutura em que ela se baseia.

Quando fez o paralelo entre Brasília e os portos de onde saíram as caravelas portuguesas dos Descobrimentos, afirmou que, também, nessa crise foi preciso audácia e coragem, e vencer inumeros obstáculos, afirmando:

«Mobilizámos os nossos próprios recursos e retomámos consciência das nossas potencialidades. O Brasil tem, actualmente, o maior indice demográfico do Mundo. Por isso, nasceu a ideia de Brasília — dar ocupação ás legiões de jovens que desejavam trabalho e rasgar novos rumos».

E, depois:

«Não tínhamos ainda entrado no «miolo» do Brasil. Assim, as minhas actividades começaram por promover a integração nacional, seguida de industrialização. Hoje, o Brasil produz o que consome.

«Acabou-se com a lenda de que era impossível desbravar a selva amazónica. Só para abrirmos caminho, derrubámos 56 milhões de árvores, entre Belém e Brasília. Mas criámos confiança em nós próprios, tal como vós o fizestes na era dos Descobrimentos. No entanto, temos ainda uma tarefa gigantesca a realizar para maior solidez das raízes da civilização latina e lusíada, que os portugueses nos levaram. Deveremos executá-la, sempre em perfeita harmonia e tendo por base os laços que unem os dois países».

A propósito da sua visita, disse que levava o sorriso com que o povo o recebeu e a amizade que lhe foi dispensada: *«No povo, nesta máquina que tem alma e sentimento, encontrei um carinho que me sensibilizou e tem, para mim, um terno significado. Brasil e Portugal unidos, serão uma força na cultura latina».*

E, dirigindo-se aos estudantes:

«Vocês, jovens, precisais de ir ao Brasil, para lá sentir a «mão de Portugal».

No Instituto de Estudos Brasileiros

Por fim, o ex-presidente do Brasil visitou o Instituto de Estudos Brasileiros, na Faculdade de Letras. Cumprimentou-o, á entrada, o director e foi depois saudado por um aluno, tendo sido vibrantemente aclamado pelos estudantes que ali se encontravam.

Almoço na Embaixada do Brasil

Cerca das 14 horas, o senador Juscelino Kubitschek de Oliveira e a sua comitiva regressaram ao edifício da Embaixada do Brasil, onde haveria um almoço oferecido pelo ilustre visitante e por sua esposa ás diversas entidades oficiais e particulares que o receberam, durante a sua estada no nosso País.

Participaram no repasto quarenta e três convivas: os ministros dos Negócios Estrangeiros, da Educação Nacional e do Exército e esposas; os governadores civis de Santarém, Castelo Branco, Porto e Braga; os presidentes das Camaras Municipais de Lisboa, Abrantes, Santarém, Castelo Branco, Guimarães e Braga, alguns dos quais acompanhados das esposas; o reitor da Universidade Clássica de Lisboa e senhora de Paulo Cunha; o embaixador Martinho Nobre de Melo e esposa; o conde e condessa da Covilhã; o sr. António Paulouro, director do «Jornal do Fundão», e o dr. José Hermano Saraiva e respectivas esposas.

Individualidades brasileiras presentes, estavam o embaixador Negrão de Lima; a menina Márcia Kubitschek e o seu futuro noivo, sr. José Barroso; o prof. Ahgar Renault, o ministro Donatello Grieco, o secretario Ayrton Dinis e esposas; coronel Delarmando Silva e dr. Ruben Leitão.

No final trocaram-se afectuosos brindes.

A conferência de Imprensa

Á hora de fecharmos o nosso jornal, o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira está reunido com os representantes da Imprensa, Rádio e TV, assim como das agências noticiosas e correspondentes estrangeiros, aos quais concede uma conferência de Imprensa em que serão abordados assuntos de política internacional e das relações luso-brasileiras.

Ao deixar a Cidade Universitária, Juscelino despede-se fraternalmente da senhora Paulo Cunha

Assembleia Nacional

(Continuação da página central)

rais, de força de vontade e constancia sem desfalecimentos que cada dia nos vão sendo mais necessários, para não sairmos vencidos da luta que travamos em prol da nossa sobrevivência, pois modernamente os processos de ataque — como bem temos visto — não consentem a mínima trégua, não admitem qualquer deslize e, para mais, são usados sem que claramente se veja quem os conduz e maneja.

«E' a chamada guerra fria, a guerra de nervos travada em cada minuto e em todos os campos, político, económico e social, onde os fins, quase sempre inconfessáveis, pretendem ser atingidos sem olhar aos impiedosos meios a que se faz recurso.

«Sobre o nosso Ultramar, e com predominancia para Angola, recai uma incontida cobiça que, mau grado o sacrifício que o propósito comporta, é forçoso fazer recuar, é necessário reduzir, já que se não pode anular de todo. E, se pensarmos que ela não é nova mas, em certas origens, velha de séculos, fácil nos é concluir que recrudesceu, reanimou, contagiando como epidemia que tão cedo não acabará.

«Realidade que como tal tem de ser encarada, pressupõe da nossa parte — assim o julgamos — a consciencialização da mentalidade forte com que temos de nos munir para que inglóriamente se não percam os esforços e os sacrifícios já feitos.

«Sem receios de desmentido — que aliás só o passar do tempo permitiria — posso afirmar, com firme convicção, que, qualquer que fosse o rumo da política nacional, aquelas constantes não sofreriam alterações de base. Daqui se infere que, infelizmente, nada aconselha a abdicações, a transigências, pois que elas não teriam nunca o mérito de melhorar posições, nem de aliviar a pressão que ora sofremos».

A revisão da Lei Orgânica do Ultramar

A terminar, aquele deputado declarou:

«Terá a nossa defesa de ser conduzida dentro da noção clara e realista dos factos, impondo-se como básica a perfeita união de todos, num conjunto de iniludível homogeneidade.

E' nesse sentido que o Governo encarou as medidas que comecei por referir, com a abundante legislação, que inclui a revisão da Lei Orgânica do Ultramar, a que já aqui me referi e que em tempo apreciarei, quando for trazida a esta Assembleia, ocasião em que, do mesmo modo, procurarei analisar outros problemas de ordem administrativa. Nesta mesma ordem de ideias, me reservo para apreciar a legislação que está sendo promulgada, nomeadamente os decretos mencionados, na convicção de que a data agora fixada de 1 de Março próximo não vai ser alterada de novo, pois quanto a nós, firmemente convictos da impossibilidade de prever todas as situações e de legislar com inteira justiça em tão complexos e vastos problemas, o primeiro passo urge seja dado, pois o tempo não milita a nosso favor».

O sr. eng.º Cardoso de Matos concluiu apontando a necessidade da imediata execução dessa legislação, pois caso contrário pode provocar falta de confiança.

Entrou-se depois na «ordem do dia».

NECROLOGIA

FUNERAIS

Dr. José Soares Franco

Efectuou-se esta manhã, da residência, na Rua do Quelhas, 29-2.º, para o cemitério de Azeitão, o funeral do sr. dr. José Soares Franco, antigo dirigente da Mocidade Portuguesa.

Às 10 horas foi rezada missa de corpo presente a que assistiram o comissário nacional em exercício e o inspector-secretário daquela organização, bem como uma deputada de graduados, em representação dos filiados.

O funeral saiu cerca das 11 horas, estando presentes muitas dezenas de individualidades, entre as quais antigos membros do Governo, dirigentes da M. P., representantes da Empresa Insulana de Navegação e da Camara de Comércio Brasileira, provedor e mesários da Misericórdia de Azeitão e directores do Grémio dó Comércio e Exportação de Vinhos.

MORREU Francisco Valença

FRANCISCO VALENÇA

Na sua residência, Rua Latino Coelho, 21, 4.º andar, faleceu esta tarde, o grande caricaturista Francisco Valença. Há muito que estava doente. Completara 81 anos em 2 de Dezembro ultimo pois nasceu em 2 desse mês do ano de 1882. Há meses a Camara Municipal prestara-lhe a homenagem de uma exposição de trabalhos seus no Palácio Galveias, mas mestre Francisco Valença que encheu uma época com os seus lápis contundentes, por vezes emocionados, já não pôde mesmo ir visitar as salas de exposição.

Foi colaborador de dezenas de jornais, entre outros o «Diário de Lisboa», mas o grande repositório do seu espírito foi o «Sempre Fixe». A sua actividade mereceu-lhe muitas distinções e medalhas e provas de apreço das mais altas instituições e individualidades.

À família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» a expressão do seu pesar.

Vida religiosa

Homenagem a um sacerdote

Por motivo da passagem recente do 25.º aniversário da sua primeira missa, será prestada, em Lisboa, no dia 27, publica homenagem ao rev.º dr. Narciso António Rodrigues, promovida por uma comissão, da qual fazem parte os presidentes nacional da Juventude Católica, gerais da J. O. C., da J. O. C. F., da J. I. C. e da L. O. C., diocesano de Lisboa da J. O. C. e os três ultimos presidentes gerais da J. O. C.

O rev.º Narciso Rodrigues, que nasceu no Porto em 4 de Março de 1915 fez os preparatórios no Seminário de Vilar, e os de Filosofia e Teologia no Seminário Maior do Porto. Formado pela Universidade Gregoriana de Roma, em Filosofia, em 1940, e ordenado presbítero em 8 de Novembro de 1937, naquela cidade, ali celebrou a Missa Nova a 8 de Dezembro do mesmo ano. Em Portugal leccionou no Seminário de Vilar e na Escola Normal, foi capelão do bairro portuense do Amial, onde desenvolveu valiosa obra de formação religiosa e moral, bem como nos organismos católicos, e é autor de vasta obra doutrinária.

As cerimónias começam ás 10 e 30 horas, na igreja de S. Nicolau, em Lisboa, com missa celebrada pelo homenageado, seguindo-se, no salão paroquial, uma sessão publica, na qual usarão da palavra diversos oradores. Às 13 horas, num dos restaurantes da F. N. A. T., haverá um almoço para o qual as inscrições estão abertas, até o dia 22, nas direcções-gerais da J. O. C. e L. O. C. e Diocesana da J. O. C. de Lisboa.

A CIDADE

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma quantia em notas do Banco de Portugal; um porta-moedas com determinada quantia; uma bola de plástico; dois chapéus de chuva; uma sombrinha; uma pasta de cabedal com vários papéis e um passaporte em nome de Afonso Rodrigues; uma pulseira de ouro; uma gabardine para homem; uma caderneta militar do Corpo de Marinheiros em nome de Armando Martins de Freitas; três bilhetes de identidade em nome de João Valente dos Santos Lucas, Maria Alice Machado e Helena Marques Cadete; um caderno para apontamentos e duas letras em nome de Mapril dos Santos e Januário dos Santos Almeida, Lda. e, ainda, diversas facturas; um saco de linhagem; um tampão para depósito de gasolina; uma chapa de matrícula n.º AL-22-69; parte de um reflector; uma chave de ferro para porcas; três luvas dedirmanadas; e diversas argolas com chaves.

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas, uma sombrinha; uns brincos de ouro; um chapéu de chuva; uma gabardine; um par de luvas; um sapato de criança; uns óculos graduados; um porta-moedas com dinheiro; um rolo de aço; um aparelho de auscultação; uma pasta plástica, etc.

SANTOS e BOTAFOGO são finalistas da Taça do Brasil

SÃO PAULO, 17. — O Santos bateu por 4-0 o Recife num encontro a contar para a Taça do Brasil, ficando assim classificado para a final devendo enfrentar o Botafogo em data ainda não determinada. — (F. P.).

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — A's 21: «A grande roda da vida» e «O ultimo golpe» (12 anos).

OEIRAS — *Oeiras-Cine* — A's 21: «Lady Godiva» e «Um trono para Cristina» (12 anos).

CARCAVELOS — *Vitória-Cine* — A's 21 e 30: «O rei dos ladrões» (17 anos).

PAREDE — *Royal-Cine* — A's 21: «Jogando com a sorte» e «Alvorada vermelha» (17 anos).

ESTORIL — *Casino* — A's 17 e ás 21 e 30: «O sr. Hobbs vai de férias» (12 e 17 anos).

CASCAIS — *S. José* — A's 21 e 30: «Alamo» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Miramar* — R. Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048).

CAXIAS — *Nova* — R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — *Godinho da Silva* — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).

OEIRAS — *Central* — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).

PAREDE — *Grincho* — Av. da Republica, 87-A (Tel. 2471204).

ESTORIL — *Suíça* — Cruzeiro (Tel. 260087).

CASCAIS — *Marginal* — Avenida Marginal (Tel. 280078).

A tragédia de Marilyn Monroe

(Continuação da página central)

tava era a apaixonante e irresistível atracção que o homem e o «covil» exerciam sobre o trémulo coração feminino.

Deixemos agora Valentino, cujo tumulo em Hollywood é fielmente visitado todos os anos no aniversário da sua morte, em 23 de Agosto, por mulheres vestidas de preto e com ramos de flores, e vejamos outra personalidade de Hollywood, Jean Harlow.

A vida de Jean Harlow

Quando em Hollywood se discutia o projecto de filmar a vida de Jean Harlow, a escolhida para o papel era Marilyn Monroe.

Ambas as loiras casaram 3 vezes Nenhum dos casamentos foi feliz e em ambos os casos o segundo foi uma tragédia.

O segundo marido de Jean Harlow, o realizador Paul Bern, suicidou-se a tiro, em 5 de Setembro de 1932, 10 semanas após o casamento. A razão, embora investigada, nunca foi apurada. Deixou uma nota misteriosa:

«Minha querida: Infelizmente esta é a unica maneira de compensar o terrível mal que te fiz e de eliminar a minha abjecta humilhação. Compreendes que o que se passou ontem á noite foi apenas uma comédia. Paul».

O significado da nota nunca foi explicado.

(Ao contrário do que se pensa, o numero de suicídios em Hollywood é diminuto — Lupe Velez, em 1944; Carole Landis, em 1948; Marilyn, em 1962. O que há em quantidade são «tentativas» de suicídio. «Em geral», disse um oficial da Polícia de Hollywood, «telefonam a um médico ou a um amigo a tempo». As tentativas são quase sempre por meio de suporíferos, cujo consumo em Hollywood é certamente excessivo).

O segundo marido de Marilyn, o jogador de basebol Joe Di Maggio, cometeu o que na capital do cinema nessa época (1954) era considerado uma tragédia — passava o dia e a noite agarrado a um receptor de televisão. Marilyn divorciou-se dele após 9 meses de casamento.

Jean Harlow, filha de pais ricos e educada em escolas particulares, faleceu repentinamente em 7 de Junho de 1937, vítima de uma inflamação da visícula biliar. No auge da carreira, tinha então apenas 26 anos.

Filmava nessa altura «Saratoga» (que teve de ser completado por uma sósia), com Clark Gable.

Por uma estranha coincidência, o ultimo filme de Marilyn, («The Misfits») «Os Inadaptados», foi também com Clark Gable — que fez dessa vez, também, o seu ultimo filme.

Mudanças radicais

Entre a morte de Jean Harlow e a de Marilyn Monroe decorreram 25 anos — um quarto de século em Hollywood de mudanças radicais.

Passou-se do apogeu da industria do cinema e a sua concentração em Hollywood ao alastramento de Hollywood pelo estrangeiro — fazendo de cada país onde as brigadas de Hollywood filmam, desde a Europa, á África e á Ásia, um pequeno Hollywood — e ao crescimento das industrias italiana e japonesa, entre outras. Passou-se também á dolorosa coexistência da industria do cinema com a da televisão.

Antes do advento da televisão, cada um dos grandes estudios de Hollywood produzia um mínimo de 52 filmes por ano. Hoje não fazem mais do que 8 — os que restam.

Certos estudios foram vendidos á televisão. O da RKO-Rádio Pictures pertence agora a Desilu, cujos filmes são exclusivamente para a televisão. Os que ainda continuam a filmar para o cinema criaram, no entanto, companhias afiliadas para a nova industria. A Metro-Goldwyn-Mayer, por exemplo, tem agora uma que se chama MGM-TV.

Como afirmou Sam Goldwyn, proprietário de um estudio do cinema e um dos mais velhos e respeitados produtores:

— Não se descobriu ainda maneira de parar o progresso.

A industria do cinema, amuada de começo com a concorrência impiedosa da televisão, mas não disposta, por uma questão fundamental de princípio, a pedir a restringente protecção do Estado, resignou-se há já anos ao progresso da industria da televisão.

A nova industria, graças á iniciativa particular, num ambiente de concorrência e livre empreendimento do capital privado, com um mínimo de acção ou restrição do Estado ou da sua morosa burocracia, cresceu num relampago. Há já uns 8 anos que a televisão é uma industria gigante em Hollywood — Joe Di Maggio que o diga.

Hoje os filmes em série da industria da televisão de Hollywood, como *Huckleberry Hound, Rin-Tin-Tin, Bonanza, Tightrope* e *Loretta Young Show* (para mencionar apenas 5 conhecidos em Portugal), são vistos na televisão de numerosos países.

E é tal a profusão de tais filmes feitos exclusivamente para a televisão que na televisão de uma cidade como Los Angeles ou Nova York são exibidos mais de 300 — por semana. Esse numero não inclui os antigos filmes feitos para o cinema, mas agora vistos na televisão, como «Como desposar um milionário», com Marilyn Monroe.

Dos três ídolos das plateias, Jean Harlow e, ainda mais, Rudolfo Valentino, estavam bem longe de poder adivinhar a triunfante chegada da industria da televisão e o seu domínio do publico — apenas Marilyn Monroe conheceu o fenómeno, um constante rival no lar, um crescente competidor no trabalho.

,Essa foi também a sua tragédia.

A partida dos indianos
da província de Moçambique
e circunstâncias em que se verifica
são esclarecidas pelas autoridades portuguesas

LOURENÇO MARQUES, 17. — O Centro de Informação e Turismo enviou para a Imprensa o seguinte comunicado:

«Em telegrama de Nairobi, datado de 15, a agência France Presse, distribuiu aos órgãos de informação a seguinte notícia: «Nairobi, 15. — Fontes indianas anunciaram na segunda-feira, nesta cidade, que foi dada ordem a dois mil indianos que se encontram em Moçambique para abandonarem este território português.

«O primeiro barco com refugiados, o «Karanja» transportará 800 e o «Sirdana», 1200. Será ocupado todo o espaço disponível e destinado um cinto de salvação a cada passageiro — num mínimo de precauções de segurança».

Conforme aquela agência noticiosa assinala trata-se de uma versão posta a circular pelos meios indianos de Nairobi; podemos acrescentar que se trata do prosseguimento da campanha lançada no início deste ano contra o nosso País por aqueles mesmos meios quando se quis fazer acreditar que os subditos indianos ainda residentes em Moçambique estavam sendo objecto de violências por parte das autoridades portuguesas.

Em relação ao telegrama acima mencionado e em aditamento ao que sobre o assunto se tornou publico em 8 do corrente mês, parece haver apenas que esclarecer o seguinte:

a) No «Karanja», que largou no passado domingo do porto de Lourenço Marques, seguiram viagem 768 passageiros de nacionalidade indiana, dos quais, parte segue directamente para Bombaim e parte fica em transito em Dar-es-Salaam, mas com garantia de transporte para a União Indiana, graças a diligências nesse sentido empreendidas pelas autoridades portuguesas junto da Companhia British India;

b) No «Sirdana», que tem a partida prevista para meados do próximo mês de Fevereiro, devem seguir os restantes 676 subditos indostanicos que constituem o total dos ainda residentes na provincia.

Ocioso se torna rectificar a expressão «refugiados» usada no telegrama em relação a estes indianos, porquanto, é notório que se não trata de refugiados, mas sim apenas de cidadãos estrangeiros legalmente obrigados desde Maio de 1962 a deixar o território português devido exclusivamente á agressão cometida pelo seu país contra Portugal». — (L.).

A PRESTAÇÕES

TUDO O QUE PRECISAR.
ATÉ **36 MESES**
TELEF. **54985**

O PORTO pelo telefone

Prisão de um malandrim

PORTO, 17 — A operária fabril Maria Manuela Coelho Moreira, residente no lugar da Amieira, em São Mamede de Infesta, ao dirigir-se, cerca das 7 horas, para a fábrica onde trabalha, e ao passar num caminho bastante ermo, foi assaltada por um malandrim que tentou violentá-la. Aos gritos da vítima, acorreu um transeunte que no momento, ali passava, e ainda chegou a deitar a mão ao assaltante. Este, porém, conseguiu fugir. Posta ao corrente do insólito caso, a P. S. P., por intermédio de alguns agentes da brigada da Secção de Justiça, capturava, passadas algumas horas, o malandrim. Trata-se do cimenteiro António Gonçalves, de 24 anos, solteiro e morador na Rua de Serpa Pinto, 671.

Espectáculos de amanhã

RIVOLI — As 21 e 30: «Meu amor é traiçoeiro» (12 anos).

TEATRO DE BOLSO — As 21 e 30: «O respeitável senhor e os seus hóspedes» (17 anos).

COLISEU — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Os mistérios de Paris» (12 anos).

SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «O final do julgamento» (17 anos).

TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Madame Sans Géne» (17 anos).

OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30: «O ultimo pistoleiro» (17 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e ás 21 e 15: «Espiões em acção» e «Dinheiro por um corpo» (17 anos).

VALE FORMOSO — As 21 e 30: «O alegre forasteiro» (12 anos).

BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30: «A bela americana» (12 anos).

NUN'ALVARES — As 21 e 30: «O alegre forasteiro» (12 anos).

AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30: «Cartouche» (17 anos).

S JOÃO — As 15 e 30 e ás 21 e 30: «Mais uma vez adeus» (17 anos).

JULIO DINIS — As 21 e 30: «Um general e meio» (12 anos).

Instalação rápida em qualquer marca ou modelo de viatura.
Peça todos os esclarecimentos à
SOC. DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.
Avenida Praia da Vitória, 73-A — Telefone 58141 (PPC, 3 Linhas)

+

Maria Alice de Carvalho Costa de Oliveira

MISSA DO 30.º DIA

Sua Familia participa que pelo seu eterno descanso será celebrado o Santo Sacrificio da missa, amanhã, dia 18, ás 12 e 15 h., no altar-mór da Basílica da Estrela.

+

Gil Pereira Gonsalves

FALECEU

Sua esposa Maria Matilde Deslandes de Pereira Gonsalves, irmãos, cunhados e mais familia participam o falecimento e que o funeral se realiza amanhã, dia 18, ás 11.30 horas, da Igreja da Estrela, para o cemitério dos Prazeres.

+

Jorge de Figueiredo

MISSA DO 7.º DIA

Constança de Sousa Figueiredo, Filhas, Genros e mais família, participam que amanhã, dia 18, pelas 10 horas, mandam celebrar missa no Altar-Mor da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, pelo eterno descanso do seu querido marido, pai, sogro e parente, agradecendo desde já a todos que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

Boletim do dia

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 17 de Janeiro de 1933 publicava:

«A Academia Brasileira celebrou recentemente a memória de Olavo Bilac, o grande poeta que em 1916 aqui foi recebido e festejado, como o seu génio e o seu amor a Portugal mereciam. Não estão ainda esquecidos a sua conferência no Teatro de S. Luiz, a admirável oração na Academia das Ciências de Lisboa, o discurso no banquete oferecido pela revista «Atlantida» — três magníficos louvores á língua e á literatura portuguesas, em que o lirismo, a erudição, a inteligência subtil, e o estilo de pureza helénica harmoniosamente se entrelaçam. Olavo Bilac foi um devoto dos nossos clássicos, e foi e será sempre um dos maiores escritores do Brasil. Ler, conhecer a sua obra, perfeita em todas as suas modalidades, é um ensinamento e uma alta alegria para quem pregue o idioma da nossa gente e ame no Brasil a Pátria gloriosa, irmã da nossa».

RÁDIO

EMISSORA — *Programa A* — 451 m — 655 kc./s. — A's 17: Musica de teatro: 17 e 30: Cançonetas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: Recreio espanhol; 19 e 10: Concerto, pelo sexteto de cegos; 19 e 30: Rádio Mocidade; 20: Melodias, pela orquestra de Stanley Black; 20 e 15: Jornal sonoro; 20 e 35: A nossa terra; 21: Noticiário—Varanda da Europa — Crónica de Angola; 21 e 40: Separador; 21 e 45: Teatro das comédias: «O Velho Capitão Voltou ao Mar», de Carlos Xavier; 22 e 16: Musica portuguesa; 22 e 30: Cançonetas hispano-americanas; 22 e 45: Jornal sonoro, 2.ª emissão; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: Trechos em órgão; 23 e 20: Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc./s. — A's 18: Musica portuguesa; 19: Intérpretes musicais; 20: Noticiário; 20 e 15: Concerto pelo duo Maria de Macedo-Maria Filomena de Campos (violoncelo e piano); 20 e 35: «Adagio», de Mozart, pelo harpista Marcel Grandjany; 20 e 45: Musica e poesia; 21 e 5: «Poema Dell'Estasi, op. 54», de Scriabin, pela Orquestra Sinfónica de Boston dirigida por Pierre Monteux, com Roger Voisin (trompe); 21 e 25: Horizonte, semanário de letras e artes; 22: O programa internacional «A Voz do Ocidente»; 24: Encerramento.

Modulação de frequência de Lisboa e Porto — A's 22: Festival de Viena, de 1962: Concerto pela Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida pelo maestro István Kertész e com a participação de violinista Wolfang Schneiderhan; 23 e 45: Noticiário: 24: Encerramento.

RÁDIO CLÚBE — A's 17: Solistas; 17 e 15: Artista; 17 e 30: Motivos portugueses; 17 e 45: Noticiário; 18: Fados e guitarradas; 19 e 1: Artista; 19 e 45: Noticiário; 20 e 15: Cançonetas; 21: Noticiário; 22: Conjuntos; 22 e 15: Curso de língua inglesa; 22 e 30: Saude para todos; 22 e 45: Motivos portugueses; 23 e 45: Noticiário; 0 e 45: Noticiário; 1 e 45: Noticiário; 2 e 55: Noticiário; 3: Fecho.

Emissor de Miramar — A's 17 e 30: Solistas; 17 e 45; Noticiário; 18: Ritmos de baile; 19 e 15: Orquestras e vocalistas; 20: Noticiário; 20 e 10: Melodias; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 45: Programa «jazz»; 22 e 5: Paisagem intelectual; 22 e 30: Brasil; 23: Variedades; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 10: Programa da Igreja Católica Alemã; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: O seu programa; 20: França, Horizonte do Mundo; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 50: A hora do Concílio; 21 e 15: Tangos famosos; 21 e 30: Recital de poesias, por Carlos Filinho; 22 e 30: Chuva de estrelas; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

RÁDIO UNIVERSIDADE — A's 17: «Gaudeamus Igitur», anúncio de estação e resumo; 17 e 2: Nota de Abertura ou Um Disco — Um Ritmo; 17 e 5: Concerto; 17 e 30: Universidade Radiofónica Internacional; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50: Os dois ultimos discos; 17 e 53: Resumo do programa do dia seguinte; 17 e 54: Anúncio de encerramento e marcha; 17 e 55: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; das 22 á 1: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

HOJE, ás 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Aventuras de Rin-Tin-Tin»; 20 e 10: «Vida Sã em Corpo São», pelo sr. dr. Ramiro da Fonseca; 20 e 25: «Rosa dos Ventos», informação e divulgação cultural; 20 e 50: «Os Flintstones na Idade da Pedra» (desenhos animados); 21 e 20: Telejornal; 21 e 45: «Um Quarto com Vista para o Mar», de Olavo de Eça Leal, 3.º episódio, com Alina Vaz, Rodolfo Neves, Fernanda Figueiredo, Andrade e Silva e Olavo de Eça Leal. Cenários de António Casimiro. Realização de Henrique Pavão; 22 e 15, TV-Mundo, apresentação de Pedro Moutinho; 23 e 15, Transmissão dos estudios do Porto: António Pedro, conversa sobre teatro; 23 e 45, Ultimas notícias e boletim meteorológico: 24 horas, Fecho.

Amanhã, ás 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Episódio da série «Guilherme Tell»; 20 e 10: «Relatório do Progresso»; 20 e 25: «Página 4», programa feminino, com «Ambiente e Decoração», por Ema Preto Pacheco e «A Mulher Elegante», de Luísa Damaia, apresentado por Maria Leonor; 20 e 50: «Jane Wyman, Show»; 21 e 20: Telejornal; 21 e 45: Selecção Policial, apresentação de A. Varatojo; 22 e 20: «Show do Estoril»; 23: Desporto no Mundo; 23 e 15: «Temas de Arte», mestres desconhecidos; 23 e 30: Ultimas notícias e boletim meteorológico; 23 e 45: Fecho.

MARÉS

PREIA-MAR

Dia 17 — A's 8 e 12 (3,34 m); 20 e 43 (3,14 m).
Dia 18 — Às 9 e 08 (3,20 m.); 21 e 50 (3,09 m.).
Dia 19 — A's 10 e 09 (3,15 m); 22 e 50 (3,14 m).

BAIXA-MAR

Dia 17 — A' 1 e 21 (1,63 m); 13 e 59 (1,62 m).
Dia 18 — Às 2 e 25 (1,73 m.); 15 e 07 (1,69 m.).
Dia 19 — A's 3 e 30 (1,77 m); 16 e 05 (1,68 m).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 6 anos)

CINEMAS

AVIS — «Tombola».

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

AVENIDA — Às 21 e 45 — «Operação Bossa Nova».

CINEMAS

S. LUIZ — «Hatari».
S. JORGE — «Milagre por um dia»
EDEN — «Diplomacia de saias».
MONUMENTAL — «Revolta na Bounty».
POLITEAMA — «O Leão».
ALVALADE — «Hatari».
OLIMPIA — «Zotz, a medalha misteriosa».
CHIADO TERRASSE — «Um rei em Nova York».
PROMOTORA — «Violetas imperiais».
IDEAL — «Violência em Tóquio».
CINE-MOSCAVIDE — «Roma, que bela és».
VOZ DO OPERÁRIO — «Bala sem destino».
ROYAL — «Ada».
SALÃO LISBOA — «O melhor dos inimigos».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

NACIONAL — Às 21 e 30 — «Os Maias».
MARIA VITÓRIA — A's 20 e 45 e ás 23 — «Põe-te a pau!».
MONUMENTAL — A's 21 e 45: «Os direitos da mulher».
ABC — A's 20 e 45 e ás 23 — «O gesto é tudo»

CINEMAS

TIVOLI — «Aventuras de um jovem».
IMPERIO — «Quatro crimes por ciume».
CONDES — «Carícias de luxo».
ROMA — «Carícias de luxo».
ODEON—«A rainha do chantecler»
CAPITÓLIO — «Zonga».
LYS — «Duas semanas noutra cidade».
RESTELO — «Os degraus do terror».
JARDIM CINEMA—«Prisão maior».
CAMPOLIDE — «Para além do sacrifício».
ARCO-IRIS — «Corrupção».
S. L. BENFICA — «Tunis máximo segredo».

FARMACIAS

TURNO F

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — **Lidia Almeida,** Calçada da Ajuda, 170 (637318).
ALCÂNTARA — **Probidade,** R. Alcântara, 15-A-B (638589).
ALFAMA — **Anunciada,** R. do Vigário, 74 (866360).
ANJOS — **Guerra,** R. Andrade, 32-36 (845513).
AREEIRO — **Belmar,** Av. Roma, 53 776314 ✱ **Central do Areeiro,** Av. Paris, 2 e 2-A (720820).
ALTO DO PINA — **Eusil,** R. Barão de Sabrosa, 104 (841912).
ALVALADE — **Alentejo,** Av. Igreja, 28-B (712682) ✱ **Rainha Santa,** R. Afonso Lopes Vieira, 57 (765262) ✱ **Brasília,** Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) ✱ **Estados Unidos,** Av. Estados Unidos da América, lote 373 (725859).
ARROIOS — **Aliança,** Av. Almirante Reis, 145 (50487).
AVENIDA DA LIBERDADE — **Galénica,** R. das Pretas, 12-14 (322588).
AVENIDAS NOVAS — **Cardote, Lda.,** Av. Visconde Valmor, 28 (772291) ✱ **Palma,** Aven. Duque de Ávila, 25 (47088) ✱ **Arga, Lda.,** Av. Praia da Vitória, 53 (43938) ✱ **Latina,** Av. António Augusto de Aguiar, 17 (42312).
BAIRRO AZUL — **Sirius,** R. Fialho de Almeida, 36-E (44000).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso,** R. 27-41 (389216).
BAIXA — **Internacional,** Rua do Ouro, 228-230 (32017-30203)
BEATO — **Grijó,** R. do Grilo, 25.
BELÉM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Pedrouços) (610741).
BENFICA — **Marques,** Est. de Benfica, 648 (700096) ✱ **Vitex,** Est. de Benfica, 373-B (780548).
CAMPO DE OURIQUE — **Almeida,** R. Silva Carvalho, 136 (681726) ✱ **Condestável,** R. Coelho da Rocha, 119 (666206).
CAMPOLIDE — **Imparcial,** R. General Taborda, 28 (680931) ✱ **Rualto, Lda.,** Rua do Alto Carvalhão, 5-A/5-B (651721).
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Av 5 de Outubro 283 (763016 e 765635).
CARNIDE — **Leal de Matos,** R. Neves Costa, 33-35 (780181).
CHARNECA — **São Bartolomeu,** Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1 (790969).
CONDE DE REDONDO — **Contemporânea,** R. Conde de Redondo, 26 (45048).
GRAÇA — **Brito,** R. do Vale de Santo António, 7-9 (840125) ✱ **Progressiva,** R. de St.ª Marinha, 18 (863619).
ESTRELA — **Aurélio Rego,** Calçada da Estrela, 139 (661758)
JANELAS VERDES — **Infante Santo,** R. Olival, 290 (661003) ✱ **Marcos do Nascimento,** Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (664238).
LUMIAR — **Patuleia Herdeiros,** R. Lumiar, 122-124 (790332).
MARQUÊS DE POMBAL — **Vieira Borges,** R. Alexandre Herculano, 28 (40536).
OLIVAIS — **Simão,** Rua D, 1, lote K, á Av. Entre Aeroportos (388581).
PALHAVÃ — **Curie,** Av. Madame Curie, 15-A (778439).
PENHA DE FRANÇA — **Dimar,** R. Conde de Monsaraz, 17-B (842533).
PICHELEIRA — **Mariuz,** Calçada da Picheleira, 140-C (720703 e 728395).
PRINCIPE REAL — **Oliveira,** R. D. Pedro V, 123-125 (27880).
REGO — **Prates e Mota,** R. Beneficência, 91 (773728).
SANTO AMARO — **Santo Amaro,** R. Filinto Elísio, 29-A-B (637070).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	—	—	653$00
Cons. 3 % T. 10	—	—	692$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	—	—	806$00
Centenários 4 % 1940...	—	—	1.850$00
Obg. Tes.2 1/2 % 1942	—	1.006$00	—
Obg. Tes.2 1/2 % 1943	—	1.006$00	—
Obg. Tes.2 1/2 % 1944	—	1.006$00	—
Externo 1.ª série.........	—	—	1.130$00
Ext. 1.ª série car.	—	1.135$00	1.140$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext. 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	1.300$00	1.330$00
Ext. 3.ª série car.	—	1.331$00	—
Caut. 3.ª série s/j.	—	220$00	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	500$00	—
Norte de Portugal 5 %	102$00	101$50	102$00
Gás Elect. 3 3/4 % ...	—	—	950$00
Gás Elect. 4 %	945$00	—	950$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	—	970$00	985$00
Gás Elect. - %	1.000$00	998$00	1.002$00
U. E. P. 3 3/4 %	83$00	83$00	—
U. E. P. 4 % 1945	86$00	—	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	97$50	97$00	97$50
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	986$00	986$00	989$00
H. E. S. Estrela 5 %	—	—	—
C. P. 4 1/2 %	1.001$00	—	1.003$00
Metropolitano	958$00	955$00	960$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	510$00	530$00
Angola	—	—	—
Espirito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	—	1.930$00
Portugal	—	—	1.940$00
Ultramarino	1.150$00	1.145$00	1.155$00
Agricultura	—	48$00	50$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	280$00	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	—	1.700$00
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	507$00	520$00
Ag. das Neves	—	—	—
Agric. Colonial	—	—	—
Açucar de Angola	—	507$00	519$00
Boror	—	—	—
Cabinda	—	—	—
Cadá	—	750$00	—
Colonial do Buzi	—	75$00	78$00
Ilha do Principe	—	—	—
Incomati	—	—	—
Moçambique	—	30$00	33$00
Zambézia	—	45$00	46$00
Diamantes	418$00	417$00	419$00
Lobito	—	317$00	320$00

C.as Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	39$00	39$00	39$20
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias ...	575$00	575$00	—
Nacional Navegação ...	—	600$00	—
Colonial Navegação ...	—	465$00	480$00
Port. de Celulose	—	3.000$00	3.050$00
Portuguesa de Pesca...	—	—	960$00
Port. de Tabacos	215$00	214$00	217$00
Tabacos de Portugal...	—	435$00	—
Águas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934......	—	345$00	—
Aguas Lisboa 1936......	—	335$00	—
Eléct. das Beiras	1.630$00	1.620$00	1.640$00
Gás e Electricidade ...	299$50	299$00	300$00
H. Alto Alentejo	151$00	151$00	151$50
H. E. Cávado	1.100$00	1.090$00	1.110$00
H. E. Zêzere	1.245$00	1.240$00	1.245$00
Nac. de Electricidade	—	—	1.235$00
União Eléctrica Port.	—	143$00	145$00
H. E. do Douro	1.037$00	1.037$00	1.040$00
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela 5 %...	—	—	—

BANCO
BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Notas:		
Africa do Sul	38$00	39$00
Alemanha	7$05	7$25
América:		
Dólares de 1 a 2	28$35	28$65
Dólares de 5 a 1000	28$55	28$85
Argentina	$19	$23
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56,5	$58.5
Brasil	$03.3	$04,3
Canadá	26$20	26$70
Congo	$10	$14
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47,2	$48,2
França (N. Franco) ...	5$77	5$92
Holanda	7$85	8$10
Inglaterra	79$75	81$25
Itália	$04.55	$04.7
Marrocos	5$25	5$55
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suiça	6$58	6$73
Ouro:		
Inglaterra (Libra) ...	281$00	291$00
Portugal — Barra	32$30	33$00
Portugal — Barra fino	32$50	33$20

J. BURNAY, L.DA Papéis de crédito
Telef. 321273
RUA DO OURO, 72 Notas estrangeiras

UM ESCOCÊS DE SAIOTE

foi ridicularizado em Évora e teve de ser protegido pelas autoridades

ÉVORA, 17. — Em viagem turística, esteve em Évora um cidadão escocês que deambulou pela cidade acompanhado de um formoso exemplar canídeo.

Talvez para vincar bem a sua origem o visitante envergava o tradicional saiote e as coloridas meias axadrezadas que identificam os cidadãos da terra dos clãs.

A sua curiosa figura despertou certo interesse e curiosidade, como não podia deixar de ser, mas para uma minoria de eborenses, ainda mentalizados á época das conquistas, os atavios do escocês provocaram riso e mofa, sendo necessária a intervenção das autoridades policiais que o protegeram, metendo-o num automóvel para o furtarem ao escândalo que se avizinhava.

Boas palavras irá o infeliz turista pronunciar entre os amigos, sobre a hospitalidade eborense quando recordar na Escócia a sua viagem a Évora!...

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do sr. Armando Tavares, presidente da Junta de Freguesia do Rossio ao Sul do Tejo, recebemos o seguinte telegrama: «Felicito o vosso jornal pela oportuna notícia da falta de telefones nesta freguesia, vindo ao encontro dos desejos de dezenas de interessados que aguardam tal benefício».

A bandeira congolesa flutua novamente em Elisabethville

ELISABETHVILLE, 16 — A bandeira azul-ouro com estrelas do Governo central do Congo flutua no antigo Ministério da Defesa da Katanga, nesta cidade — um sinal da rápida mudança do poder que está a verificar-se nesta província.

Informou-se que os gendarmes katangueses estão a reagrupar-se com o fim de se alistarem de novo sob as ordens de comandos de Leopoldville.

EUROPEUS E AFRICANOS PARECEM ACEITAR A MUDANÇA DE PODER

A transição parece estar a decorrer duma forma notavelmente tranquila. Mas observadores dizem que este facto poderá ser devido ao facto de se encontrarem na capital da Katanga apenas cerca de 120 oficiais congoleses — e nenhuns soldados.

Além disso, têm-se registado poucos indícios, até esta altura, de espírito de vingança. Diz-se que o chefe permanente dos serviços civis congoleses, M. E. Kalala, que se encontra nesta cidade a organizar a transferência de poderes para a autoridade central, terá recomendado ao primeiro-ministro Cyrille Adoula que o poder na Katanga não seja estabelecido pela força armada. Mas muitos dos 11 000 habitantes europeus temem ainda o pior. Ao mesmo tempo, tanto europeus como africanos parecem ter aceite a inevitabilidade do «contrôle» por Leopoldville, sem grande contrariedade.

TREZENTOS FUNCIONÁRIOS DE LEOPOLDVILLE A CAMINHO

Encontra-se já a caminho de Elisabethville uma missão de cerca de 300 funcionários do Governo central, que vêm ocupar certos serviços administrativos, tais como o da imigração, alfandegas, cargos do exército e telecomunicações, rádio e finanças.

Entretanto, André van Roy, director do Banco Nacional da Katanga e conselheiro íntimo de Tschombé, regressou a noite passada do quartel-general do chefe katanguês, em Kolwezi, e declarou esperar seguir para Leopoldville dentro em breve para continuar as suas conversações.

A ultima oferta de Tschombé sobre a Katanga, embora sujeita a outras condições, é considerada geralmente como assinalando o fim da sua resistência.

TSCHOMBÉ É ESPERADO HOJE

Elisabethville mostra-se surpreendentemente normal. A despeito de 2 dias e meio de resistência, combates, tumultos, motins e movimentos em massa da população, a capital da Katanga mostra-se tranquila. O comércio, que encerrou as suas portas devido ao tiroteio, abriu novamente ao publico. As ruas estão cheias de crianças a caminho das escolas, de mulheres fazendo compras e multidões enchendo completamente os cafés ao ar livre.

Espera-se que Tschombé chegue hoje. — (R.).

A VIDA PAROU NA SUÍÇA DEVIDO A AVARIA NA REDE ELÉCTRICA NACIONAL

GENEBRA, 17. — Os eléctricos pararam repentinamente em todas as cidades suíças, os ascensores ficaram suspensos entre andares e os comboios paralisaram temporàriamente devido a uma avaria na rede eléctrica que serve todo o país.

Como as cidades iam ficando sucessivamente mergulhadas na escuridão, o tráfego desconjuntou-se. Pararam todos os aparelhos eléctricos, excepto aqueles que são alimentados por geradores particulares, como nos hospitais.

Em Zurich foram chamados os bombeiros para retirar muitas pessoas presas nos elevadores, e em Neuchatel não apareceram as edições dos primeiros jornais.

Os ladrões andavam activos em várias cidades, incluindo Basileia e Genebra. — (R.).

KRUCHTCHEV VISITOU O «MURO» DE BERLIM

BERLIM, 17 — Kruchtchev visitou hoje o «muro» desta cidade. Esteve no posto de vigilancia em frente do «Checkpoint Charlie», acompanhado pelo ministro da Defesa da R. D. A., general Heinz Hoffmann, e pelo comandante alemão de Berlim Oriental, general Helmut Poppe.

Entretanto, no congresso do Partido Comunista alemão, reunido em Berlim Leste, o dirigente polaco Gomulka declarou — segundo a agência A. D. N. — que a evolução histórica privou de uma vez para sempre os militaristas alemães do monopólio de representarem a Alemanha inteira.

«O Partido Operário Unificado polaco e todo o povo da Polónia» — continuou — «partilham inteiramente do ponto de vista do S. E. D. (Partido Comunista da Alemanha Oriental) quanto á solução do problema alemão. A segurança da R. D. A. é a segurança da Polónia e em todos os problemas fundamentais os nossos pontos de vista são idênticos».

E, mais adiante: «O discurso proferido ontem pelo camarada Kruchtchev exprime ao mesmo tempo a opinião do nosso partido. A U. R. S. S. é a força mais importante e mais decisiva do campo socialista». — (F. P.).

AS 16 HORAS

Abateu um muro e há feridos

Ás 16 horas, na Quinta da Curraleira, Rua António Luís Inácio, abateu um muro, o qual, por sua vez, derrubou várias árvores, que atingiram diversas pessoas, uma das quais foi conduzida ao Hospital de S. José. Supõe-se que há mais feridos.

Os Sapadores Bombeiros seguiram para o local com ambulâncias.

Até ás 16 e 30, deram entrada naquele hospital dois feridos no referido desastre: Maria Teodora Anjos Marques, de 54 anos, vendedeira ambulante, e uma outra mulher de nome Alexandrina de Jesus, de 60 anos, também vendedeira ambulante, esta ultima em estado gravíssimo.

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **OS E. U. A. LANÇARAM OUTRO SATÉLITE — A Força Aérea norte-americana anunciou, a noite passada, o lançamento de um novo satélite, com a ajuda de um míssil «Thor-Agena», não foram fornecidos mais detalhes.**

● FALECEU UM DOS DIRIGENTES DO PARTIDO LIBERAL ALEMÃO — Wolfgang Doering, um dos dirigentes do Partido Liberal alemão, faleceu repentinamente, esta manhã, contando 43 anos, quando seguia de automóvel de Bonn para Dusseldorf. Sucumbiu a um ataque cardíaco.

Portugal e a O. N. U. na Imprensa americana

WASHINGTON, 17. — Em vigoroso editorial intitulado «Há uma diferença» o «News-Free Press», publicado em Chattanooga, no Estado do Tennessee, critica a política das Nações Unidas relativamente a Portugal.

O articulista, depois de salientar que «a O. N. U. não condenou, nem condena o cativeiro e a opressão da Hungria, da Polónia, da Lituania, da Roménia e dos outros países escravizados pela Russia», tal como «não se importou, nem se importa, com o caso da prisão de oposicionistas em Ghana», insurge-se, por fim, contra a atitude da O. N. U. no caso da Katanga, acentuando: «Falhando em todos os casos mencionados, a O. N. U. tinha tempo para condenar Portugal, só porque a maioria que dita a vontade da Organização não gosta da maneira como Portugal está a administrar as suas províncias africanas». — (A. N. I.).

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Kennedy apresentou o maior orçamento da História dos E. U. A.

WASHINGTON, 17—O presidente Kennedy apresentou hoje ao Congresso o maior orçamento da História norte-americana, que excede mesmo o anterior «record» de 98 biliões de dólares registado no ultimo ano da guerra.

O novo orçamento, para o ano fiscal que começa a 1 de Julho, inclui despesas no total de 98 800 milhões de dólares.

Este aumento destina-se, principalmente, ás verbas reservadas para despesas militares e para o programa espacial. Assim, a defesa receberá 56 biliões de dólares — mais 2400 milhões do que este ano — e o programa espacial receberá 4200 milhões de dólares — mais 1800 milhões do que este ano — sendo dada especial prioridade ao envio de naves tripuladas á Lua.

As receitas previstas, entrando já em linha de conta com a redução dos impostos que Kennedy propôs, totalizarão 86 900 milhões de dólares, pelo que o orçamento do Estado apresenta um saldo negativo de 11 900 milhões.

O auxílio militar e económico ao estrangeiro totaliza 3750 milhões de dólares — menos 100 milhões do que no corrente ano fiscal.

No discurso de apresentação do orçamento ao Congresso, Kennedy defendeu a redução dos impostos, dizendo que isso será um incentivo para um mais rápido desenvolvimento económico, embora momentaneamente restrinja a receita do Estado.—(A. N. I.).

O NÚMERO DE MISSEIS BALÍSTICOS EM 1966

WASHINGTON, 17 — Os Estados Unidos disporão de 1840 foguetões balísticos em 1966 — ao que se anuncia oficialmente, com base no orçamento para o ano fiscal de 1963-64.

Os Estados Unidos dispõem actualmente de 200 mísseis balísticos intercontinentais operacionais e de 144 foguetões «Polaris». — (F. P.).

A carestia da vida originou desordens através da Colômbia

BOGOTÁ (Colômbia), 17 — Um morto, diversos feridos e um numero ainda indeterminado de prisões é o resultado anunciado, ontem á noite, em Bogotá, de escaramuças ocorridas em diversas cidades da Colômbia durante manifestações contra a carestia da vida.

As forças da ordem tiveram que intervir para dispersar os manifestantes nas cidade de Cali, Arménia, Pasto, Honda, Heiva, Santa Maria e Bucaramanga. — (F. P.).

O PERU PROJECTA EXPROPRIAR CAMPOS PETROLÍFEROS EXPLORADOS PELA STANDARD OIL

LIMA, 17 — O general Ricardo Perez Godoy, presidente da junta governamental, reafirmou ontem, em Lima, as reivindicações do seu país relativamente ás jazidas petrolíferas de La Brea e de Parinas, actualmente exploradas pela International Petroleum Company, filial da Standard Oil of New Jersey.

O general esclareceu contudo que o seu Governo se reserva o direito de agir nas circunstancias e da maneira que lhe parecerem mais favoráveis para a Nação.

No decorrer de uma conferência de Imprensa, o presidente da junta governamental recordou que os militares já se tinham pronunciado em 1959 pela necessidade de expropriar as jazidas que «o Peru considera encontrarem-se injustamente nas mãos dos dirigentes da Standard Oil of New Jersey e acrescentou que o seu Governo não pode afastar-se agora desse ponto de vista. — (F. P.).

Roubo de quadros na Venezuela

(Continuação da 1.ª página)

das do museu, os assaltantes — entre os quais havia duas mulheres — conseguiram bloquear as saídas e encerrar nas diversas salas 400 alunos dos liceus que nesse momento visitavam a exposição. Um dos estudantes, que tentou dar o alarme, foi ferido.

Antes de fugir, o grupo proclamou o carácter inteiramente político da sua acção. A Frente de Libertação Nacional, a que declararam pertencer, é um movimento da extrema esquerda venezuelana.

A exposição «Cem Anos de Pintura Francesa», que apresenta quadros avaliados em seis milhões de dólares (174 mil contos), tinha sido inaugurada pelo presidente da Republica venezuelana no dia 21 do mês passado e é realizada sob o patrocínio dos Governos francês e venezuelano e da fundação venezuelana Fina Gomez. — (F. P.).

O Euromercado e a Inglaterra

(Continuação da 1.ª página)

via revelado quais as concessões que o seu país estava preparado a fazer no tocante á agricultura e ás tarifas a aplicar sobre os produtos do Commonwealth que entrassem na área do Euromercado. Porém, os «Seis» não chegaram a acordo acerca das concessões a aceitar e das tarifas a estabelecer nem sobre o sistema de financiamento agrícola mais apropriado a adoptar pelos países da comunidade.

Entravam hoje no quarto dia as conversações da presente série de conferências para o ingresso da Inglaterra. — (A. N. I., F. P. e R.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava encoberto e chovia a sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma depressão centrada entre a Madeira e o Continente.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS: Porto, 11°; Portalegre, 8°; Lisboa, 10°; Sagres, 11°; Faro, 12°; Funchal, 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 11°,5; na água do mar, 13°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 12°,8; mínima, 9°,9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16°; mínima, 9°,2.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — A norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela: céu muito nublado, por vezes pouco nublado; vento moderado de Sueste; possibilidade de nevoeiro, no litoral Oeste a norte do cabo Mondego.

A sul do referido sistema: céu muito nublado a encoberto; vento moderado de Sueste; períodos de chuva; pequena subida de temperatura.

FARMACÊUTICO PARA ANGOLA

Licenciado para Firma muito importante. Lugar de futuro. Indicar «curriculum Vitae» e todas as informações julgadas úteis.

Resposta a este jornal ao n.º 343.

RESTAURANTE MÓNACO
CAXIAS
Tel. 2420339

A gerência comunica aos seus estimados clientes que hoje se encontram reservadas as suas salas durante a noite, para um jantar de homenagem.

DUAS LETRAS, DOIS CARRIS, AO SERVIÇO DO PAÍS

Da esquerda para a direita: Maria Amália Ortiz da Fonseca; Almeida Faria; Marta de Lima; César Pratas e Fiama Hasse

Vida literária e artística

NÚMERO 233

17 - JANEIRO - 1963

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

MADRIGAIS

I

Naquela noite
nem palavras
nem canções.
Só os teus olhos muito abertos
desmentiram o silêncio.

II

A vida recomeça
quando tu respiras.
A manhã desponta
quando sorris.
Momento a momento
teu olhar renova a primavera.

LUÍS GAMEIRO

Prémios de Revelação

REALIZA-SE esta tarde, na sede da Sociedade Portuguesa de Escritores, um acto de homenagem de grande significado na vida literária do País: a entrega dos diplomas dos Prémios de Revelação aos escritores que foram com eles distinguidos em 1961 e 1962. Entre os relevantes objectivos da missão de interesse publico que incumbe á Sociedade, este de celebrar e valorizar os nóveis autores que o publico ignora e os editores difícilmente acolhem é, sem duvida, um dos mais importantes e significativos. Assim o entendeu a direcção em exercício, presidida por Ferreira de Castro e de que fazem parte os escritores Manuel da Fonseca, Matilde Rosa Araujo, João Cochofel e Manuel Ferreira, promovendo uma singela mas expressiva cerimónia para a entrega dos diplomas instituídos pelo regulamento dos referidos prémios.

Os escritores homenageados são os seguintes: Marta de Lima, que recebeu o Prémio de Revelação pelo livro «Album»; Fiama Hasse Pais Brandão, a quem foi atribuido o Prémio de Teatro pela peça «Os guarda-chuvas»; César Pratas, que mereceu o Prémio de Poesia pelo livro «Post-Scriptum»; Almeida Faria, galardoado com o Prémio de Revelação no romance pela obra agora editada «Rumor Branco»: e Maria Amália Ortiz da Fonseca, com o Prémio de Ensaio, pelo seu estudo ainda não publicado «Introdução ao estudo de João Penha». Segundo o regulamento dos Prémios de Revelação, os autores distinguidos terão direito a um diploma consagrador e á publicação dos livros apresentados a concurso, quer por intermédio de editores que os aceitem para esse efeito, quer por iniciativa da própria Sociedade Portuguesa de Escritores no caso de não se apresentar nenhum editor.

O presidente da direcção da Sociedade, Ferreira de Castro, que, por motivo de saude, vai deixar temporáriamente o exercício do seu cargo, para um período de repouso, adiou o seu afastamento para poder saudar nesta data os escritores premiados. Deve usar da palavra, também, o escritor Joaquim Paço d'Arcos, que presidia á direcção quando foram instituídos os Prémios de Revelação. Dado o alto significado desta cerimónia de homenagem a jovens escritores, é de crer que a ela compareça grande e representativo numero de membros da Sociedade, assegurando com a sua presença o estímulo necessário e justo aos que iniciam a carreira literária com tão auspiciosas revelações.

A arte da caça vivida e interpretada por Aquilino Ribeiro

Iniciou a Editorial Estampa *a publicação em fascículos de uma vasta obra elucidativa das práticas venatórias no nosso País, das suas características, possibilidades e problemas.* ***Colaboradores especializados nos mais diversos aspectos de «A Caça em Portugal» — sua história, biologia das espécies cinegéticas, processos e armas da caça, sociologia e economia, culinária e legislação — trazem a este empreendimento editorial uma contribuição de que já pode antever-se o amplo interesse no conjunto. Colaboradores artísticos como Manuel Lapa, Alvaro Duarte de Almeida e António Alfredo, e colaboradores fotográficos como Asta e Luís Almeida d'Eça — asseguram á edição um nível gráfico superior. E, logo no primeiro fascículo, encontram os leitores a dádiva mais aliciante e capitosa: o capítulo de abertura da obra, intitulado «A Arte da Caça», que é uma criação admirável de Aquilino Ribeiro, com todo o sortilégio da sua arte de escritor. Desse capítulo recordamos alguns extractos, como valiosa amostra das páginas que o grande escritor, varonil e andarilho caçador nato nos seus rincões da Beira, escreveu expressamente para esta edição.***

Aquilino Ribeiro, devoto da caça e seu desempenado praticante, tal como o viu em adequada indumentária o caricaturista Rebelo

IIIIIIIIIIIIIII

DIVINA — lhe chamam Xenofonte, Diogo Fernandes Ferreira, e todos os sequazes de Nemrode, caçador tão formidável que o Eterno exclamou do alto, contemplando as suas inconcebíveis façanhas: aquele salafrário dá-me cabo da Criação!

Bárbara — contesta qualquer sócio da Protectora e, antes, os filósofos sofistas e platónicos.

Afinal de contas, tanto lhe cabe o conceito de divina como de bárbara: depende do angulo em que se coloca o observador. Nós, que somos no terreno da competição pelo tiro aos pratos, contra o tiro aos pombos de gaiola, pela batida ás perdizes *pedibus calcantibus* em vez de ir o «fogueteiro» ocupar uma porta nas coutadas, mantidas na roda do ano sob a égide da G. R., pela caça da lebre procurada pelas devezas e encostas soalheiras em vez de perseguida a cavalo — de corricão lhe chamavam os antigos — e com galgos que só comem e bebem e são bonitos para tal fim, diremos, dentro da lei da relatividade das coisas, que será isso e mais uma coisa: humana.

...A venatória, é intuitivo, nasceu com o homem e representa por conseguinte uma necessidade. Não digo como o pão para a boca, pois que *in imo* não havia entre nós tal adjuvante, mas como a água que se bebe. O homem armava seus engodos aos animaizinhos mais fracos, mas mais lestos do que ele, a lebre, o coelho, a perdiz, ou atacava-os de frente como o javali e o auroque, e fazia deles, crus ou assados, um pastel ou muitos pastéis. Sempre assim foi, com mais escabeche ou menos escabeche,

(Continua na 22.ª página)

«...ficou cravada pelas orelhas contra um pinheiro...»
Ilustração de Manuel Lapa para o capítulo «A Arte da Caça», de Aquilino Ribeiro, na obra em fascículos «A Caça em Portugal»

IMPRESSÕES DUM LEITOR DE ROMANCES

por AUCUSTO ABELAIRA

SUPONHO que isto sucede a muito boa gente e não apenas a mim: perante a avalancha de livros que hoje se editam só nos resta a solução de voar sobre eles numa leitura apressada, com a esperança de apreender o essencial do que se escreve por esse mundo fora. Sabemos, é certo, que a grande maioria do que se publica é inutil, que os livros verdadeiramente importantes são raros (um de cinco em cinco anos?), mas nem por isso deixamos de prosseguir na nossa faina, talvez porque a noção de cultura se traduz presentemente pelo numero de obras que podemos citar no rodapé das conversas ou dos monólogos. Ou então, quem sabe?, por simples bisbilhotice, por uma curiosidade de baixo grau. Talvez, também, porque os leitores tenham muitas semelhanças com os eternos apaixonados, eternamente em busca da Princesa Encantada, eternamente concluindo não ser ela quem supunham. Aquele volume ali adormecido na montra, não será «o» livro, o autêntico, aquele que acordará para a vida pelo menos para a minha vida, se o abrir? Os livros já lidos — mesmo os grandes livros, como os grandes amores — provocaram sempre uma certa desilusão; afinal falhou neles qualquer coisa... Ao abrir um novo livro levo sempre a esperança de encontrar algumas respostas que os outros não souberam dar-me. Respostas a que perguntas? Sei lá... A esperança não apenas de que ele me dê as tais respostas, a esperança de que me sugira certas perguntas antes insuspeitadas.

Claro está; só uma grande ingenuidade me permitirá supor, ao abrir pela primeira vez o «Moderato Cantabile», que vou achar lá es-

(Continua na 19.ª página)

PEQUENO MAGAZINE

AS RELAÇÕES HUMANAS

Além das compensações materiais e económicas que lhe são devidas, o trabalhador exige: desempenhar uma função, ocupar um lugar bem definido, dispor de critérios precisos que lhe permitam avaliar o seu próprio trabalho, saber de forma clara o que esperam dele e o que pode esperar dos outros, ser associado a uma definição de métodos sob os quais deverá executar o seu trabalho, ser ocupado num trabalho humano, que se enquadre nas características que o diferenciam de uma máquina — qualidades de reflexão, previsão, organização e «controle»

A GRANDE «estrada europeia»

A Republica Federal Alemã e a Bélgica colaboram na construção de uma «estrada europeia» entre Aachen e Liège. Concluído este trecho da grande rodovia a Europa Ocidental terá a primeira ligação directa de Antuérpia a Hamburgo, Berlim e Munich.

PEQUENO MAGAZINE — DIBOA especial ✱ especial ✱ es

CORES, CORES, CORES

★ **A firma japonesa de produtos eléctricos Toshiba vai lançar no mercado um computador electrónico capaz de distinguir 10 milhões de combinações diferentes de cores.**

SEMENTE DE ALGODÃO

★ **A produção mundial de semente de algodão deste ano é calculada em 24,1 milhões de toneladas curtas, contra 23 milhões do ano passado. O aumento de produção foi devido principalmente á maior produção do Egipto (+359 000 toneladas), China Continental (+168 000 toneladas) e Estados Unidos (+143 000 toneladas).**

AS MAIORES DOCAS DO MUNDO

★ **Uma doca seca gigantesca destinada á construção de navios de 160 000 toneladas brutas e outras para reparações dos mesmos, vão ser construidas nos estaleiros de Nagasaki, em meados de 1965. Cada uma das docas secas, que serão as maiores do Mundo, terá 150 metros de comprimento, 56 metros de largura e 14 metros de profundidade, e serão construídas lado a lado, de modo a permitir uma ampliação futura da sua largura. O custo da construção dessas docas está orçamentado em 16 milhões de dólares.**

Laranjeiras do deserto

Plantadas durante os ultimos anos nas regiões setentrional e do Oeste de Israel, grandes pomares cobrem hoje o que há meia duzia de anos não passava de deserto seco e árido. Estas laranjeiras produzem já uma média de 200 quilos de laranjas por árvore. Estas plantações estendem-se por uma área de 1500 hectares, num total de 5000 em todo o território israelita.

Futuramente, 50 000 hectares de terrenos áridos serão irrigados e plantados com laranjeiras e limoeiros, permitindo uma exportação de 20 milhões de caixas de laranjas por ano.

— Foi um final surpreendente. Minha mulher encontrou os dois sapatos.

O ARROZ NO JAPÃO

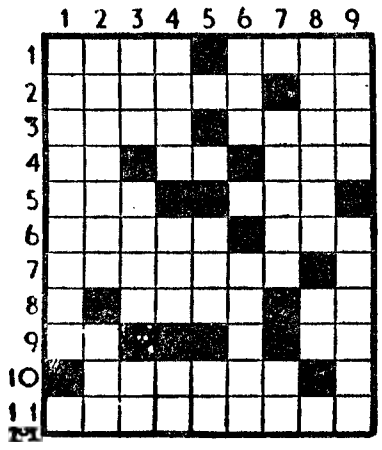
A colheita de arroz em 1962, no Japão, foi de 13 004 000 toneladas, a maior da história do país, representando um aumento de 585 000 toneladas em relação ao ano anterior.

Durante oito anos consecutivos, o Japão desfruta de uma abundancia da produção orizícola que é atribuída aos melhoramentos dos métodos agrícolas da cultura do arroz, de novos produtos químicos destinados á agricultura, da fertilidade do solo, da sua mecanização, factores que muito têm contribuído para o seu espantoso progresso na última década.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 2911



HORIZONTAIS: 1 — O que. Garantia de pagamento de uma letra. 2 — Não permitiam delonga. Símbolo químico do cério. 3 — Humor purulento que escorre de certas ulceras. Mar ao Sul da Russia. 4 — Interpreta um escrito. Gemido. Agora. 5 — Uma das ilhas Cíclades. Oceano. 6 — Juntam. Segue. 7 — Moça solteira. 8 — Deus dos ventos. Ofereça. 9 — Apelido. Figura. 10 — Conflito. 11 — Desvirtuarem.

VERTICAIS: 1 — Milhares. 2 — Orgão em forma de saco, gomil, copo ou tigelinha. Dignidade militar entre os turcos. 3 — Eu (latim). Sem (latim). Localidade do concelho de Oliveira de Azeméis. 4 — Rio que nasce na serra do Caldeirão. Ocasião. Pertences. 5 — Doçura. Argaida. 6 — Patroa. Libra esterlina (pop.). 7 — Zunia. Atmosfera. 8 — Vá em auxílio. Bate. 9 — Apanha. Repetem.

Resolveu completamente este problema?

Resolva agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2910

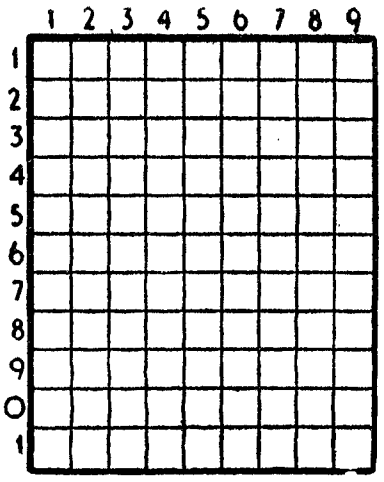
HORIZONTAIS: 1 — Brava. Cré. 2 — Ré. QUEM. 3 — Sou. Murça. 4 — Eu. Aiava. 5 — Atroava. 6 — Ab. Rr. Sal. 7 — Molear. Só. 8 — Lupi. Psi. 9 — Mora. QUER. 10 — Ata. Tui. 11 — Lá. Moiras.

VERTICAIS: 1 — Basciam. Mal. 2 — Ou. BOLOTA. 3 — Aru. Lura. 4 — Vê. ATREPA. 5 — Mirrai. Tó. 6 — Quão. Qui. 7 — Curvas. Puir. 8 — Recavasse. 9 — Ema. Aloirar.

Provérbio — QUEM QUER BOLOTA ATREPA.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4957



HORIZONTAIS: 1 — Vazias. Estrela da constelação da Lira. 2 — Diabo. Líquido gorduroso. 3 — Nome de homem. 4 — Parte. Saudáveis. 5 — O mais. 1200 em romano. Pedra de lagar. 6 — Siga. Artigo definido. 7 — Botequim. Pátria. 8 — Céu. Origem. Dirigir-se. 9 — Vasa. Leito. 10 — Mãe de Ismael. Larvas das feridas dos animais. 11 — Insólita. Ourela.

VERTICAIS: 1 — Artigo definido. Santo. Içar. 2 — Lugarejo. Cidade de Portugal. 3 — Amarrai. Falsa. Grande quantidade. 4 — Ilha mais austral do grupo oriental do arquipélago de Cabo Verde. Mar da bacia do Mediterraneo que é a antiga Propôntida. 5 — Heroina francesa. 6 — Fonema. Cidade da India na costa do Malabar. 7 — Pronome pessoal (pl.). Apelido. Apelido. 8 — Criam. Versejar. 9 — Preposição e artigo. Ruído. Rente.

Solução do problema n.º 4956

HORIZONTAIS: 1 — Má. Libras. 2 — Ara. Arara. 3 — Rega. Amos. 4 — Marrocos. 5 — Ave. Dos. 6 — Rã. Vis. Ar. 7 — Aia. Sim. 8 — Ocorrera. 9 — Dual. Trom. 10 — Errar. Asa. 11 — Soaras. Or.

VERTICAIS: 1 — Marmara. Dês. 2 — Areava. Ouro. 3 — Agre. Acará. 4 — Ar. Violar. 5 — Ia. Odiar. Rá. 6 — Braços. Rt. 7 — Ramos. Será. 8 — Aros. Airoso. 9 — Sãs. Armamar.

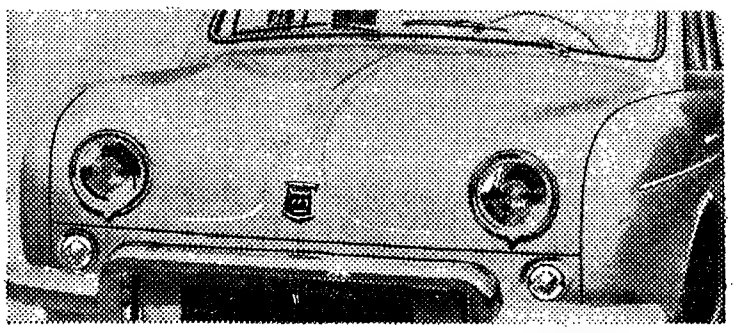
ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS
DE TODAS AS MARCAS
Material Eléctrico e Material para Vulcanizadores
Auto Portuguesa, Lda.
Rua Rodrigues Sampaio, 50-A
Telef. 47496 — LISBOA

FOLHA-DE-FLANDRES — Sempre a preços muito acessíveis. — CICC, LDA. — Rua D. João V, 7-1.º — LISBOA — Telefs. 684141/2/3.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95 Rua Nova do Almada 99
LISBOA

FOTOCÓPIAS
Entrega Imediata
FOTOFILME — Rossio, 101
Telef. 323192
(ao lado da Pastelaria Suissa)

USADOS
MAS GARANTIDOS



facilidades de pagamento
Dauphine
RENAULT
revistos nas oficinas dos representantes oficiais:
OUTRAS MARCAS
SOC. PORTUGUESA DE AUTOMÓVEIS, LDA.
R. Castilho 1 · R. da Escola Politécnica, 261 Lisboa

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica do dr. I. M. LEVITT

395

Os novos regulamentos de prémios literários da Sociedade Portuguesa de Escritores

Em conformidade com as resoluções votadas por grande maioria na assembleia geral que reuniu em 4 e 7 de Dezembro do ano findo, pronunciando-se pela permanência dos prémios literários e atribuindo-lhe um voto de confiança para a redacção definitiva dos seus Regulamentos, a Direcção em exercício da Sociedade Portuguesa de Escritores acaba de divulgar o respectivo texto. Na sua elaboração foram consideradas as sugestões apresentadas por alguns sócios naquela assembleia, introduzindo-se alterações que correspondem aos pontos de vista manifestados. A Direcção foi assim ao encontro dos critérios e desejos da opinião associativa predominante, podendo justamente salientar que empenhou o seu melhor esforço no sentido de dar satisfação, em toda a medida do possível, ás diversas correntes que se pronunciaram nessas matérias.

Informa-se, a propósito, que as obras para o Concurso aberto em 1962 podem ser remetidas para a sede da Sociedade Portuguesa de Escritores, na Rua da Escola Politécnica, 20, 1.º, Esq., em Lisboa, até 31 de Janeiro corrente.

Transcrevem-se, a seguir os textos dos Regulamentos que entram em vigor para o Prémio Camilo Castelo Branco, de Romance, e para os Grandes Prémios de Poesia, Teatro, Novelística e Ensaio.

Regulamento do Prémio Camilo Castelo Branco

1.º

A Sociedade Portuguesa de Escritores institui, com o patrocínio do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, o Prémio Literário «Camilo Castelo Branco», destinado a premiar romances.

§ unico — O Prémio «Camilo Castelo Branco» passa a ser atribuído exclusivamente ao romance, uma vez que para novelas e contos, existe presentemente o Grande Prémio de Novelística.

2.º

O prémio será concedido anualmente e o seu valor será para cada ano préviamente anunciado pela Comissão de Prémios Literários do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, em comunicação feita directamente á Sociedade Portuguesa de Escritores, até ao dia 30 de Novembro. A' mesma Comissão do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros se ficarão devendo as diligências de reunir, junto dos agremiados, a quantia necessária á realização deste prémio.

§ unico — Se o montante recolhido não atingir a quantia de escudos 50 000$00 — cinquenta mil escudos — a Sociedade Portuguesa de Escritores, e a acima referida Comissão do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros poderão acordar em não atribuir o Prémio.

3.º

Os prémios serão atribuídos por deliberação do juri constituído nos termos deste regulamento aos livros publicados em primeira edição, entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro do ano precedente, originais de autor português e sócio da Sociedade Portuguesa de Escritores, e de que forem enviados, pelos autores, editores, depositários, distribuidores 7 (sete) exemplares até 15 de Janeiro do ano seguinte ao da sua publicação.

§ 1.º — No caso de algum membro do juri ter conhecimento de uma obra que repute com qualidades merecedoras de atenção, mas não apresentada a concurso e da autoria de um sócio ou não sócio da Sociedade Portuguesa de Escritores, poderá propor que essa obra seja considerada para efeitos de prémio e, se assim for resolvido, requererá o mesmo juri ao respectivo editor, por intermédio da direcção, o numero de exemplares necessário para o efeito.

§ 2.º — Os livros poderão ser enviados sob registo ou entregues contra recibo na secretaria da Sociedade Portuguesa de Escritores, com a indicação de que se destinam ao Prémio.

§ 3.º — Os livros considerar-se-ão pertença dos membros do juri, destinando-se o 6.º exemplar á Biblioteca da Sociedade Portuguesa de Escritores, e o 7.º á do Grémio Nacional de Editores e Livreiros.

§ 4.º — No caso de se levantarem duvidas sobre a data de publicação de quaisquer livros concorrentes, poderá ser exigida a respectiva Certidão do Depósito Legal.

4.º

O juri será constituído por cinco sócios da Sociedade Portuguesa de Escritores no pleno gozo dos seus direitos estatutários e não ligados a qualquer empresa editorial, sendo, pela ordem seguinte:

— um designado pela direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores;

— outro pela comissão de prémios do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros;

— outro eleito por assembleia dos corpos gerentes, efectivos e suplentes, da Sociedade Portuguesa de Escirtores;

— os dois restantes escolhidos de uma lista de 10 nomes, elaborada pela assembleia dos corpos gerentes da Sociedade Portuguesa de Escritores, em exercício, dos quais um designado pela comissão de prémios do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros e o outro eleito em escrutínio secreto pela direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores.

§ 1.º — Sempre que forem eleitos novos corpos gerentes, proceder-se-á de novo á designação do juri, podendo os seus membros ser reconduzidos.

§ 2.º — Da constituição do juri será lavrada acta, subscrita pelo secretário da Comissão de Prémios Literários do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros e pelo secretário da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores.

5.º

O juri reunirá oito dias após a designação dos seus componentes, elegendo entre si um presidente, que terá a iniciativa das convocações, e um secretário que redigirá as actas. Ao presidente caberá apenas voto de desempate.

6.º

As reuniões do juri são secretas, deliberando em plena independência e liberdade de critério.

7.º

Haverá um unico classificado, por unanimidade ou maioria, não sendo publicamente revelados os nomes dos restantes concorrentes.

§ 1.º — O prémio não pode ser atribuído mais do que uma vez ao mesmo autor.

§ 2.º — O prémio deve ser sempre atribuído, salvo se o juri declarar expressamente que as obras concorrentes não possuem o nível literário requerido.

8.º

A Comissão de Prémios Literarios do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros nomeará um delegado que, juntamente com o secretário da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, verificará o exacto cumprimento deste regulamento, sobre o que darão parecer que será assinado conjuntamente e apenso á acta da decisão do juri.

9.º

Até ao fim de Abril o juri enviará cópias assinadas da acta final á direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores e á Comissão de Prémios do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros.

10.º

A direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores e a Comissão de Prémios do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros combinarão entre si a sessão solene da entrega do Prémio Camilo Castelo Branco.

Regulamento dos grandes prémios de Poesia, Teatro, Novelística e Ensaio

1.º

A Sociedade Portuguesa de Escritores institui, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, quatro prémios literários, com carácter bienal e no valor de 50 mil escudos cada, designados, respectivamente, «Grande Prémio de Poesia», «Grande Prémio de Teatro», «Grande Prémio de Novelística» e «Grande Prémio de Ensaio».

§ 1.º — O Prémio de Ensaio está aberto a todos os estudos de carácter ensaístico ou crítico-biográfico.

2.º

Os prémios serão concedidos, alternadamente, num ano, os de Poesia e de Teatro; no ano seguinte, os de Novela e Conto e de Ensaio.

§ 1.º — Haverá um unico classificado, em cada género, por unanimidade ou maioria, não sendo publicamente revelados os nomes dos restantes concorrentes, mas sómente o numero de obras concorrentes.

§ 2.º — Os prémios não poderão ser atribuídos, em cada género mais do que uma vez ao mesmo autor.

§ 3.º — Os prémios devem ser sempre atribuídos, salvo se o juri declarar expressamente que as obras concorrentes não possuem o nível literário requerido.

3.º

Os prémios deverão ser atribuidos no primeiro semestre de cada ano e dirão respeito á produção literária que tiver tido divulgação publica pela primeira vez, durante o período dos dois anos civis imediatamente anteriores á atribuição do prémio.

§ 1.º — Para os efeitos do artigo anterior, como produção poética, novelística e ensaística consideram-se as obras publicadas em primeira edição dentro do referido prazo.

§ 2.º — Pelo que diz respeito á produção teatral, considera-se primeira divulgação de qualquer obra, para os efeitos deste regulamento, quer a sua apresentação cénica quer a sua edição em livro, admitindo-se a concurso tanto as que forem representadas como as que forem publicadas, assim como as que tiverem conhecido ambas as formas de contacto com o publico, entendendo-se, porém, neste ultimo caso, que será considerado, para verificação de prazos, a data da primeira daquelas duas referidas modalidades em divulgação.

4.º

Os prémios serão atribuídos por deliberação dos juris, constituídos cada um por cinco membros, um deles designado pela direcção, que terá apenas o voto de desempate, e os restantes eleitos bienalmente pelo conjunto dos corpos gerentes efectivos da Sociedade Portuguesa de Escritores, devendo, respectivamente para cada um dos juris, essa escolha incidir sobre: POESIA: dois críticos e dois poetas; TEATRO: dois críticos, um autor teatral e um actor ou encenador; NOVELISTICA: dois críticos e dois novelistas ou contistas; ENSAIO: três críticos ou ensaístas e um escritor de outra modalidade.

§ 1.º — Os membros dos juris deverão achar-se no pleno uso dos direitos de sócios da Sociedade Portuguesa de Escritores.

§ 2.º — Os membros dos juris não deverão estar ligados a qualquer empresa editorial.

5.º

Os juris deverão apreciar as obras que lhes sejam submetidas, ou impressas ou dactilografadas, neste ultimo caso apenas quando se trate de obras de teatro representadas e não publicadas.

6.º

De cada uma das obras de qualquer das modalidades submetidas á apreciação dos juris, deverão ser entregues, na secretaria da Sociedade Portuguesa de Escritores, até 15 de Janeiro do ano em que o prémio deva ser atribuído, seis exemplares, impressos ou dactilografados, conforme os casos estatuídos no numero anterior.

7.º

Serão admitidos a concurso, por sua iniciativa ou pela dos seus editores, depositários, distribuidores, empresários (no caso das obras de teatro), os autores portugueses, sócios da Sociedade Portuguesa de Escritores.

§ 1.º — Exceptuam-se desta obrigatoriedade associativa os concorrentes ao prémio de Teatro, no que se refere ás peças só representadas e não publicadas.

§ 2.º — No caso de algum membro do juri ter conhecimento de uma obra que repute com qualidades merecedoras de atenção, mas não apresentada a concurso e da autoria de um sócio ou não sócio da Sociedade Portuguesa de Escritores, poderá propor que essa obra seja considerada para efeito de prémio e, se assim for resolvido, requererá o mesmo juri ao respectivo editor, por intermédio da direcção, o numero de exemplares necessário para o efeito.

8.º

No caso de se levantarem duvidas sobre a data de publicação de quaisquer livros concorrentes, poderá ser exigida a respectiva Certidão de Depósito Legal.

9.º

Os livros ou os exemplares dactilografados das peças de teatro deverão ser enviados sob registo ou entregues contra recibo na Secretaria da Sociedade Portuguesa de Escritores, com a indicação dos prémios a que se destinam.

10.º

Os exemplares das obras remetidas a concurso considerar-se-ão pertença dos membros dos juris, destinando-se o sexto exemplar á Biblioteca da Sociedade Portuguesa de Escritores. Os exemplares dactilografados das peças não premiadas serão, na medida do possível, restituídos aos seus autores, com excepção de um que se destinará ao arquivo da Sociedade Portuguesa de Escritores.

11.º

Os juris reunirão a partir de 1 de Fevereiro de cada ano, devendo comunicar as suas decisões á direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores até 30 de Abril do mesmo ano.

12.º

As reuniões dos juris são secretas, mas os juris deverão fundamentar em acta os motivos das suas deliberações.

Impressões dum leitor de romances

(Continuação da 17.ª página)

se «quid» que faltava (sejamos exigentes) na «Guerra e Paz». Apesar de tudo já levo comigo algumas opiniões colhidas aqui e ali: sei que se trata de uma obra muito bela, etc., etc., mas que não pode matar a fome de quem leu Tolstoi e continuou esfomeado. Em todo o caso, vou pensando enquanto abro o livro: quem sabe se, de um ponto de vista meramente subjectivo, o «Moderato Cantabile» não despertará em mim mais ressonancias do que a monumental obra de Tolstoi ou, pelo menos, quem sabe se não me dirá outras coisas, possívelmente mais simples, mas também muito importantes? E talvez seja essa a razão por que leio um livro novo:

Na página vinte percebo que não é. E são tantos os livros que talvez sejam...! O desejo, então, da leitura apressada, mesmo se pressinto que o livro é interessante — e sobretudo se tem mais de trezentas páginas. Segreda-me o demónio: «Qualquer dia voltas a esse livro, o que importa por hoje é teres uma ideia muito geral, o que importa é explorares o terreno; depois de saberes como se desenvolve a intriga e quais os pontos capitais a tua leitura saboreará melhor o que se passa, alheia a tudo quanto é acidental». Será preciso dizer que raras vezes voltamos a um livro, mesmo quando se trata de um grande livro? Será preciso acrescentar que o unico partido que se nos oferece é o de lermos o livro como se nunca mais o voltássemos a ler?

*

E no entanto, verdadeiramente, o unico (quase unico) partido que nos resta se não desejamos correr riscos é a releitura de um livro que nos tenha impressionado. Esse livro raras vezes nos engana. Releitura que pode ser ditada por acontecimentos fortuitos como o aparecimento de uma segunda edição, e estou a pensar concretamente em «Andam Faunos pelos Bosques» que li há muitos anos com todo o amor e atenção, amor e atenção que a leitura anterior de «O Derradeiro Fauno» reforçara.

Simplesmente: uma leitura verdadeiramente fecunda, sobretudo se nos temos de medir com uma obra-prima, como é o caso, levanta algumas dificuldades e requer certas condições. Por exemplo: já li duas vezes «La Chartreuse de Parme», três ou quatro vezes «O Tio Vania», etc. Mas ao reler tais obras não confiei apenas em mim, tive o cuidado de folhear vários ensaios á procura de bussola. Em resumo: procurei saber quem era Stendhal, o que representava em relação á literatura da primeira metade do século XIX, qual o significado daquele romance no conjunto da sua obra. Assim, quando de novo abri «La Chartreuse de Parme», levava o apoio de homens mais inteligentes, mais cultos, e que me ofereciam a garantia de haverem estudado profundamente os livros do grande escritor francês. A minha nova leitura foi portanto extraordináriamente enriquecida, o livro revelou-me inumeros segredos que eu, entregue a mim próprio, não saberia desvendar.

Pode até acontecer que discordemos da interpretação do ensaista, mas essa própria discordancia é activa, ajuda-nos a ler melhor. De facto, penso que são os grandes ensaistas que nos revelam os grandes escritores e que os grandes escritores sem grandes ensaistas ficam empobrecidos, podem até ficar ignorados. Muitas vezes me tenho perguntado se, entregue sómente ás minhas fracas forças, teria sido capaz de achar a verdadeira riqueza que se esconde sob a estranha história do Agrimensor K. em «O Castelo» ou do Velho na «Sonata dos Espectros». Mas o mesmo sucede, penso, com toda a restante literatura, por mais simples que pareça.

Creio até que grande parte do prestígio de que goza a moderna literatura francesa se deve á generosidade e inteligência dos seus ensaistas que são capazes de achar água no mais seco dos desertos. Por mim, rendi-me. Depois de ler certos estudos aceitei obras que antes recusara... E os editores, que não estão própriamente a dormir, acrescentam agora vastos ensaios aos romances que publicam nas colecções de bolso. Das cento e oitenta páginas que constituem o volume «Moderato Cantabile», oitenta são dedicadas a comentários...

Assim, a França está cheia de «Guides Bleus» literários que nos permitem viajar sábiamente através da sua literatura. Quanto a Portugal, os «Guias Azuis» (literarios e geográficos) rareiam... E se quiser munir-me de uma bussola para caminhar, não apenas entregue ao meu sentido de orientação, pelos bosques verdadeira ou imaginosamente povoados de Faunos... Onde estão esses dois ou três guias que me ajudem?

Não me refiro ás críticas publicadas nos jornais aquando da publicação das obras. Essas críticas são o produto imediato da leitura, são anteriores aos meses de reflexão que um ensaio exige, têm o valor da espontaneidade, são apenas uma primeira aproximação — e isto por muito talentoso que seja o crítico. Essas críticas reflectem necessáriamente juízos a que ainda falta o tal envelhecimento sem o qual não há bons vinhos. São o resultado de uma leitura, não de várias leituras, reflectem apenas uma unica opinião, não levam ainda em conta as várias outras opiniões que nos meses futuros virão a lume. Ora a meditação do ensaista acerca de um livro não é já uma reflexão abstractamente pessoal como quase sempre acontece com o crítico do jornal, mas também uma reflexão acerca das reflexões alheias.

E' certo que a abundancia de ensaios e de interpretações pode levar, pura e simplesmente, ao esmagamento da obra que se pretende realçar e Montaigne perguntou, certa vez, se os comentários não teriam como resultado aumentar as nossas duvidas e a nossa ignorancia e lamentou-se de haver mais livros acerca de livros do que acerca da realidade. Acrescentou ainda que era mais difícil interpretar as interpretações do que interpretar a própria natureza...

Certamente. Os ensaios podem esconder as obras, á força de as esquecerem e podem até atribuir-lhes uma profundidade que elas nunca tiveram como recentemente sucedeu em França com a «Eva» de Joseph Losey. Não é disso que a literatura portuguesa precisa, bem entendido, mas de um ensaísmo inteligente que procure desvendar toda a riqueza de uma obra como a de Aquilino, que procure estudá-la na sua totalidade. E não só de Aquilino, o maior do nosso tempo, claro está.

Porque assim como não há musica sem ouvintes, não há literatura sem leitores, não há literatura sem ensaístas (que, pelo menos teóricamente, são leitores privilegiados).

AUGUSTO ABELAIRA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

Seis mil e quatrocentos contos

por Mário Dionísio

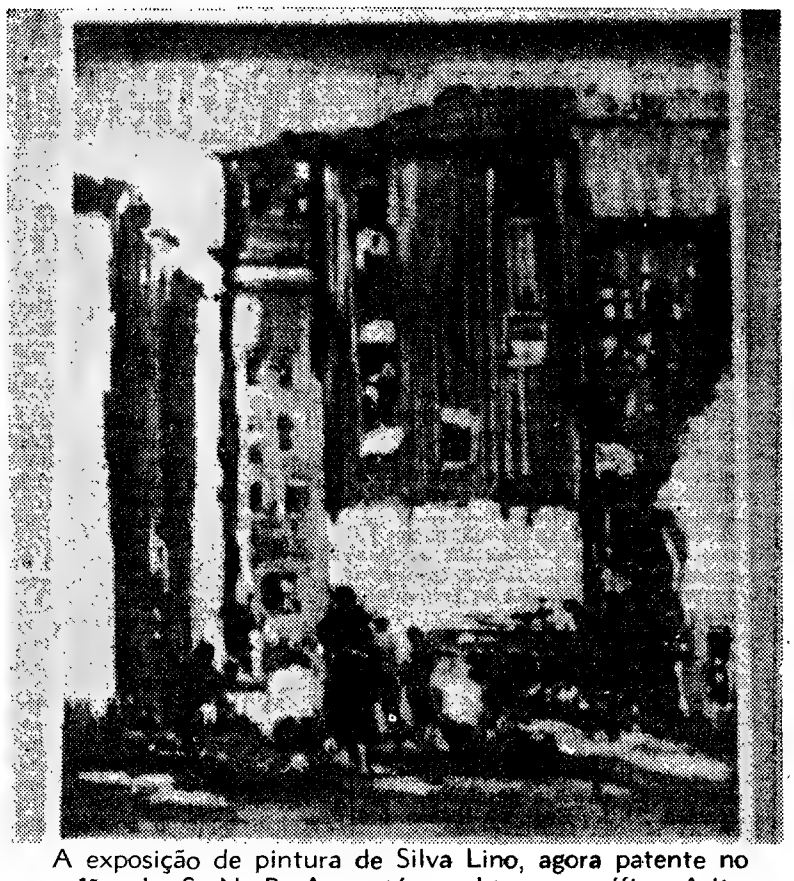
RELEIO alguns recortes de imprensa dos ultimos meses. Entre eles não faltam motivos de meditação pelo carácter exemplar de que vários se revestem. Aqui está um telegrama de S. Paulo a informar-nos de que «em cima de uma viatura de bombeiros, os jogadores brasileiros campeões do Mundo demoraram mais de cinco horas a atravessar a cidade, desde o aeroporto até ao estádio de Pacaembu». Após longo cortejo, «com chuva de papelinhos, bombas carnavalescas e apitos estridentes», esses futebolistas foram recebidos no Palácio do Governo e, para maior brilho da recepção, «os funcionários publicos tiveram feriado». E aqui está outro recorte. com novo telegrama, este de Londres, que merece uma atenção de outro género: «Uma natureza morta de Van Gogh, «Limões e Luvas Azuis», foi comprada por oitenta mil libras — valor correspondente a 6400 contos num leilão de objectos de arte da colecção que pertenceu a...».

Embora a notícia do primeiro telegrama seja menos surpreendente nesta sociedade, tão clamorosamente empenhada nos valores espirituais, em que nos é dado viver, a verdade é que telegramas como o segundo não são hoje raros. Obras famosas ou, ainda há pouco totalmente desconhecidas do grande público, telas de artistas desprezados em vida, passam agora de coleccionador para coleccionador por preços com que nenhum desses artistas poderia ter sonhado na altura da sua criação. E' a velha história da justiça que chega tarde, do longo tempo que a novidade verdadeira leva a ser reconhecida ou, também, de certos esforços de uma publicidade genial que opera prodígios. Mas porventura não só isso.

No caso de Van Gogh, tal tipo de notícia tem um travo particular, pois não sabemos recebê-las sem alguma amargura, ou ironia, ou desencanto, apesar do possível êxito artístico que *também* implique este êxito financeiro e escandaloso (empregue-se a palavra precisa), de que beneficia, em geral, uma categoria de pessoas, contra a qual o célebre pintor dos radiosos e dramáticos girassóis de Arles se rebelou a vida inteira. Não se pode ler

(Continua na página seguinte)

Van Gogh — «Girassóis»



A exposição de pintura de Silva Lino, agora patente no salão da S. N. B. A., está a obter magnífico êxito. Milhares de pessoas por lá passaram nos primeiros dias e as aquisições de quadros são já numerosas. O artista atingiu uma craveira realmente alta na arte de pintar. Da Exposição de Silva Lino damos hoje a reprodução do quadro «A Casa Vermelha», do Porto

RELANCES DO MU

● Após longos anos de quase completo esquecimento, sobretudo nos meios literários franceses, Guy de Maupassant volta a conhecer uma aura que parece abrir caminho á redescoberta do interesse perene da sua obra. A Livraria Hachette anuncia a publicação próxima de uma biografia exaustiva e actualizada do escritor por Armand Lanoux. Nas edições do «Seuil» publicou Albert-Maria Schmidt um «Maupassant par lui-même» que revela notáveis aspectos do homem e da obra. Nos Estados Unidos, onde Saroyan proclamava há tempo que Maupassant é «um dos gigantes não só da literatura como da história da Humanidade», as suas novelas e romances reconquistam largo publico. E, na União Soviética, onde as tiragens dos livros de Maupassant chegaram a 4 milhões de exemplares, o crítico Dalinine afirma que «Bel Ami» constitui «o primeiro romance anti-imperialista da literatura francesa», chamando para o seu autor a atenção de um imenso publico.

● Foram recentemente atribuídos em Madrid os Prémios Nacionais de Teatro da Temporada de 1961-62. O prémio para a melhor criação dramática foi concedido a Lauro del Olmo pela comédia «La Camisa». O prémio para o melhor livro de literatura dramática foi ganho por Juan Guerrero Zamora com a sua «História del Teatro Contemporaneo». E o prémio para o melhor trabalho jornalístico da especialidade foi atribuído a Maria Luz Morales pela sua actividade crítica no «Diário de Barcelona».

● Sucedendo ao notável crítico italiano prof. Lionello Venturi, foi eleito presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte o crítico e escritor professor Will Grohmann, um dos maiores peritos de arte moderna. Grohmann escreveu obras de fundo sobre Paul Klee e Kandinsky, com os quais mantinha relações de amizade. Várias das suas obras foram traduzidas para outras línguas. Em muitas outras publicações Grohmann analisou a evolução da pintura e da escultura modernas. Uma das suas mais recentes obras foi dedicada ao escultor inglês Henry Moore. O secretário-geral J. J. Sweeney, participou a nomeação para presidente honorário do crítico berlinense por telegrama da Cidade do México, onde se realizou o congresso da Associação no ano findo.

● Um novo escritor soviético, Iuri Kazakov, que nasceu em 1928 e é considerado um continuador moderno de Turguenev e Tcheckov, está a despertar vivo interesse nos meios literários europeus. Entre os contemporaneos, é do americano Salinger que a crítica mais o aproxima, pelas suas narrativas de adolescência e pelo ambiente sonhador em que as envolve. O livre de novelas «A pequena gare» é comparado, no espírito e no sentido humano, ás «Narrativas de um Caçador», de Turguenev.

● O Nordeste brasileiro, com a sua humanidade sofredora e perenes esperanças de resgate, constitui um tema cada vez mais aliciante para os escritores de além-Atlantico. Como notou Fausto Cunha, a representação do Nordeste nos livros de José Condé é onírica. A sua literatura está presa á terra, mas não quer ser descritiva nem documental. De resto, o próprio romancista já fez questão de frisar que «o seu Nordeste é mais um condado imaginário do que uma região». «Vento do amanhecer em Macambira», o seu ultimo livro, que a Editora Civilização Brasileira acaba de lançar, é a história de uma busca sentimental: «o amor que ficou no passado e que o homem procura reconquistar, palmilhando o quase sempre impossível caminho de retorno». Assim o apresenta Homero Senna em comentário no «Jornal de Letras». Transfigurando a realidade e numa linguagem poética onde as frases nominais e as expressões directas, rápidas, servem não só para esboçar quadros subjectivos, mas também para conter e disfarçar a emoção, o livro descreve a longa viagem de volta de um homem maduro ao reencontro da noiva, que ficara numa pequena vila do sertão.

● Em sessão recente da Academia Francesa o grande escritor e biologista Jean Rostand afirmou que o progresso da ciência pode conduzir ao condicionamento químico da vida moral. Pelo emprego de hormonas, vitaminas e oligo-elementos podem fazer-se germinar num ser humano a força de vontade, a coragem, a ternura. Depois dos «tranquilizantes», aproxima-se a época dos «moralizantes». Em breve haverá drogas para moderar ou corrigir a inveja, a ambição, a febre da glória; haverá «pastilhas da dedicação», «comprimidos da delicadeza», «pílulas da abnegação». A Imprensa não deu notícia da impressão produzida nos vene-

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

tem o prazer de informar que adquiriu os direitos do ultimo romance do grande escritor alemão

ENRICH-MARIA REMARQUE

A NOITE DE LISBOA

Deste autor foram já editados pela mesma editora os seguintes romances:

A CENTELHA DA VIDA — 40$
DESENRAIZADOS — 40$
TEMPO PARA AMAR E TEMPO PARA MORRER — 40$
A OESTE NADA DE NOVO — 30$

e pròximamente:

O CÉU NÃO TEM FAVORITOS

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
R. DAS FLORES, 45 — LISBOA 2

PEÇA-NOS O NOSSO CATÁLOGO GERAL

ACABAM DE SAIR

ANUNCIAÇÃO

de BERNARDO SANTARENO

A nova peça do maior dramaturgo português contemporâneo
Com capa e ilustrações de Francisco Relógio

COMPANHEIROS

de ESTER DE LEMOS

A 2.ª edição dum dos maiores êxitos do moderno romance português
Capa de Paulo-Guilherme

QUEM SE EU GRITAR

por Y. K. CENTENO

Uma revelação da moderna prosa de ficção

EDITORES ÁTICA LIVREIROS
Rua Alexandre Herculano, 17-A — Telf. 5 2656

COLÓQUIO

REVISTA DE ARTES E LETRAS

TEXTO E ROTOGRAVURA A PRETO E A CORES

À VENDA O NÚMERO 21

EDIÇÃO E PROPRIEDADE:
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Distribuidora: E. N. P. — *Av. da Liberdade, 266 — Lisboa 2*

Academia Portuguesa de Ex-Libris

Vinda de Madrid, desloca-se brevemente a Lisboa, Blanca Terra Viera, escritora e jornalista delegada da Prensa Internacional del Uruguai, que realizou há tempo uma conferência em Paris, na Sorbona. Poetiza inspirada, recebeu elogios de Jean Cocteau e Manuel de Castro pelo seu notável livro de versos «Lírica Hispana». Em Lisboa realizará uma conferência sob o tema «Através do Egipto», na Academia Portuguesa de Ex-Libris. Será nessa ocasião projectado um filme sobre a história e a arte do Egipto.

José Maria Mendiola deve à persistência o «Prémio Nadal 62»

BARCELONA. — Como sucede há já dezanove anos ininterruptos, novamente foi concedido o Prémio Nadal, galardão bastante considerado no meio literário espanhol, onde este género de distinções está a tornar-se demasiado frequente e nem todos significando qualidade, no que respeita ao premiado.

O «Nadal 62» teve o mesmo cenário — Hotel Ritz, nesta cidade. As suas características de grande espectáculo social e literário voltaram a marcar presença, a impor esplendor e muita «suspense».

Os fiéis amantes desta convocatória anual evidentemente que não faltaram; são em numero elevado e, enquanto jantam, seguem com bastante satisfação as diversas fases que antecedem a proclamação do vencedor de mais um Nadal. Entre outros convidados famosos, vimos Ana Maria Matute, Camilo José Cela e Luís Romero; foram bastante cumprimentados e procurados para conversas ou entrevistas.

Chama-se José Maria Mendiola Insausti, tem 33 anos, é casado e pai de uma criança de seis meses.

Quando foi declarado que «Muerte por fusilamiento», com quatro votos contra três de «El crimen», de Manuel Barrios, tinha sido considerado vencedor do «Nadal 62», houve excitação no Hotel Ritz.

José Maria Mendiola, que se encontrava presente, mal teve tempo para abraçar sua esposa, ambos não escondendo a emoção provocada por aquela notícia, e logo foi positivamente agarrado pelos representantes da Imprensa, Rádio e Televisão.

Falar a José Mendiola tornou-se, pois, algo confuso e difícil. Todos os jornalistas queriam saber muito sobre a vida do premiado.

Com dificuldade o «Nadal 62» falou:

— Sou director da «Operação M-1» de exportação de metais que se encontra, como é de supor, absolutamente á margem da minha actividade criadora. Contudo, considero que esta minha ocupação em nada impede que venha a seguir uma carreira literária. Sempre senti enorme atracção pela literatura e por mais de uma vez apresentei-me a concursos literários.

— A quais?

— «Café Gigón», «Ciudad de Barcelona» e o próprio «Nadal», no ano de 1960 e fiquei classificado em 5.º lugar.

— Escreve diáriamente?

— Sim.

— Quantas horas?

— Não costumo fixar horário para o meu labor literário. É claro que mais frequentemente escrevo pela tarde e nunca menos de duas horas.

— Acreditava que este ano o «Nadal» seria para si?

— Tinha alguma esperança. Con-

(Continua na página seguinte)

Paródia aos «Borrachos», de Velazquez por artistas portugueses em Paris

Pelo Natal, o pintor Emmérico Nunes mandou a amigos, como cartão de boas festas, a fotografia que se publica. Em 1908, no seu atelier de Paris, no **14, Cité Falguière — cour de ateliers** onde mais tarde Diogo de Macedo seria companheiro de Modigliani, que evoca num livro com esse título —, alguns artistas portugueses, depois de grande almoçarada, de que na fotografia ainda se vêem os restos, compõem um quadro vivo de paródia aos «Borrachos» de Velázquez. Ao centro Amadeu Sousa Cardoso, tendo à sua direita o pintor Domingos Rebelo, e à esquerda o pintor Pedro Cruz, a quem põe uma coroa, e atrás Emmérico Nunes e Manuel Bentes. Neste quadro de alegre juventude, falta um dos convivas do almoço, Eduardo Viana, que deu ao gatilho da máquina

MUNDO LITERÁRIO

ráveis académicos por estas antevisões da «ficção moralística», paralela da «ficção científica» de que Jean Rostand traçou o panorama com a sua proverbial eloquência literária.

● **No Teatro-Estudio da Biblioteca do Congresso, em Washington, foi recentemente representada com grande êxito, em tradução de Jill Booty e montagem cénica de José Tamayo, a peça de Lope de Vega «El Caballero de Olmedo». O espectáculo, que a crítica norte-americana acolheu com entusiasmo caloroso, foi seguidamente transferido para o Teatro da Rua 42, de Nova York, onde o aplaudiram multidões entusiásticas. O grupo teatral dirigido por José Tamayo projecta continuar a «tournée» em centenas de teatros e estudios universitários dos Estados Unidos.**

● **Como amplo anuário da literatura e arte alemãs contemporaneas o Círculo Cultural da Federação da Industria Alemã publica todos os anos no Outono um volume intitulado «Jahresring» (Anel do Ano). O novo volume desta série tem por introdução o fragmento de um romance até agora inédito intitulado «Venezianer», de Gerhart Hauptmann, por motivo do 100.º aniversário do nascimento do escritor em 15 de Novembro de 1962. O volume contém uma selecção da lírica e da prosa dos nossos dias. Além dos conhecidos nomes do expressionismo e da geração já mais idosa, publicaram-se textos de autores jovens. Entre os artigos sobre belas-artes cumpre evidenciar as respostas de 17 artistas alemães de relevo á pergunta: «Como vêem hoje a situação da arte figurativa e abstracta?». A secção «In memorian» é uma homenagem aos poetas, escritores e artistas falecidos no ano passado, entre eles o escritor Leonhard Frank, o pintor Werner Gilles e o escultor Alfred Lörcher.**

● **O tradutor para o grego moderno, e os dois co-editores atenienses da obra de Jean-Paul Sartre «O Muro» foram condenados a três meses e meio de prisão e a uma multa no montante aproximado de vinte contos por lhe terem dado publicidade sem autorização superior. Esta intervenção violenta da censura oficial na Grécia está a suscitar vivos protestos nos meios intelectuais franceses.**

● **Convidado pelos editores de «Selecções» a escrever a sua biografia, o escritor norte-americano Paul de Kruif, que teve rápida aura com o seu livro «Caçadores de Micróbios», apresentou uma crónica que tem sido muito apreciada pela franqueza excêntrica e pelo humor. Figuram nela estas passagens significativas: «Nasci em Zeeland, no Estado de Michigan. É aquela cidade a maior dos Estados Unidos no que respeita á ausência de cinemas e bares. Em 1922 escrevi um livro satírico contra a presunção exagerada de certos médicos que me valeu a expulsão do Rockefeeler Institute... colaborei com Sinclair Lewis em «Arrowsmith» e agora escrevo a minha biografia: «Como domar um homem turbulento», obra heroica que devo á minha esposa...».**

● **Na Biblioteca Nacional, em Paris, foi há pouco aberta ao publico uma exposição documental evocativa de Barrès. Desde as origens familiares do escritor, no Auvergne e na Lorena, passando pelo curso liceal, a actividade literária, a convivência com Verlaine no desgraçado final da vida do poeta, a carreira parlamentar agitada, a obra que o consagrou como inspirador do nacionalismo francês, tudo é ilustrado pelo livro, pelo documento e pela imagem nessa exposição publica. Entre os testemunhos políticos da biografia de Barrès, há um aspecto que tem sido salientado: a homenagem vibrante por ele prestada a Jean Jaurès.**

● **Assinalando o 25.º aniversário da publicação do livro de Gilberto Freyre, «Casa Grande & Senzala», um dos marcos fundamentais da sociologia brasileira, a Editora José Olympio reuniu em volume a homenagem intitulada «Gilberto Freyre, sua ciência, sua filosofia, sua arte», na forma de ensaios e opiniões sobre o escritor. Lançado em 1933, no Rio, pela Editora Maia & Schmidt, a obra magna de Gilberto Freyre estaria destinada a uma brilhante carreira no país e no exterior. Em dez anos saíram quatro edições e até 1961 mais seis. Foi traduzido para o inglês, francês e espanhol, alcançando várias edições em todas essas línguas. Os ensaios reunidos neste volume assinalam a presença e a influência de Gilberto Freyre nos mais diversos sectores da cultura brasileira do pós-modernismo.**

ESCAPARATE

(De 8 a 15 de Janeiro de 1963)

Autores portugueses

Título — «Poema Primeiro».
Autor — António Aragão.
Editora — Liv. Nacional, Covilhã.
Colecção — «Pedras Brancas», n.º 7.
Numero de páginas — 25.
Preço — 20$00.

Título — «Das Fronteiras».
Autor — Helder Macedo.
Editora — Liv. Nacional, Covilhã.
Colecção — «Pedras Brancas». n.º 6.
Numero de páginas — 41.
Preço — 20$00.

Título — «Ilha da Madeira».
Autor — Ferreira de Andrade.
Editora — Editorial de Publicações Turísticas, Lisboa.
Colecção — «Turismo», n.º 7.
Numero de páginas — 80.
Preço — 30$00.

Título — «Anunciação».
Autor — Bernardo Santareno.
Editora — Atica, Lisboa.
Numero de páginas — 240.
Preço — 35$00.

Título — «Companheiros».
Autor — Ester de Lemos.
Editora — Edições Atica, Lisboa.
Numero de páginas — 764.
Preço — 50$00.

Título — «Itinerário».
Autor — Liberto Cruz.
Editora — Liv. Nacional, Covilhã.
Colecção — «Pedras Brancas», n.º 8.
Numero de páginas — 33.
Preço — 20$00.

Título — «Problemas do Nosso Ensino».
Autor — Mário de Vasconcelos e Sá.
Editor — Edição do autor, Porto.
Numero de páginas — 203.
Preço — 25$00.

Título — «Poemas Escolhidos» (1952-1961).
Autor — Maria Alberta Menéres.
Editora — Liv. Nacional, Covilhã.
Colecção — «Pedras Brancas», n.º 5.
Numero de páginas — 145.
Preço — 35$00.

Título — «Memórias dum Comunista».
Autor — Osvaldo Peralva.
Editora — Editorial Aster, Lisboa.
Colecção — «Memórias e Documentos», n.º 2.
Numero de páginas — 342.
Preço — 40$00.

Autores estrangeiros

Título — «Quem, se eu Gritar».
Autor — Y. K. Centeno.
Editora — Edições Atica, Lisboa.
Numero de páginas — 83.
Preço — 15$00.

Título — «Sorrisos de Africa» (Impressões angolanas).
Autor — Hildegart Netz.
Editor — Autora, Luanda.
Preço — 18$00.

Título — «Horas sem Tempo».
Autor — Merícia de Lemos.
Editora — Editora Lux, Lda., Lisboa.
Numero de páginas — 51.
Preço — 30$00.

Título — «Cabaz de Morangos Humorísticos».
Autor — Antologia de vários autores.
Dep. — Agência Portuguesa de Revistas, Lisboa.
Colecção — «Antologia do Conto Humorístico», n.º 1.
Numero de páginas — 162.
Preço — 15$00.

ANÁLISE SOCIAL

UMA REVISTA UNIVERSITÁRIA DE TEMAS SOCIAIS

À venda o 1.º número

GABINETE DE INVESTIGAÇÕES SOCIAIS DO I. S. C. E. F.

MANUEL DA FONSECA

SEARA DE VENTO

2.ª EDIÇÃO
8.º MILHAR

UM DOS MAIS FORTES E BELOS ROMANCES DA MODERNA LITERATURA PORTUGUESA

COLECÇÃO CONTEMPORÂNEA

PORTUGÁLIA EDITORA

Seis mil e quatrocentos contos

(Continuação da página anterior)

tal notícia sem voltar atrás: «Será possível?» Pois lê-la é evocar a desesperada figura desse estranho, obstinado Vicente, nos curtos sete anos que medeiam entre a sua entrega total á furia de pintar e o dia do seu suicídio, em pleno campo, no meio das searas douradas de Auvers-sur-Oise. E' evocar esse pobre holandês, de olhar inquietante, incansávelmente trabalhando nas casas miseráveis dos tecelões de Nuenen, nos cafés de vagabundos de Arles, no hospício de Saint-Rémy, ridicularizado, apedrejado, a braços com a solidão, que o sufocava, sonhando com um homem novo e uma arte nova que, antecipadamente, o exprimisse e ajudasse a nascer, lutando raivosamente com a doença e a fome, e transformando tudo isso em quadros e quadros que hoje amamos, quadros como esse que passou agora das mãos dum proprietário para as de outro proprietário — por seis mil e quatrocentos contos. Lá do fundo dos anos, o dramatismo pungente dessa ternura revoltada que se chama *A Cadeira de Vicente, Noite Estrelada* ou *O Pátio da Prisão*, os olhos e as mãos do pintor, não deixam de perseguir-me, enquanto leio e releio: «seis mil e quatrocentos contos»! Os mesmos dedos que seguravam os pincéis de fogo e raiva com que pintou *Os Comedores de Batatas* ou os *Corvos sobre as searas* seguraram a caneta que escreveu certas frases de cartas bem conhecidas: «Desde que aqui estou, só tomei três refeições quentes; quanto ao resto, só como pão»; «Vivi principalmente, durante estes quatro dias, de vinte e três cafés com pão que ainda tenho de pagar»... E uma só dessas telas, ás quais o «pintor maldito» tudo sacrificou — «vivo aqui sem poder comprar pão; o meu trabalho leva-me a fazer grandes despesas» — seria vendida, uns setenta anos depois, por seis mil e quatrocentos contos.

Mas teria podido ser de outro modo? Eis a pergunta, nada sentimental, que é preciso fazer. Ou, noutros termos: não obstante todos os esforços actuais de divulgação e a inegável democratização cultural que, apsar de tudo, a nossa época regista, teremos nós a certeza de que, neste momento, não estará, ao nosso lado, a lutar com as mesmas dificuldades, um Van Gogh destes dias, perante a nossa incompreensão e a nossa indiferença? Tantos desses involuntários crimes se têm cometido, sem que haja sido de qualquer utilidade para evitá-los o conhecimento do crime anterior, que a nossa tendência imediata é para pensar que hoje e sempre o fenómeno se há-de fatalmente repetir, dadas as condições da própria criação e das relações do artista com a sociedade. Talvez, contudo, o desencontro não seja tão inevitável para todo o sempre e a este «sempre» se deva preferir: «enquanto subsistir o sistema de relações humanas que caracteriza a sociedade actual». Como diz Roland Barthes, «embora seja um fenómeno regular, a vanguarda énão é fatalmente um fenómeno eterno nem mesmo constante: houve épocas sem vanguarda, haverá talvez de novo, um dia, uma arte ao mesmo tempo liberta de provocação e de academismo». Mas, enquanto aquelas condições subsistirem e for possível — e necessário — a chamada arte de vanguarda, não parece que a incompreensão imediata ou sequer relativamente imediata do artista inovador desapareça da face da Terra. Pois nem a simples divulgação cultural, nem a subida de nível de vida das populações, nem o estabelecimento de qualquer socorro social para os artistas ou, menos que tudo, a criação duma arte de Estado, nada disso conseguirá obviar ao trágico desencontro, tantas vezes repetido, entre o pintor ou o escritor e o *seu* publico. O que sem duvida só nos surpreende quando somos tentados a confundir, muito explicávelmente, arte de vanguarda e arte revolucionária, pelo que aquela sempre em si contém de revolucionário, no sentido restrito do termo. Na verdade, tal arte só existe (ou, se preferirem: é essa a arte que existe) porque, no fundo de nós mesmos, uma arte revolucionária não é ou não é ainda possível. A sua raiz e o seu fruto pertencem a uma zona bastante menos profunda do que sempre nos parece, a nós que afinal praticamos e amamos essa pintura, esse romance, essa poesia que se limitam a exprimir a inquietação e o protesto dum publico que os não reconhece como seus e só existem como tal — como vanguarda — até que esse mesmo publico como seus os reconheça. Por isso Barthes observa muito bem que «basta uma obra romper bruscamente com a tradição e assumir no seu próprio estilo certo tom de provocação, para poder constituir uma obra de vanguarda; mas basta também que a tradição a apanhe e recupere para que essa obra de vanguarda se torne clássica e talvez mesmo um dia ultrapassada». E por isso o mesmo Barthes acrescenta: «Por mais provocante que seja, a vanguarda não é nunca totalmente subversiva: o escritor de vanguarda está numa situação contraditória, pois o paradoxo embaraça-o e limita-o: por um lado, ele rejeita violentamente a estética académica da sua classe de origem, mas, por outro lado, tem necessidade dessa classe para fazer dela o seu publico». E exemplifica: «numa sociedade burguesa, o escritor de vanguarda rejeita os valores burgueses, mas esta rejeição que ele transforma em espectáculo, só a burguesia pode consumi-la».

Enquanto, porém, a vanguarda, cujas limitações não cessamos de verberar, for, na verdade, a unica arte viva realmente possível — pois que é dentro de condições históricas concretas que a liberdade e a imaginação do artista se exercem, e não em condições imaginárias —, seria bem ilusório supormos que, salvo excepções imprevisíveis e dificilmente explicáveis, os Van Gogh deixarão de sofrer as mais desanimadoras amarguras da vida, entre as quais, a fome autêntica ou, pelo menos, essa outra fome, não menos terrível, que se chama solidão. Será tudo apenas, como Roland Barthes com razão lhe chama, «uma questão de família», que, dentro de algum tempo, se resolve em bem. Mas entre esta produção e o seu consumo, entre este rompimento e esta reconciliação, mais ou menos periódicos, quantos anos, quantos longos e negros anos de desespero e de abandono se arrastam, enquanto os Van Gogh de ontem e os possíveis Van Gogh de hoje vão produzindo, entre muros de silêncio e de desprezo — quando é só isso —, aquelas mesmas obras que, cinquenta ou cem anos depois, os financeiros venderão ou comprarão (venderiam, comprariam) por seis mil e quatrocentos contos! E de que nós falaremos, com muita inteligência e compreensão (cinquenta ou cem anos depois, é evidente), em todos os jornais...

MARIO DIONÍSIO

Van Gogh — «A cadeira de Vicente»

O Prémio Nadal

(Continuação da pagina anterior)

Tesso que uma reduzida esperança.

— Qual o tema da novela?

— Trata das circunstancias que rodeiam o atentado político levado a efeito contra determinada personalidade de um regime ditatorial — acrescentando. — Desenrola-se numa Republica sul-americana.

— Demorou bastante tempo a escrever a «Muerte por fusilamiento»?

— Aproximadamente um mês.

— Novela grande?

— Quatrocentas páginas.

Registemos, entretanto, que a esposa do autor agora galardoado imediatamente se tornou sua compreensível secretária, pois prestou alguns esclarecimentos aos jornalistas, sobre a vida do marido.

Prosseguiu a «mesa redonda» da entrevista.

— Já tem livros publicados?

— Alguns escritos, mas todavia inéditos.

— Lê muito?

— Quase nada.

— Porquê?

— Falta de tempo. O meu trabalho diário absorve-me bastante. Antes dos dezoito anos lia imenso. Depois comecei a ter de ocupar-me mais da profissão e, ainda que contrariado, tive de diminuir a leitura.

E a terminar:

— Qual é a sua opinião sobre o actual ambiente literário espanhol?

— Não estou muito em dia com o que se escreve neste momento no país. Creio que estamos atravessando um momento bastante prometedor.

As entrevistas continuaram. «Flashes», projectores da TV, microfones da Rádio, tudo apontado para José Maria Mendiola um «trintão» — exportador de metais — que na noite de seis do corrente obteve o «Nadal 62».

M. RIUTORT

«Jornal do Barreiro»

A Sociedade Luz e Progresso, Ld.ª, proprietária do «Jornal do Barreiro», instalou, provisoriamente, na Travessa do Prior Abílio Mendes, n.º 19, a redacção e a administração daquele semanário regionalista e resolveu suspender a sua publicação até ao dia 24, a fim de poder reorganizar os serviços.

Horário dos comboios DA LINHA DO CORGO

Previne-se o Público de que, a partir de 20 de Janeiro, são alteradas as marchas dos comboios n.ºs 6442 e 6443 que circulam entre Régua e Chaves, pelo que os interessados devem consultar os cartazes actualizados que se encontram afixados nas estações.

A arte da caça vivida e interpretada por Aquilino Ribeiro

(Continuação da 17.ª página)

á moca, a laço, á flecha, a pólvora piroxilada. Fatalidade da organica terrestre. A natureza animal não é mais que uma roda girante e contínua de navalhas, ou se quiserem, de dentes, que tal é o occídio de umas espécies pelas outras. As superiores, como é lógico, levam sempre a melhor, e na maneira de exercerem a sua força se inscreve a caça como actividade regular. Os seres nutrem-se uns dos outros, a partir de alfa para ómega, e os de ómega, são por vezes vítimas dos microrganismos, porventura espécies que hajam remontado á vida e que a biologia, cujos minutos são os nossos milénios, ainda não classificou ou de cuja existência está insegura. Encarada a esta cronometria, a vida é um gorgulhar constante de seres, uns que vingam, outros que se afundam e extinguem, como se vê pelo filme fantástico dos fósseis. Nascimento, meio-dia, ocaso são fases multimilenárias essas que os nossos sentidos não abarcam e todavia se têm como alpodras infalíveis no renovamento da vida cósmica.

... ...

Certo dia, recebo um convite do abade de Peravelha, mais de uma vez meu companheiro de monte, para uma arrozada de lebre. Fui ao bródio, de caminho dando o meu tiro, gozando a natureza no facies outonal. A orvalhada da noite perla as fibrilhas nadas dos centeios e os panascais, de coma construída a riscos de gouache, e, se lhes acerta o sol, é uma joalheria estranha que se ilumina diante de nossos olhos. Emigraram todas as aves, menos as indígenas, e dessas, as que são palradoras, tal o gaio, grazinam e berram para os soitos por todos os foles, como senhores que são da Honra. O vapor do nosso hálito vai adiante de nós, e o frio da atmosfera traz-nos com a sua impregnação uma agilidade singular.

O abade tinha lá bom vinho e a cozinheira era de truz. Celebrámos a arrozada e o abade disse, rindo para o professor Melo, que era anojadiço:

— Matei esta lebre no caminho para Moimenta, numa encosta, antes de chegar á Serrinha. Dias antes um burro quebrara ali uma perna ao passar o pontão. Era do moleiro da Paiva, e, lá porque quisesse tirar-lhe a pele, chamou um samarreiro que começou por abrir-lhe a aorta. Durante dias foi um fartote para os cães da aldeia. Deviam ter vindo ainda os lobos, mas muito de afogadilho, porque o lugar era exposto e susceptível de emboscada. O asno de regular corpulência forneceu lauto festim. Quando ficou só a carcaça e umas farripas de carne entre as vértebras, disse para mim: chegou a vez das lebres. Depois, reduzido o begueiro a um cangalho de calcáreo branco, está ali o cortiço ideal para o primeiro enxame que deserte da colmeia. Noutros tempos, os ossos eram ainda aproveitados para refinar o açucar, tenho ouvido dizer. Hoje, não sei que mistela lhe associam. Mas, como ia dizendo, o burro estava na fase leporídea e palpitou-me, quando subi o cabeço de dedo no gatilho, que me ia saltar lebre. Como de facto, saltou-me um lebrão, mais ensanguentado que um carniceiro da vila. Foi ele que forneceu o arroz que os meus amigos, inclusive o senhor professor Melo, acharam excelente.

Rimos todos. Observei eu:

— O abade leu isso no *Pentateuco*?

— Meu menino, o *Pentateuco*, posto que um código universal, é omisso em matéria de caça. Os Hebreus eram um ramo de família semita, nómada por excelência, e a caça obedecia ás contingências do pastoreio. Não havia dissociação.

— Li algures que conheciam 200 receitas quanto a cozinhar o nosso bacalhau... perdão, as codornizes...

Este abade de Peravelha era uma das espingardas de fama da serra da Nave. Quando começava a caçar, benzia-se como quando abria o breviário. Não era sôfrego nem precipitado, por isso errar ele um tiro era coisa para se espantarem os homens na Terra e os anjos no Céu. No encalço de um bando de perdizes, torneando á direita e torneando á esquerda, guiado pelo ultracatedrático «Piloto», ninguém o excedia. Ao rezar o *De profundis* á ultima perdiz do bando, tirava então o alcobaça do bolso e limpava o cachaço que de pelagem crescida e ensilvada parecia um panascal debaixo do orvalho numa manhã de céu sem nuvens.

...O Gil Sapateiro, na sua qualidade de atirador de cara e loquaz por índole, era o discursador incontroverso:

— Uma vez — contava ele — acabou-se-me o chumbo. Tinha dado num bando de perdizes, ariscas com o suão, e era vê-las tocar guizos para lá do campo de tiro e desaparecer detrás dos cabeços. Carga a carga, quando dei conta não tinha bago na chumbeira. O diabo foi que a certa altura vejo avançar uma lebre, aos saltinhos, tep-tep, tep-tep, furtada aos cães, de que se ouvia a maticada ao longe. Raio de azar! E a gora? Eu estava num pinhal, e ponho-me por vício a escarafunchar nos bolsos quando descubro um prego no meio do cotão. Ora, atiro com ele, um destes pregos caibrais maiores que os que crucificaram a Cristo, para dentro da espingarda e, quando a lebre ia a atravessar, aponto, escondido atrás de uma giesta, disparo... Olho, lá estava a lebre, caramba! Uma lebre grande como um chibo. O mais bonito, querem vocês saber, é que ficou cravada pelas orelhas contra um pinheiro. Dava saltos que nem corça!...

Os mais imaginativos ficaram de boca aberta admirados e candidos; os incréus riam.

O Quim da Bezerra comentava com ar sisudo:

— Sucedeu uma áfrica parecida com o meu avô Bezerra. Vocês conheceram-no: Tinha uma dentuça que nem um fidalgo. Dois dentes eram de oiro. Arranjou-a no Brasil. Pois andava á caça e vê vir uma lebre. Não trazia grão de chumbo e que faz ele? Leva os dedos á boca e arranca um dente chumbado que lhe andava a abanar. Carregou a espingada e, pumba, atravessou a lebre como se fosse um zagalote.

O Gil Sapateiro hesitou se devia indignar-se, se rir. Saiu-se pela porta da velhacaria:

— Podeis acreditar que foi verdade. Também lho ouvi contar com estes que a terra há-de comer.

— Pois seria. Agora lá a do prego é que me cheira a escova — dizia um mais sério.

— Assim Deus me salve, como falo verdade. Na caça, amigos, sucedem destas maravilhas. Vós ainda haveis de comer muita rasa de sal para sairdes da cepa torta do laparoto trucidado no tojo e da rola assassinada no galho de um pinheiro.

Façanhas e anedotas com caçadores sucediam-se de cambulhada como as cerejas. Era ainda ele quem contava como, num dia de Verão, voltando da feira de bicicleta, onde fora comprar pez para as linhas, uma lebre se esbarrara com ele. Atirou-lhe com a bola do pez, que se lhe colou no focinho ao que ia de mole. Vai, descia uma segunda, o macho, do outeiro de Santo Antão tão cega com o cio que veio mesmo marrar com a outra e lá ficaram as duas coladas, tão coladinhas, que foi só deitar-lhes os galfarros e pô-las á cinta.

Os cépticos respondiam com vaias e gracejos. Os sisudos benziam-se. Ele jurava por sua alma e a de sua avó que fora assim mesmo. E acabava de ficar tão convicto da patranha forjada, que puxava para o Quim da Bezerra, que se permitia duvidar.

... ...

Salta aos olhos da cara que a arte da caça, dados os recursos novos, tenha feito progressos muito maiores na ofensiva que os bichos monteses na defensiva. E pois que assim é, mercê dos admiráveis inventos dos espingardeiros, das batidas sistemáticas, das coutadas reservadas que fazem o vácuo venatório no agro em redondo, e, depois com batedores e espingardas atentas e bem munidas, dão lugar á hecatombe sem glória, como a espera ás rolas na passagem e o tiro aos pombos de engorda, as espécies extinguir-se-ão mais depressa do que está no ritmo da lei biológica. Segundo parece aos sábios, está a caminho de desaparecimento a grande família dos pássaros, e já da sua rarefacção é notória de década para década.

* * * CRIME * * *
COM ASSISTÊNCIA

por VINCENT STARRETT

FOLHETIM SEMANAL DO
Diario de Lisbôa

16

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES—Ao investigar a morte do actor Boyd Francis, Jimmy Lavender estuda uma repetição da cena durante a qual o actor morrera. Os médicos declaram que Francis foi envenenado e a Polícia procura Grover Campbell, um figurante da companhia. Lavender concentra as atenções em Martin Veach, outro figurante, que entrava na trágica cena. É Gilruth, o amigo de Lavender, quem narra a história...

CAPÍTULO IV

Não muito longe do Casino, existe um excelente restaurante com uma fila de compartimentos, ao fundo. Não há orquestra para dificultar as conversas. Alguns dos membros da companhia teatral já nos tinham precedido. Escolhemos um compartimento e Martin Veach demonstrou ser um profundo conhecedor da biografia do palco.

— A loira é *miss* Jennings, que faz de criada — disse ele. — O homem que está com ela é Dave Harlan. Um «compincha»! O que está perto da janela é Ballard. É o médico que vem trazer Pentonville — desempenhado pelo sr. Francis — no ultimo acto.

— Bem, Veach — atalhou Lavender — o que nós realmente queremos descobrir é isto: Quem matou Boyd Francis?

O actor quase saltou da cadeira.

— Santo Deus, *mr* Lavender! Não julga que tenha sido eu, pois não?

— Talvez não me tenha explicado bem. O que pretendo saber é se o senhor suspeita que houvesse alguém que não gostasse de *mr*. Francis. Viu ou ouviu qualquer coisa de especial, pouco antes de *mr*. Francis entrar em cena?

— Nada!

— Pense bem! — insistiu Lavender. — De todos quantos se encontravam ontem em cena, foi o senhor quem esteve mais perto de *mr*. Francis antes do funesto acontecimento. Viu-o mesmo mais

17

tempo que esse tal Campbell, uma vez que Campbell segurava os varais da frente da maca e estava, portanto, de costas viradas para *mr*. Francis. O senhor viu *mr*. Francis entrar para a maca, não é verdade?

— É — admitiu Veach, cautelosamente.

— E como foi que ele entrou? Saltou, deixou-se cair, entrou de gatas ou alguém o empurrou?

Veach ponderou, uns momentos.

— Lembro-me que saiu apressadamente do camarim — disse, por fim — e deu assim uma espécie de mergulho para cima da maca.

— E, então, o senhor e Campbell levantaram a maca e entraram no palco. Certo?

— Mais ou menos. Tudo isso levou coisa de um minuto.

— Percebo. Ballard, então, no seu papel de médico, veio atrás de vocês e, um minuto depois, encontravam-se todos no palco. Bem, falemos agora de Campbell. Pareceu-lhe contente ou preocupado? Sóbrio ou embriagado?

Veach abanou a cabeça com desespero.

— Penso que estava igual aos outros dias. Talvez um pouco mais apressado. Quero dizer, a princípio, o seu passo era diferente. Dirigiu-se para o palco num passo apressado e eu cheguei a recear que entrássemos antes do tempo.

Uma curiosa expressão pintou-se no rosto do meu amigo.

— Escute uma coisa, Veach — perguntou, de subito — ele disse-lhe alguma coisa antes de se dirigirem para o palco?

— Nem uma palavra. Quando eu lhe perguntei que tal lhe corriam as coisas, limitou-se a encolher os ombros e não me respondeu. Aliás, como o senhor deve saber, as conversas nos bastidores não são consentidas.

Os olhos de Lavender brilhavam de entusiasmo, mas a sua voz manteve-se perfeitamente controlada.

— Portanto, o senhor não o ouviu falar. Agora, Veach, pense cuidadosamente no que lhe vou per-

18

guntar. Reparou se as roupas lhe assentavam bem como das outras vezes?

Só então descobri os pensamentos de Lavender. O rosto de Veach passou igualmente por uma transformação.

— Espere! O senhor é um «barra»! Agora que o senhor me fala nisso, lembro-me que achei que o casaco lhe ficava um pouco justo nos ombros. Como se lhe estivesse pequeno. Até pensei se ele não teria posto o casaco de outro.

— Muito bem — disse Lavender. — Tome mais café, Veach, coma mais uma fatia de bolo. As suas reminiscências estão-se a tornar fascinantes. Em que coisa mais reparou o senhor, além do casaco de Campbell? Não o viu mexer em *mr*. Francis, pois não?

Mas o teste de memória estava no fim e, pouco depois, levantávamo-nos para sair. Já na rua, Lavender fez uma ultima pergunta:

— Aonde foi o Campbell ontem, depois que o pano desceu?

— Não sei — disse Veach. — Eu não o vi.

— Bem, ainda foi bom ter visto qualquer coisa. É tudo por agora.

Quando a nossa testemunha dobrou a esquina, Lavender soltou uma risada.

— Interessante! — disse. — É claro que ele não faz ideia do que acaba de nos dizer!

— Referes-te ao casaco? E ao andar de Campbell? Achas que o maqueiro da frente não era o Campbell?

— Sou levado a pensar isso. Por que razão um figurante sem nome fosse impelido a assassinar um actor popular, é uma pergunta de difícil resposta; mas, se esse figurante não for o Campbell, então abre-se perante nós um novo panorama. Já não me admira que o tipo tenha desaparecido.

— Mas não achas que qualquer substituição seria notada?

— A coisa mais fácil deste Mundo é introduzir um desconhecido naquela companhia. Com a colaboração de Campbell, especialmente se os dois

19

se parecessem, seria muito fácil entrar nos bastidores. O perigo real começaria depois de ter passado para o palco. Mas não esqueças que, tal como Veach, Campbell não passa de um figurante. Nenhum deles desempenha qualquer papel de importancia na peça. São apenas contratados para levarem uma maca para cena e vestirem um casaco branco. E, no palco, cada intérprete está a desempenhar o seu próprio papel, sem dar importancia ao parceiro.

— Talvez Campbell tenha morrido — sugeri, mas Lavender não foi da mesma opinião.

Campbell apareceu na manhã seguinte. Entrou naturalmente e sem qualquer ostentação. Foi imediatamente agarrado por Dahlgreen que o levou para o escritório, onde o vimos pela primeira vez. Era um tipo de homem que qualquer actor esperto poderia ter personificado quase sem ensaio.

— Ora muito bem — começou Dahlgreen, com bonomia. — Mas todos os elementos da companhia receberam ordens de se apresentarem no teatro.

Campbell mexeu-se na cadeira, pouco á vontade.

— Sinto muito — disse, por fim. — Como sabia que não ia haver representação, tomei a liberdade de ir fazer um passeio. A morte de *mr*. Francis transtornou-me bastante...

— Transtornou-nos a todos — disse Dahlgreen. — Foi a razão que nos levou a dar ordem a que todos comparecessem aqui. Bem, passemos agora ás suas declarações. Faz ideia do que possa ter ocasionado a morte de *mr*. Francis? A propósito, o que o fez tropeçar daquela maneira ao entrar no palco, que por pouco não atirava *mr*. Francis abaixo da maca, Campbell? Que foi que lhe deu?

Apanhado de surpresa, o miserável não teve consciência de que assinava a sua própria sentença.

— Bem, a verdade é que não me estava a sentir muito normal. Sentia-me tonto e tive uma vertigem justamente no momento em que entrava em cena.

20

Dahlgreen voltou-se para Lavender, que olhava o suplente com um sorriso.

— Deseja interrogar o Campbell, *mr*. Lavender?

A primeira pergunta, que Lavender fez, lembrou um tiro. Com expressão ameaçadora, disparou a pergunta cruelmente na cara do homem á sua frente:

— Quanto lhe pagaram para se deixar substituir por outro homem na representação de quarta-feira?

Campbell ficou da cor da cal da parede.

— Não estou a compreender... — murmurou.

— Está a compreender muito bem. Responda ao que lhe pergunto!

Num gesto instintivo de defesa, Campbell ergueu a mão num protesto inutil.

— Nada! Não recebi nada! — gaguejou. — Eu não... Eu não...

— Mente! — gritou-lhe Lavender, brutalmente. — Você cedeu o seu lugar a outro homem que foi o assassino de *mr*. Francis. Esse homem é bastante parecido consigo, conquanto um pouco mais alto e forte. Veach reparou nisso. E você acaba de nos confessar que não esteve em casa na quarta-feira, porque a verdade é que o sujeito, que o substituiu, não tropeçou ao entrar no palco. Como vê, foi desmanchado. Se não nos confessa imediatamente toda a verdade, entregamo-lo á Polícia sob a inculpação de cumplicidade no crime.

Campbell deixou-se cair numa cadeira, num abandono de rendição.

— Direi a verdade. Não quero ir para a cadeia por um acto que não cometi. Realmente, deixei que outro homem ocupasse o meu lugar... mas desgraçado seja eu para o resto da vida se sabia o que esse homem se preparava para fazer!

Seguiu-se um momento de silêncio e o pobre diabo começou a sua história.

(Continua)

CONCURSO PARA O PREENCHIMENTO DE VAGAS DE MOTORISTAS DE 2.ª CLASSE DO QUADRO GERAL DO PESSOAL DA EMISSORA NACIONAL DE RADIODIFUSÃO

Conforme aviso publicado no Diário do Governo, II Série, n.º 10, de 12 do corrente, está aberto, pelo prazo de 30 dias a contar daquela data, concurso de admissão para o preenchimento de vagas de motoristas de 2.ª classe do quadro geral do pessoal da Emissora Nacional de Radiodifusão, a que serão admitidos indivíduos do sexo masculino, habilitados com o exame da 4.ª classe da instrução primária.

As condições de admissão ao referido concurso constam do aviso acima citado, devendo, os documentos ser entregues até ao próximo dia 11 de Fevereiro, na Secretaria da Emissora Nacional de Radiodifusão, Rua Alexandre Herculano, 42-A, em Lisboa-2, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Emissora Nacional de Radiodifusão, em 14 de Janeiro de 1963.

ADMINISTRAÇÃO-GERAL
O Chefe da Repartição
ALBERTO REPRESAS

UMA MANHÃ NUMA BICICLETA
IBA, É UMA SEMANA DE SAÚDE

AGENTE
POMPEU MACHADO
Tel. 280871 CASCAIS

JOÃO CLARA & C.ª
IRMÃOS, LDA.
Telefs. 840623 . 842086 843130

Participa aos seus clientes e amigos que as carreiras Lisboa-Vermelha-Peral, Lisboa-Serra e Lisboa-Torres Novas-Lousã, passam a ter partida da garagem.

R. Cidade Liverpool, 14-C, a partir do dia 21 de Janeiro de 1963.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO:
Visite a
ORCOSI
Rua 1.º Dezembro, 45, 3. T. 367444
A FIRMA QUE RESOLVE OS SEUS PROBLEMAS FINANCEIROS NAS MELHORES CONDIÇÕES, RAPIDEZ E SIGILO

RÁDIO-TV
CAMPANHA DE DIVULGAÇÃO DO RÁDIO
Vendas com garantia total, sem ou c/ fiador e não havendo entrada inicial. Assim, temos:
RÁDIOS DE CORRENTE
Esc. $70 por dia ou sejam Esc. 21$00 por mês
RÁDIOS DE BOLSO C/ 6 TRANSISTORES
Esc. 1$00 por dia ou sejam Esc. 30$00 por mês
RÁDIOS TRANSISTORES de MESA ou PORTÁTEIS
Esc. 1$30 por dia ou sejam Esc. 40$00 por mês
SÓ NA
CASA FIGUEIRÔA
RUA MACAU, 8-B — LISBOA
Telefones 847835 e 832556
Esta campanha termina impreterívelmente em **31 DE JANEIRO**

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Temas Oitocentistas-II»

por Joel Serrão

Entre os ensaístas contemporaneos que têm levado o melhor do seu esforço intelectual ao desvendamento das realidades portuguesas no século XIX, Joel Serrão é um dos que se revelam manifestamente mais dotados para a difícil faina. Possui a inteligência clara, o sentido relacionador, a penetração do psicólogo da história. Da lição profunda de António Sérgio herdou o critério pedagógico e racionalizante que enriquece de mais largas perspectivas a crítica de interpretação aplicada á história da cultura. Assim tem vindo a colaborar com fecundos resultados no esforço de redescoberta da evolução cultural portuguesa oitocentista como instrumento de compreensão do homem português contemporaneo. O historicismo, no caso de Joel Serrão como no de outros ensaistas que com ele compartilham idênticos intuitos, tem simultaneamente uma raiz e uma finalidade humanísticas. Está o escritor no caminho certo da sua vocação intelectual quando reafirma, no prefácio deste 2.º volume dos «Temas Oitocentistas», que os seus estudos, mesmo quando se processam a respeito de fontes literárias, não são tentativas de exegese literária pròpriamente dita e antes «se prendem sempre a uma problemática de teor fundamentalmente histórico-sociológico».

Joel Serrão

Os desígnios da corrente ensaística em que Joel Serrão ocupa lugar de primacial relevo são ambiciosos e difíceis — mas são os que vale a pena prosseguir. A «sociologia da literatura», especialmente, é domínio de trabalho reflexivo que reclama aptidões críticas e especulativas excepcionais, nunca desfalecentes ao longo de toda a construção ensaística. Não é de surpreender que a realização fique, por vezes, aquém da intenção, que o método se apresente, com frequência, mais forte na sua formulação do que nos seus resultados. Assim o atesta, sob alguns aspectos, este volume de «Temas Oitocentistas», apesar da sua originária profundeza de perspectivas e do vigoroso rasgo intelectivo com que o autor cria e defronta as suas problemáticas.

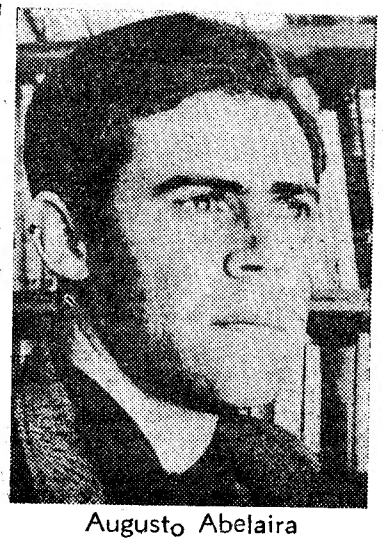
No estudo «Noite Natural e Noite Técnica», por exemplo, a inspiração temática é excelente: a de devassar os reflexos da evolução das técnicas (no caso, designadamente, os da iluminação) na mentalidade colectiva e, em especial, nas representações literárias dessa mentalidade. Com certa surpresa e algum desencanto se verifica que o objectivo sociológico-cultural se esvai em muitas páginas do estudo, submergido num esmiuçar de pormenores que chega a tomar o cunho de secundária divulgação ou de simples registo de alusões. Já no ensaio «De Eça de Queiroz a Aquilino Ribeiro», expressamente intentado como «sondagem histórica através do romance», o objectivo é muito mais firmemente logrado, apesar do excesso de divagações marginais que embaraçam a cadência ideativa essencial. Joel Serrão põe em claro relevo e analisa com penetrante justeza as razões e a significação do que houve de protestatário, de crítico e morigerador — de sócio-culturalmente militante, em suma — no romance realista-naturalista. E é magistral a conclusão de que «o significado mais profundo dos romances de Aquilino não reside na saudade pelo tempo irreversivelmente transcorrido, mas na confiança das tarefas do presente e do porvir, que só deixarão de ser utópicas ou míticas na medida em que conheçamos as realidades subjacentes aos nossos sonhos».

Observações de idêntico teor se apresentariam na apreciação mais demorada de outros ensaios de Joel Serrão sobre o apogeu e o declínio do romance naturalista, a experiência oitocentista do tédio, a mentalidade burguesa oitocentista, os reflexos culturais de outros progressos das técnicas e da evolução demográfico-urbanística. Está o ensaista no caminho de uma experiência intelectual que pode vir a germinar nos mais fecundos efeitos de actualização e consciencialização da nossa cultura. Nenhuma inspiração mais criadora poderia Joel Serrão invocar do que a da dedicatória deste livro: «A António Sérgio — á lucidez do pensador, á cultura humanística do sage, á vigilancia do cidadão». *(Portugália Editora, Lisboa).*

«O Nariz de Cleópatra»

por Augusto Abelaira

Com a publicação desta peça, pouco mais de um ano depois de «A Palavra é de Oiro», não atesta apenas Augusto Abelaira uma vocação dramática com urgência em afirmar-se: demonstra, também, uma unidade de estilo que consagra essa vocação e as suas possibilidades. O autor, apesar da sua juventude para a prática de um género literário que requer amadurecimento experiencial, não dá mostras de procurar um caminho temático e uma forma: parece tê-los encontrado, espontaneamente e logo definidos, num temperamento e numa visão da vida imediatos e pessoais. Como



Augusto Abelaira

em «A Palavra é de Oiro», é uma *trouvaille* a chave de «O Nariz de Cleópatra»: a inversão do desfecho de um acontecimento histórico implicaria, se a vontade retroactiva a pudesse determinar, a transformação contrastante de todos os destinos humanos. O achado é o *deus ex machina*, o motivo absorvente de arranque e sequência da acção dramática. Nele insere Augusto Abelaira um estilo teatral de verve fluente, ágil na composição, verbal e conceptualmente dinamico, que suscita o interesse na leitura e até alimentaria uma certa fascinação se não se prolongasse demasiadamente.

É isso o que sucede na peça «O Nariz de Cleópatra». O motivo essencial pode conduzir a soluções teatrais muito diversas e de significação profunda. Abelaira explora-as muito em superfície — porque a facilidade dialogal preenche toda a cadência dramática sem a deter nos momentos próprios em maior aprofundamento das situações e porque as figuras representadas não chegam a delinear-se fortemente como pessoas vivas. O jogo talvez seja muito pirandelliano — mas é uma dissipação de possibilidades e vem a reverter, com o andamento da peça, numa inesperada monotonia.

Na primeira aparência, o teatro de Augusto Abelaira faz evocar o conceito de ironia de Iankelevitch: a descoberta de uma pluralidade. Mas esta dramaturgia satírica, realmente, passa á margem da ironia. Sem apresentar a forma da farsa, é o *espírito* da farsa o que está nela latente. Como há pouco escreveu, muito justamente, Joel Serrão, não há ironia sem amor. E o amor não se afirma, nem sequer se pressente com autenticidade, na *vontade de ironia* de Augusto Abelaira. Por isso se afigura tão limitadamente construtivo o seu teatro, tão distanciado ainda da afirmação de «necessidade de uma dignidade fundamental». Talvez o autor se encaminhe para ela, pela sugestão de alguns relances mais humanamente válidos que afloram nos diálogos de «O Nariz de Cleópatra» mas depressa se esvaem na satírica verve: «Nunca poderia ser feliz se procurasse apenas ser feliz»; «só se tem a felicidade que se merece»; «somos príncipes e a guerra é uma forma de continuarmos a ser príncipes»; «alguém há-de pôr um ponto final...»

A evolução do temperamento pessoal e literário de Augusto Abelaira é, talvez, a condição muito possível do enriquecimento e aprofundamento do seu teatro. Ele sabe, e afirma-o, que o teatro em Portugal «está destinado á leitura e não ao palco». Para a leitura ou para o palco, há no teatro de Augusto Abeleira grandes possibilidades a cumprir-se. *(Livraria Bertrand, Lisboa)*

Registo

- *A organização editora* Livros do Brasil *acaba de apresentar mais uma série de obras dirigidas a multiformes interesses do publico. Destaca-se, pelo imediato significado que tomará para muitos leitores portugueses, o romance de Berenice Grieco «Caliban», a que se fez referência mais demorada em outra edição deste Suplemento. Mas na série incluem-se o excelente estudo histórico-artístico «A Vida Quotidiana em Viena no tempo de Mozart e de Schubert», por Marcel Brion, que se lê com o simultaneo gosto de um bom livro romanesco, de uma evocação apaixonante e de um estudo de história da musica em alto nível literário; o romance de Curzio Malaparte «Kaputt», narrativa romanceada da ultima guerra em que a grandeza da dor e da crueldade se combinam para um poderoso libelo; a novela de D. H. Lawrence «O Raposo», que é uma das mais límpidas e penetrantes revelações da perturbadora mensagem e da arte literária singular do autor de «A Virgem e o Cigano», e, ainda, dois livros de literatura ligeira para o publico interessado nos respectivos géneros: a novela de ficção científica «O Dia das Trífides», de John Wyndham; e a narrativa policial «A Cinco Horas da Morte», de Hartley Howard, considerado um dos mestres da literatura do género.*

- *Na colecção Obras-Primas da Literatura Portuguesa foi publicado pela* Livraria Bertrand *o volume de antologia «A Poesia dos Trovadores», seleccionada e apresentada numa introdução pelo professor Vitorino Nemésio. O critério de escolha — o próprio seleccionador o reconhece judiciosamente — é algo arbitrário, como todos. Mas houve nele um manifesto gosto que não é sómente o de erudito, mas o de poeta e prosador de grande mérito. A série coligida vai desde Pero Velho de Taveirós, incluído no Cancioneiro da Ajuda, até ao condestável D. Pedro e a alguns anónimos tardios. Na introdução, construída com sentido ensaístico e informada pelas mais actualizadas descobertas na matéria erudita em causa, o prof. Vitorino Nemésio assinala as origens do lirismo medieval, a definição dos géneros galego-portugueses, e os estilos de versificação e linguagem. A edição apresenta um interesse de cultura que se evidencia por si mesmo.*

- *Tomás de Figueiredo constitui um caso complexo na história literária portuguesa. Autor que escreve bem e com vivacidade formal, dotado do poder de observação das realidades sociais e de alguma imaginativa romanesca, original na construção dos seus romances, só com esforço ingrato se consegue ler até ao fim os muitos livros de ficção, teatro, poesia e outros géneros que tem publicado. O prémio Eça de Queiroz, que lhe foi atribuído, teve decerto o intuito de trazer Tomás de Figueiredo ao primeiro plano literário. Tudo inutil. Um desajustamento fatal separa o escritor de um publico largo que o entenda e o estime. Aborrecimento — é a palavra amarga que fica da leitura e explica o fenómeno. Numa série que virá a constituir as* Obras Completas *de Tomás de Figueiredo, foi publicado pela* Editorial Verbo *o romance «A Toca do Lobo».*

- *Num contraste que tem o sabor do pitoresco em muitos dos seus passos, pode ver-se no livro de Alvaro Ribeiro «Liceu Aristotélico» o que não é e o que não deve ser entendido como filosofia. Um pseudopensamento teratológico derrama-se em páginas que são esmaltadas, quase parágrafo a parágrafo por afirmações deste género: que Aristóteles «continua a exercer o melhor preceptorado sobre quantos se dedicam aos estudos filosóficos»; que na leitura do Estagirita «se adquire maior agilidade mental por haver reduzido ao mínimo o pesado lastro da sensitividade»; que foi um desastre «a decadência dos estudos de gramática, retórica e dialéctica no nosso ensino»; que os eruditos (?) não têm prestado atenção aos «malefícios que no nosso País conjuram as sucessivas editoriais ou editoras que se dedicam principalmente a publicar obras estrangeiras»; e até que «o corpo da mulher não é igual ao do homem». A antologia incrível, para ser bastantemente representativa, teria que reproduzir quase integralmente o livro. E, por uma das estranhas anomalias da cultura em Portugal, há quem considere obras destas um respeitável magistério doutrinário. A edição, que tem o valor de um documento significativo, é da* Sociedade de Expansão Cultural.

- *Traduzir para português os poemas de Shakespeare é empresa difícil e perigosa. Assim o reconheceu sériamente Maria do Céu Saraiva Jorge, que levou a cabo a tentativa e do seu resultado deu testemunho num volume há pouco vindo a publico. Só cotejando passo a passo o original e a tradução se poderá ajuizar da fidelidade desta. A elegancia literária da versão portuguesa é que se vê logo evidenciada, com a adjuvante dificuldade vencida da tradução em forma poética rimada. O trabalho foi complexo e árduo, sem duvida, tornando acessível aos leitores portugueses uma obra lírica que é complemento expressivo das geniais criações do dramaturgo.*

- *A* Sociedade de Expansão Cultural *publicou os dois primeiros volumes da obra «Contos, Fábulas, Facécias e Exemplos da Tradição Popular Portuguesa», coligidos e narrados por Ana de Castro Osório. Completa-se com ela a meritória faina de divulgação empreendida na edição das «Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa», em que se reune um património secular de inventiva e de intenção moralística magistralmente reconstituído por uma notável escritora. O 1.º volume, agora apresentado, inclui a narrativa «O falso testemunho da Lua e outros Contos e Exemplos»; o 2.º volume insere «A Coruja fiadora e outras fábulas». Nestes livros é dada, sem duvida, «a muito humana e profunda vida moral do nosso Povo».*

Colecção Autores Portugueses

Acaba de sair

A NOITE DA VERGONHA

por Mário Ventura

A revolta angustiada e a amargura, perante um mundo hostil, de um jovem da nossa época, num vibrante romance de estreia

Esc. 25$00

Livraria Bertrand

FAURE DA ROSA

A CIDADE e a PLANÍCIE

CONTOS E NOVELAS

UM NOVO ORIGINAL DO GRANDE ROMANCISTA DE «ESCALADA»

Nos seus contos rusticos da «planície», a humanidade camponesa ganha novas dimensões na nossa literatura, um aprofundamento subjectivo que não pode deixar de ser assinalado.

COLECÇÃO CONTEMPORÂNEA

PORTUGÁLIA EDITORA